

T. A. ARAGIPE JUNIOR

LITTERATURA BRASILEIRA

JOSÉ DE ALENCAR

PERFIL LITTERARIO



RIO DE JANEIRO

EDIT. DA -- ESCOLA -- DE SERAFIM JOSÉ ALVES -- EDITOR,

83 -Rua Sete de Setembro--83

LITTERATURA BRASILEIRA

JOSÉ DE ALENCAR

PERFIL LITTERARIO

AO CORONEL

Joaquim José de Souza Sombra,

com o nome de infancia de José de Alencar, a aquelle que
incitou-o a escrever o primeiro ensaio de romance

○ Autor.

ADVERTENCIA

Não me propuz a escrever a vida de J. de Alencar. Da biographia tirei quanto fosse bastante para explicar a feição e as modificações por que passou o litterato, e por esta razão dei a este trabalho o titulo de *perfil litterario*.

Outro sim evitei embrenhar-me em caminhos, de onde não pousse regressar senão com grande difficuldade.

A reconstituição de minhas ideias data apenas de 1873. Foi neste anno que li pela primeira vez *The first principles* de Spencer, *A Historia da civilisação na Inglaterra* de Buckle e os trabalhos criticos de Taine. Residia eu então na provincia do Ceará, quando ali formou-se um circulo de moços estudiosos, de quem constituiu-se centro o fallecido Raymundo da Rocha Lima, discipulo fervoroso de Comte.

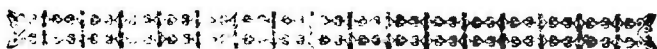
Neste circulo passou-se em revista, quanto permittiam as forças, todas as idéas do seculo. Como era de esperar não tardou que as conversações se fizessem jornal e o jornal tribuna. A questão religiosa ia no seu auge. Organisaram-se conferencias contra o clero, e tal movimento chegou a chegar na opinião esta simples *estudiantada* na phrase dos catholicos, que um illustrado dezembargador não receio dar a Fortaleza o nome de Tübingen brazileira. A exemplo de Capistrano de Abreu, Thomaz Ponce, e outros fortes do circulo, entrei n'estes ensaios.

Sem estudos scientificos, tão pouco accessiveis sendo hec aos bachareis em direito, apenas auxiliado por leituras de *debe tanti*, depois disto, lenta foi para mim a ascensão da montanha philosophica.

Não podia ser indifferente ao ingresso no paiz de novas ideias mas era obrigado por hygiene a sujeitar me a um processo de assimilação cauteloso. Se lenta foi pois a transformação mental, mais lenta ainda devia ser a mutação dos habitores litterarios, das engrenagens empregadas na composição dos habitos enfim adquiridos na primeira lição.

Ninguém mais do que eu desejaria tratar da arte em de Aleucar com todo o rigor dos subsidios que a physiologia offerece a quem procura estudal-a; mas para isto ser necessario esperar a acção do tempo. N'estas circumstancias força é que a obra corra com o vicio de origem, desculpano de-se o que n'ella houver de apologetico.

Não quiz charlatanear. Uma nova doutrina não se ajusta com a mesma facilidade, com que se enverga uma casa na alfaiataria do Raunier.



JOSÉ DE ALENCAR

PERFIL LITTERARIO

A primeira vez que vi José de Alencar foi em 1860.

Estava com os meus onze annos apenas;—nessa idade em que todas as impressões são fortes, violentas;—nessa idade em que despontam para o homem os primeiros raios da poesia. Passava elle por Pernambuco em demanda da provincia natal, aonde ia buscar as inspirações potentes, que o artista deveria depois transformar na joia conhecida no mundo litterario sob o nome de *Iracema*. E' incalculavel o abalo que me causou então esse olhar distraído e ao mesmo tempo brilhante, esse olhar excepcional que todos nós lhe admiravamos, e que denunciava o vidente em cons-

tantes communicações com os intermundios do pensamento.

Considero essa data como um acontecimento em minha vida.

Na minha ingenuidade de criança julgei-o mais do que um homem; e, porque o *Guarany*, primeiro romance que li, já grandes sulcos traçara em meu tenro espirito, pensei que o autor de cousas tão bonitas mal poderia roçar a terra com os pés. Esta circumstancia influiu de um modo decisivo sobre a minha vida futura.

Nos meus devaneios pueris nunca entraram nem as ambições gloriosas da palavra, nem os delirios da politica, nem as pujanças do dinheiro, nem os arrastamentos das bellas artes; parecia-me, porém, que não haveria grandeza superior á de um *fazedor de livros*, e principalmente de livros como o *Guarany*. *Si parva licet...* não sei si em boa hora me veio este *anch'io son pittore*. Ignorava as torturas do ideal, e estava ainda bem longe de pensar nos castigos que a natureza inflige ao audaz que tenta levantar o véu dos seus mysterios. Seja, porém, como fôr, deste ponto data o meu desvairamento litterario. Pudesse tão peregrino engenho ouvir-me da tumba, aonde o deitou para sempre a combustão de um cerebro ardentissimo. e eu o culparia desassombrado por tamanho crime!

O que é certo é que, depois de 1860, foi-me o vulto daquelle homem obsessão constante, nas aulas, nos passeios, no repouso... E ainda agora me recordo do prazer profundo, quasi attingido á idolatria, com que indagava as menores particularidades de sua vida

escolastica, pondo-me a par não só do seu modo de pensar, como do methodo empregado na composição de suas obras. Essa tenaz cultura da imagem de um artista, pelo decorrer da vida de academico, assumiu proporções incalculaveis.

J. de Alencar viveu na minha alma durante essa epoca com um vigor indizivel. Povoava-a inteiramente. A sua imagem absorvia-me, os seus livros roubavam-me as horas mais preciosas; e pensamento que não viesse vasado pelos moldes que lhe eram peculiares, repellia-o meu espirito como ao amargo a boca. Era que o seu estylo fluente e suavissimo embriaga-me como subtil veneno. Minha alma estava de todo saturada.

O ardente desejo de tornal-o a vêr foi emfim satisfeito em 1870. Tinha então o autor de *Luciola* abandonado o gabinete 16 de *Julho*. Fui encontral-o no ameno sitio da Tijuca, onde desafogava-se das lutas tão malfadadas, emprehendidas por sua titanica intelligencia contra mil obstaculos oppostos á sua carreira. Para seu espirito de artista este periodo constituirá uma noite tenebrosa, sulcada por enormes relampagos de genio. De alguma maneira essa noite o extenuára; e foi talvez germen de dissabores, para os quaes não creára a natureza a alma de quem tão feminilmente traçara os typos de Cecy, de Carolina, de Diva e outros; dissabores que, como mais tarde mostrarei, aggravaram os seus incommodos, tendo antes disto impresso ao seu caracter de romancista direcção desconhecida.

Com razão a poesia reconquistava-o; e a sua vin-

gança foi solemne, porquanto no remanso deste ocio foi que elle compoz os livros de *Senio*.

Escrevia elle os *Sonhos d'ouro* quando ahi cheguei, romance que ia lendo á familia, capitulo por capitulo, á proporção que os ia compondo. Jovial, como quem acabava de um pesadelo, sua alma mostrava-se desanuviada de todos os pesadumes que por vezes a enegreciam. Pude então vêr quão amovel era aquella creatura, e de que recursos para captivar os outros não dispunha o seu coração de poeta.

A Tijuca é incontestavelmente um sitio proprio para ninho de poetas, e dir-se-ia que, graças á amenidade daquelles pincares, J. de Alencar, quando para alli refugiava-se, esquecia-se do mundo. Verdadeiro genuflexorio, como elle mesmo a chamou, posto entre a terra e o céu, a Tijuca tinha o magico poder de transformal-o, isto é, de obrigar-o ao seu papel. Seu espirito gentil perdia-se na vastidão da nossa pujante natureza, mergulhava-se nos abysmos, nos limbos do pensamento, e, uma vez retemperado, quando voltava, era para trazer-nos, como o mergulhador de Schiller, alguma gemma inestimavel.

Não descreverei as impressões que experimentei nesse dia famoso. Descendo a cousas minimas, apesar da intimidade, direi mesmo da ingenuidade em que se envolvia aquella alma em occasiões semelhantes, o idolo não desceu do altar em que o collocára a imaginação do adolescente. O prestigio augmentava mais e mais, e, a cada particularidade em que seu espirito fecil se projectava, novos e desconhecidos alentos tomava minha alma. Na volubilidade de uma conversa-

ção animada fez-me percorrer todos os repositórios de seu saber, todos os recessos de uma imaginação tropical. J. de Alencar tinha desses dias de expansões, e quem quer que o encontrasse nessas felizes disposições, podia ver bem de perto a matriz, o veeiro de onde jorravam tão preciosos metaes.

Ainda estou bem lembrado de uma phrase que ouvi-o pronunciar indolentemente, quando passeava pelas alamedas do pittoresco sitio da Tijuca, assumptando a proposito do mais insignificante objecto que caía sob suas vistas :

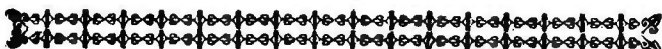
— Cousa singular ! Ninguem havia de suppôr, dizia elle, que as imagens mais frequentemente empregadas em seus livros brotavam-lhe da penna quando menos esperava, sem que pudesse determinar em que situação a natureza fornecêra-lhe os precisos elementos.

Sem o pensar o autor de *Luciola* confirmava, confessava a lei ditada por um eminente critico moderno, isto é, que a maior parte do genio consiste em actos inconscientes. Das vulgaridades douradas por sua imaginação passou de subito para a revelação dos trabalhos de Hercules. Com o mais vivo interesse ouvi então a invocação dos *Filhos de Tupan*, a descripção da luta entre dois guerreiros selvagens, e uma barca-rola mimosa, trecho sublime de um poemeto sobre *Nictheroy* que ainda está por publicar.

E' inutil referir que surpresa experimentei vendo-o no meio dos seus manuscriptos, e quasi que, por assim dizer, no momento mais solemne da vida do artista—o acto de gestação.

Entrando em seu gabinete de trabalho, não me escapou a observação de quanto elle era avesso á *pose*. Em torno de si nem um só desses objectos grotescos de que ordinariamente se costumam cercar os phantasiosos.

No seu ninho da Tijuca tudo respirava simplicidade e candura. A natureza e elle.



I

GENESE ARTISTICA

1829—52

Não será fóra de proposito lembrar que o autor do *Guarany* viu a luz do dia em um clima torrido, onde a terra e concumitadamente os seus habitantes passam por ahalos periodicos, occasionados pelo terrivel phenomeno das *séccas*.¹ Até que ponto estas influencias puderam ter concorrido para a formação de seu caracter, bem difficil seria determinar, principalmente tendo elle abandonado os patrios lares em tenra idade. O que é certo, porém, é que, transportado para esta côrte aos dez annos, trouxe pelo menos o sangue de sua raça, já trabalhada pelos fogos do sertão do Cariry, e as emoções infantis recebidas em uma penosa viagem atravez dos valles que unem o Ceará a provincia da Bahia.²

¹ J. de Alencar nasceu a 1 de maio de 1829.

² Vide nota final ao *Sertanejo*.

Infancia é cêra ; e, si esta se consolida sem alteração profunda, as impressões então recebidas tornam-se indeleveis.

Que apesar das glórias conquistadas no Rio de Janeiro, da sua adaptação a este centro, aonde tinha os seus clientes, havia nelle um constante e sincero voejar para os carnaúbaes de sua terra nativa, prova-o a *Iracema*, talvez a sua obra mais espontanea, em que reina uma commoção tamanha, que só o *amor* do objecto presente, ou a reminiscencia fortemente impregnada de saudade poderia bem explicar.

Creio que tudo seja explicavel em um trabalho de arte ; e, quanto a J. de Alencar affirmo que a boa conformação de seu talento não teria tomado a direcção que tomou sem a indole que recebeu com o sangue. Era elle neto de uma senhora de espirito varonil, que figurou nos calamitosos tempos em que as liberdades patrias estiveram em perigo. Esta senhora foi a expressão mais completa do temperamento da familia a que pertencia. Sanguinea e nervosa, tinha em si assomos irresistiveis, cogitações e deslumbramentos além do seu sexo e da educação sertaneja que recebera. Nessa época havia uma cousa que cessou com o decorrer dos tempos—o odio ao partido portuguez, que representava o elemento da oppressão ; e ella, graças ao seu genio imperioso, quando surgiu a reacção, foi alvo das mais sérias accusações. Conspirára contra o rei, diziam ; mas a verdade era que essa senhora só fizera imitar o exemplo de Volumnia, fortalecendo o espirito de seus filhos com a presença de um animo nquebrantavel, e ensinando-lhes a não supportar ul-

trajes. Chamava-se Barbara de Alencar. Foi muito respeitada por quantos a conheceram, e o autor do^s *Martyres Pernambucanos* faz-lhe a justiça merecida.

De quatro filhos que teve esta cearense, dois não desmentiram as suas tendencias e energias patrioticas. Um delles, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, foi logo devorado pela voragem, que os arrojos indomaveis de sua indole abriram-lhe na mallograda Confederação do Equador. José Martinião de Alencar, porém, que, herdára em maior escala a prudencia e a sagacidade, recebendo com mais calma o embate da contra-revolução, evitou a catastrophe, e por felicidade nossa, porquanto sem isto teriamos sido privados de um dos cerebros mais artisticamente organisados, que já existiram em nossa terra. Essa prudencia, entretanto, parece ter-se atrophiado no primeiro rebentão. De um prologo de J. de Alencar verifica-se, por uma expressiva confissão, que elle herdára de sua mãe todos os fogos da imaginação potente que possuia; tendencias até certo ponto morbidas, que neutralisaram em muito o genio sobranceiro, a violencia calculada, uma certa tyrannia de faculdades, que incontestavelmente o deputado da constituinte exercia sobre si. A combinação de todos estes elementos juntos, regidos de uma determinada época em diante por bilis derramada com profusão, aos anceios febris de sua mente, e, o que é mais admiravel, por crueis e desconhecidos desenganos; a transformação das energias e violentos impulsos herdados atravez da enervação extrema de sua mãe, deu em resultado o mais caprichoso dos artistas americanos, que teria sido um

Theophilo Gautier ou um Alfonse Karr em qualquer outro paiz que não fosse a terra dos Brazis.

Segundo ouvi a pessoa que muito de perto o acompanhou nos seus primeiros folgares, correu sua infancia desanuviada de certos preconceitos proprios da idade. J. de Alencar logo no alvorecer da vida mostrou-se uma natureza soberana. Absorvia tudo quanto se lhe approximava, e, cheio de vivacidade, soube muito cedo captar, por sua indole artistica, a admiração dos pequenitos que o seguiam nas apraziveis conquistas dos campos e tableiros do Alagadiço Novo. Como criança, o que está averiguado é que a sua nota predominante foi a de nunca se deixar exceder pelos outros. Veremos, depois de desenvolvidos pelo decorrer dos annos, os dissabores que estes germens por um e outro lado lhe produziram.

Muito ha que dizer sobre as origens de um poeta, como sobre as origens de um povo. Tudo quanto se vê na idade madura está alli em diffusão. O estudo, porém, dessa nebulosa de onde sae o genio, é um trabalho arduo e por demais scientifico para que o emprehenda agora, maxime escrevendo artigos ligeiros, sem pretensão a uma analyse rigorosa.

Será bastante accentuar as côres que mais se exaggeraram no alvorecer dessa vida, que para nós brazileiros tão cheia foi de illusões autonomicas; e, quanto ao mais, não passe este estudo de uma simples

concatenação de factos que dêem uma rápida idéa da formação daquelle selecto espirito.

Recordo-me de ter ouvido um dia a J. de Alencar que estreára no mundo litterario pela charada. Era elle então bem pequenino; mas, já dotado de um desenvolvimento litterario superior á sua idade, conseguira atrair, pela lucidez de suas proposições, a attenção das pessoas mais velhas que se reuniam na chacara de S. Christovão, aonde habitavam seus paes. Uma das pessoas que mais haviam concorrido para a impulsão artistica do seu espirito fôra um seu parente, o Rev. Carlos Peixoto de Alencar, deputado á Assembléa Geral, o qual, vindo frequentes vezes á côrte, apaixonado pela vivacidade do menino, tornara-se um eterno incitamento aos seus naturaes talentos. Foi este quem revelou-lhe a chave das charadas, e que constantemente exigindo-lhe composições deste genro, e applaudindo-o sempre, conseguiu obter dos esforços da criança uma perfeição talvez precoce. Era com effeito uma natureza como tenho conhecido poucas a do Rev. Carlos. Adorador de crianças, alma candida, incapaz de afagar um pensamento sombrio, orador feroso e eloquente, brincalhão ao extremo, soffrendo de frouxos de riso quando lhe contavam qualquer anedocta, sem deixar de ser por isto um talento cheio de agudezas, ninguem estava mais no caso de afagar, de aninhár, de aquecer entre os frouxeis de uma bonhomia jucunda a implume aguiazinha que tentava voar.

Quantas naturezas originaes não se tem atrophiado no limiar da vida, quantos cerebros não se tem perdido fóra de sação, por encontrarem logo o gesto sinistro de um preceptor, a ferula carunchosa de um *magister*, e o riso sardonico de um pae implacavel !

A infancia é como o botão que se desata : quer orvalho e um sol tepido. Vibre o céu um raio candente, ou envolvam-na os gelos da Siberia, e a planta está morta. As complacencias, os risos apostolicos daquelle bom sacerdote foram, pois, o orvalho que vicejou a flôr, de onde teriam de sair os perfumes da *Iracema*, da *Viuvinha*, do *Guarany*; e patentearam-lhe a quêda para as agudezas que de futuro deveria ser uma das notas mais accentuadas do litterato illustre. Dizia a familia que o Rev. Carlos o quefazia era deitar a criança a perder ; mas o que é certo é que o embalar dessas velleidades juvenis foi o caminho aberto ao maravilhoso do romance, que tão cedo teria de encontrar guarida naquella alma poetica.

Não foram desmentidas na vida de collegio as esperanças que as agudezas do menino fizeram conceber á familia. Sedento de glórias, ao passo que se tornava indifferente ás cifras e ás gymnasticas da memoria, desenvolvia-se de um modo singular nos themas e composições. O esmero da fórma valeu-lhe logo incontestados triumphos. E' que as seducções do ideal já o chamavam á patria dos artistas.

Estas e outras circumstancias, que não são pequenas na vida de um homem como J. de Alencar foram de grande peso na direcção de seus estudos. Cedo levaram-n'o á consciencia do proprio valor e

encheram-n'ò de um tal ou qual orgulho, que obrigou-o a afastar-se do que é vulgar, e a concentrar-se em si para crear novos alentos. Isto lhe serviu de muito, e premuniu-o seguramente de uma certa gafeira que persegue a mocidade talentosa e a desvia do seu verdadeiro objectivo, mergulhando-a no gozo immediato de gloriolas e transacções louvaminheiras, que são a morte de toda a inspiração. Desta sorte, longe de atirar-se soffrego no torvelinho da imprensa, a escrever sem tino, em busca de um nome precoce, viam-no prudentemente preparar-se para uma estréa, como quem estava certo do papel que teria de representar na litteratura de seu paiz e não receiava competencia capaz de antecipar-lhe o brilho. E' raro um facto desta ordem; é raro em um joven, que sente-se capaz de escrever cousas que o elevem, encontrar-se uma paciencia semelhante. Pois J. de Alencar a teve, e não se pôde attribuir á modestia, sinão a um zelo sem limites pela futura reputação a que um legitimo orgulho o induzira. Não quiz se apresentar na areña vacillante; preparou-se com um plano anticipado, e só appareceu armado, como a Minerva dos fastos mythologicos.

Todos sabem que a sua estréa nesta corte foi uma surpresa para muita gente.

A passagem de J. de Alencar pelos bancos academicos foi quasi que obscura. Pouco se occupou com as Pandectas; nenhum ruido fez entre os collegas, e só os intimos conheciam a vastidão da intelligencia que se aninhava em corpo tão fragil. O autor do *Guarany* nunca procurou nestes tempos sobresaír.

Tinha levado para S. Paulo a imaginação e a sensibilidade profundamente abaladas pelas leituras dos romances que sua mãe o fazia ler para distrair-se; e, enquanto os companheiros se occupavam nessas intermináveis polemicas, nessas justas interessantes, que tem constituido o galardão da academia paulistana, elle, Xisto V de nova especie, escondia-se para ruminar os seus planos de gloria futura. Lia sem descanço novellas, e promiscuamente pas sava em revista os monumentos da litteratura romantica. De ordinario não é isto o que acontece a quem começa a encontrar encanto nas leituras de livros imaginosos; ha em taes diversões mais volupia que arrasta a uma falta de sobriedade na escolha dos livros, do que um aprazimento cauteloso.

O leitor gera o entusiasta, e o entusiasta o escriptor. Nelle porém, a imaginação cedo se impoz com tanta vida e força, que as leituras puderam em tempo ser subordinadas a uma individualidade. Tudo, portanto, quanto neste período J. de Alencar fazia passar por diante dos olhos era com um intuito já formado, como quem procurava alguma cousa que lhe faltava, um órgão para a manifestação das idéas luminosas que lhe tumultuavam na alma. Não eram inspirações, que estas se apresentavam espontaneas; o que mais o aguilhoava era a fôrma que lhes havia de dar, as roupagens, com que havia de adornal-as. O seu trabalho foi incontestavelmente arduo, e revelador de uma decidida vocação artistica. A prova mais evidente deste acerto são as suas continuas visitas aos alfarrabios da bibliotheca de S. Paulo, onde horas e horas perdia elle, não se nutrindo com alguma curiosidade ou historia do pas-

sado, que lhe recreasse o espirito, mas copiando trechos de João de Barros e Damião de Góes, decompondo os periodos monumentaes desses escriptores, diluindo phrases, compondo de novo, buscando com paciencia benedictina descobrir o segredo da originalidade dos seus dizeres tão pittorescos. Os assumptos pouco interessavam á sua musa fertil; a linguagem era tudo. Como Pope, tal qual nos foi revelado por Taine, J. de Alencar só procurava um estylo. E achou-o. Adiante veremos como esse estylo foi a alma de suas obras.

De posse do segredo dos deuses J. de Alencar tratou de ferir o objectivo para o qual o arrastava a vocação. Afigura-se-me o artista no momento sagrado da gestação, como o Jehovah das Escripturas, cheio de verbo creador, onde em embrião existe tudo o que ha por fazer, e no qual confia, porque é a propria substancia que estremece. Um mundo inteiro em lineamentos agita-se na sombra. O que será elle? Não sabe, mas sente. Do cahos ha de sair, e o seu espirito o fecundará. O *fiat* o tornará visivel, resplendente: o *vidit esse bonum* estreitará a creatura ao creador.

Penetrar na genese do espirito aonde tudo isto se passou, é um impossivel. Seria necessario abranger toda a complexidade do ser humano.

E' mister um ponto de partida, e quanto a J. de Alencar hasta o que já foi assignalado.

A energia quando determina-se e se conhece deixa atraz de si um abysmo, para o qual raro olha sem vertigem. Entretanto é por ahi precisamente que ella se une ao grande todo. Ouse quem achar-se com coragem explicar a vocação. Por minha parte a deixo nos

limbós, e só no momento em que se traduzir em facto a apanharei para acompanhá-la, como á planta desde o começo da sua evolução vegetativa na semmente.

J. de Alencar não foi um poeta inconsciente, e esta unica proposição será sufficiente para explicar toda sua vida litteraria. Obedeceu precocemente a uma vocação, sentiu-se forte, dirigiu suas faculdades e tornou-se um artista consummado. A' obra antecedeu um pensamento. A natureza exterior não veiu a elle, não o coagiu; não fez gemer como Job sob os raios do sol do deserto. Foi elle que correu ao seu encontro, abriu-lhe os sacrarios e tomou-lhe as côres com que havia de dar forma ao vago das suas inspições.

Como vimos, os meios de manifestação já estavam determinados. Uma tendencia particular de seu organismo o levára ao estylo, e esta tendencia quando não pudesse ser domonstrada por factos intimos, ainda assim teria um documento irrecuavel. Apesar de seu retraimento calculado, J. de Alencar, durante os tempos de academico, chegou a publicar alguns artigos em um jornal intitulado *Ensaio*, precisamente no 1.º anno do curso, em que de ordinario o estudante eleva-se sobre as azas de uma desmesurada confiança em si. O autor do *Guarany* não deixou de pagar esse tributo. O que, porém, é notavel é a natureza destes seus primeiros escriptos. Não participavam em cousa alguma dos lampejos, expansões paradoxaes e sobre tudo imaginosas da primeira idade litteraria. Erguendo a ponta do véu que occultava o seu espirito, não deixou entrever o talento

creador. Caprichoso, os seus assumptos eram estudos sobre a lingua, sobre o estylo e anthropologia. ¹

E' com prazer que o vejo depois traduzir essas suas preoccupações numa das mais lindas paginas de suas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*.

A palavra, esse dom celeste que Deus deu ao homem e recusou ao animal, é a mais sublime expressão da natureza: ella revela o poder do Creador e reflecte toda a grandeza de sua obra divina.

Incorporea como o espirito que a anima, rapida como a electricidade, *brilhante* como a luz, *colorida* como o *prisma solar*, communica-se ao nosso pensamento, apodera-se d'elle instantaneamente e o esclarece com os raios da intelligencia que leva no seu seio.

Mensageira invisivel da idéa, *iris celeste* do nosso espirito, ella agita as suas *axas douradas*, *murmura* ao nosso ouvido docemente, *brinca ligeira e travessa* na imaginação, *embara-nos* em sonhos fagueiros, ou nas suaves recordações do passado.

Reveste todas as formas, reproduz todas as variações e nuances do pensamento, percorre todas as notas dessa gamma sublime do coração humano, desde o sorriso até a lagrima, desde o suspiro até o soluço, desde o gemido até o grito rouco e agonizante.

A's vezes é o *buril* do estatuario, que recorta as fórmas graciosas de uma criação poetica, ou de uma cópia fiel da natureza: aos retoques desse cinzel delicado a idéa se anima, toma um corpo e modela-se como o bronze ou como a cêra.

Outras vezes é o pincel inspirado do pintor que faz surgir de repente do nosso espirito, como de uma tela branca e intacta, um quadro magnifico, desenhado com essa correção de linhas e esse brilho de colorido que caracterizam os mestres.

¹ Nos *Ensaíos litterarios* fundado por elle e outros collegas em 1846, em S. Paulo, publicou varios trabalhos sobre o estylo e uma biographia do indio Camarão. Depois disto emmudeceu. Só, passados muitos annos, corrigiu, modificou e deu á publicidade dois ensaios que fez em Olinda, quando ahi estudava o quarto anno—*Alma de Lazaro* e *Ermittão da Gloria*.

Muitas vezes é a nota solta do hymno, que resôa doce-mente, que vibra no ar, e vae perder-se aléa no espaço, ou vem afagar-nos brandamente o ouvido, como o echo de uma musica em distancia....

O sentimento faz della a *chave dourada* que abre o coração ás suaves emoções do prazer, como o raio do sol que desata o botão de uma rosa cheia de viço e de fragancia.

Eis o que J. de Alencar queria fazer da palavra, «simples e delicada flôr do sentimento, nota palpitan- te do coração».

Estudados «a fundo a força e os recursos desse elemento de actividade», e collimado o objectivo, só faltava partir.

Parece-me, entretanto, que neste ponto deram-se sérias hesitações em seu espirito. O theatro, onde se deviam passar todas as scenas que rodopiavam em seu cerebro, apparecia-lhe ainda como ao longe, indecisamente. Os caracteres amalgamavam-se, antes de affirmar-se. A nebulosa não conseguira transformar-se em mundo.

Creio ser esta a historia verdadeira de toda a idéa.

Ha toda razão para presumir-se que a sua trans-plantação para esta côrte, atravez dos sertões do norte, houvesse-lhe infundido na alma uma impressão perduravel. Depois a contemplação dessa natureza alterosa do sul naturalmente devia ter-lhe provocado na mente contrastes indeleveis. As viagens a S. Paulo e a convivencia nessa terra onde as tradições são tão vivas ainda com respeito aos primeiros exploradores do

Brazil, sem duvida aguçaram-lhe o appetite das cousas patrias. De envolta com os classicos em que estudava o estylo, se lhe desvendou inconsciêntemente o rico manancial dos chronistas brasileiros. Tanto bastou para que uma ideal, que a furto despontava-lhe nos céus da imaginação, se concretizasse no argumento de um sem numero de romances.

Planos e mais planos de bellas obras se agruparam então em seu cerebro, e o romancista indeciso determinou-se a ser brasileiro.

E' facil calcular o labor empregado por J. de Alencar para attingir esse desideratum, e separar a luz das trevas. Sei que fez muitos ensaios, nos quaes por fim a paisagem surgiu, como uma reminiscencia de um sonho e de um Eldorado talvez; mas esta era solitaria como devêra ser a terra antes da apparição do homem. De confissões suas depreheende-se que, só depois de muito cultivar este genero, escrevendo sem destino para a pasta, chegou a erigir a estatua do homem e a travar a luta das paixões. Foi seguramente o 6.º dia do seu genesis artistico, o qual devia se prolongar, sem descanso, até o momento de baixar á sepultura.

As difficuldades eram obvias. Olhando em torno de si foi-lhe necessario encontrar-se com a natureza dos tropicos, com esse verdadeiro Brazil que o gerára, e do qual o separavam milhares de circumstancias resultantes da civilização européa que o recebêra no berço. Estas influencias não podiam ser eliminadas por um simples acto de vontade, nem a fatalidade do meio de onde saíra; elle não podia em absoluto repeller a atmospherá intellectual e moral que o envolvia. Isto,

porém, não obsteu a que a tendencia primitiva, filha de seu temperamento e de outras causas insondaveis, combatesse as influencias subtis da educação. Parte dessa natureza, o sol, os cambiantes, o dulçor das auras, o que ha nella de mais vivido tinha-se desde logo diluido na palheta de seu estylo. Mas os mysterios contidos na realidade lhe escapavam, precisamente porque para chegar a elles seria preciso mergulhar-se de todo no seu seio profundo. A luta, pois, foi renhida; pôde-se dizer a luta de todos os idealistas. E esta deu-se atravez dos prismas que interceptavam o mystico abraço.

J. de Alencar atirou-se com sofreguidão aos chronicistas e aos escriptores de character puramente americano, aos pintores da natureza agreste, e começou então um estudo apaixonado de tudo quanto servisse para dar vida e luz a seu espirito, fazendo emergir do obscuro esse sonho que constituia a essencia de sua propria natureza. Do mesmo modo que o chimico luta por tirar do carvão a diminuta parcella do diamante, elle empregava todos os esforços para realizar uma crystalisação ainda mais admiravel, a da propria alma.

O mesmo gosto que o levára em menimo ao enigma, attraiu o adolescente ao passado de sua patria. Quiz decifral-o, dar-lhe forma, e de vago reduzil-o a concreto. E, como seu genio não se afeiçoava á analyse, á observação, tentou adivinhal-o. O diffuso o horrorizava; a fôrma nitida, eis sua grande seducção. Dahi a angustia com que o auctor do *Guarany* busca na leitura uma sensação que lhe explique de um só jacto tudo quanto em si não passa de aspiração, que de um

só *coup de baguette* faça emergir diante dos olhos de sua imaginação o sonho por uma vez consolidado. Enquanto o microcosmo não se transformou numa representação luminosa do que até então era abysmo, não descançou. Sob este impulso compreende-se quanto a indole dos poetas germanicos, com o pantheismo de Goethe á frente, lhe devia ser odiosa. A nevoa do norte suffocal-o-ia. Não ha um unico escripto seu, principalmente de sua mocidade, que denuncie impressão duravel occasionada por algum poeta desta escola. Fausto e Hamleto não pertencem á raça dos escolhidos de seu coração.

Lançado em nova peregrinação atravez das prôvincias litterarias que estavam no caso de afagar semelhante paixão, foram os poetas da luz e do amor os seus verdadeiros guias.

Em suas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos* acham se registrados todos os progressos destas influencias. Como na crosta de um terreno de formação recente, alli encontra-se a historia de todas as camadas, que se foram superpondo á lava primitiva, e com ella se amalgamaram. Um exame cuidadoso destas cartas mostra quanto attrairam sua imaginação os Hafis de todas as litteraturas, os fulgores do genio oriental; mas como sua sensibilidade não se coadunava com os rigores e enormidades fulminantes, com as agruras apocalypticas das imaginações puras, mais de uma vez teve de esgueirar-se pela melancolia, que inspiravam certos aspectos de natureza. Assim vê-se

as brutaes e candentes manifestações de Hugo quebradas pela fibra chateaubriânica e lamartineana, fundirem na alma do poeta uma luz harmoniosa, uma claridade benigna, que, envolvendo toda a natureza, a transforma em uma phantasmagoria. Aos seus olhos o sol não abrasa, antes obriga-nos a viver deliciosamente; a seu influxo tudo se doura, tudo se torna diaphano, tudo se desfaz em suavidades, no seio das quaes o amor vivido se dilata em ondulações voluptuosas. Occulta-se o enorme, desfazem-se os aspectos terriveis, para só se lhe revelar a louçania, o mimo, a garridice, os caprichos e as faceirices da proliíca Ceres. E' assim que elle lamenta «que o sol de sua terra, esse astro cheio de luz e de esplendor, não inspirasse a Magalhães versos mais repassados de entusiasmo e poesia.» «Si fosse poeta,» dizia o futuro autor de *Iracema*, «si quizesse compôr um poema nacional, pediria a Deus que me fizesse esquecer por um momento as idéas de homem civilizado, e, embrenhado pelas matas seculares, contemplaria as maravilhas de Deus; veria o sol erguer-se no seu mar de ouro, a lua deslizar-se no azul do céu, ouviria o murmúrio das ondas e o écho profunda e solemne das florestas.»

A luz constitue toda a vida de sua poesia, mas uma luz temperada e coada atravéz de um coração amoroso e terno, sem os excessos, as trevas repentinas, as tristezas, as magoas, os pesadumes dos seus mestres Chateaubriand e Lamartine,¹ de quem só

¹ Vide *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*, pag. 2..

o captivaram o doce orvalhar dos olhos e as scismas de uma tarde esplendorosa.

Cada um dos raios dos sol era um poema, cada uma das scintellas de sua luz uma poesia brilhante, cada um dos instantes de sua carreira um ciclo em que a imaginação percorria outros mundos, outras éras remotas e desconhecidas.

Farto dessa luz candida, « a natureza americana tão cheia de vida e encanto » não lhe inspirará sinão um delicioso sentimento da existencia. Todos os objectos, ao doce calor dos tropicos, se hão de mudar em maravilhas, e os personagens, creados ao bafejo de sua fulgida imaginação, sob a abobada azul e diaphana do céu, hão de participar dos caprichos desse sol que o poeta contempla com os olhos engolfados na linha profunda do horizonte « a reclinar-se sobre um leito de nuvens, cobrindo com seus reflexos de ouro e purpura os vapores ligeiros que se deslisam aos sopros da brisa da tarde. »

Nada nesse espirito se annuncia que não seja rutilo, ethereo, suavemente resplendente.

A patria de tal artista é uma especie de Arabia encantada, aonde a vara magica do genio concede a tudo tintas de feliciade. Esta é a terra do amor. Mas que amor! — um amor edenico e ao mesmo tempo caprichoso, como só o oriente sabe produzir. O amor que elle aspira é um « desses amores poeticos, innocentes, que tem o céu por doce!, as lianas verdes por cortinas, a relva do campo por divan, e que a natureza consagra como mãe extremosa. » Não é de admirar, pois, que a mulher atravessando esses sonhos

não se apresente sinão com uma *nimiedade* gentil, cercada de canduras e *tics* infantis, e que todas as suas concepções propendam para o que a natureza contém em si de mais tenue, perfeito e delicado «no frouxo roçar das arvores, nos murmurejos das ondas, nos cícios da brisa, nas *folhas de rosa* da harmonia.» Os typos, que mais lhe entram no coração são Eva de Milton, Haydéa de Byron, Atala de Chateaubriand, Cora de Cooper.

Tudo naquellas cartas está denunciando que o *gracil* para José de Alencar tinha-se constituido a fórmula da poesia.

E como não assim, si no estadio de sua vida a que nos referimos, graças ás disposições de seu espirito, elle não podia enxergar sinão o vivaz, o interessante, a gentileza! Os escriptos, portanto, referentes a todo o periodo que foi regido por este movimento expansivo, resentem-se deste traço característico,—da luz diaphana, do encantamento caprichoso, gracil e sorridente que se diffundia por sua alma de artista. Veremos mais tarde todos estes elementos condensarem-se em verdadeiras obras.

O que é certo e se torna bem patente pelas cartas alludidas é que não houve autores que concorressem tão poderosamente para a formação do estro de J. de Alencar como os poetas, os escriptores de veia oriental, nomeadamente Victor Hugo, e os confidentes do coração, Chateaubriand, Lamartine e Bernardin de S. Pierre; os primeiros como coloristas, os dois seguintes calcando-lhe profundamente o sentimento da paisagem, e o ultimo infundindo-lhe no animo as gottas

mais dulçorosas da vida e do amor. De semelhante fuzão nasceu o traço já indicado; e a poesia se lhe affirmã por toda a parte como a ternura da natureza revelada pelo som, pela côr, pela fôrma, pela luz, pela sombra e pelo perfume. E' insuflado por este sentimento que J. de Alencar volve-se para o seu bello Brazil, «filho do sol, cheio do seu brilho e luxo oriental,» e, tendo-o estudado atravez das velhas chronicas de Simão de Vasconcellos, Lery, Gabriel Soares, Rocha Pitta, e outros,¹ projecta a miragem que occupava seu espirito sobre a realidade para convertel-a num eden, onde sua fantasia viverá como em um paiz conquistado.

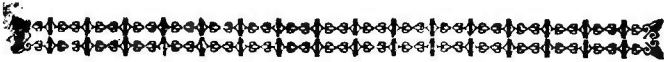
«A flôr da parasita, o echo profundo das montanhas, a restia de sol, a folha, o insecto falarão com eloquencia a seus sentidos,» e induzil-o-ão a crêr como os aborigenes em uma terra toda illuminada pela theogonia que Thevet depurou de entre superstições esparsas. Como os nheengaraçaras tupys, elle enxergará o beija-flôr, o guaynumby conduzindo as almas dos selvagens para além das montanhas azues, e encontrará por toda a parte «esta flôr celeste que iria-se de lindas côres aos rigores do sol,» adejando como genio benefico que se incumbe de supprimir aos olhos do poeta as torpezas das regiões tropicaes.

Rios esplendidos deslisarão atravez de florestas magnificas, cascatas soberbas scintillarão despenhando-se do alcantil das montanhas, lagos, atravez dos quaes singrará a canôa do indio guerreiro amoroso,

¹ *Cartas citadas*, pag. 85.

se mostrarão a seus olhos avidos de gozo; e no Brazil de sua imaginação, clareado pela luz magica e electrica, entrarão com elle milhares de olhos tambem cubicosos, que acreditando julgarão viver com os seres phantasticos do passado. E será no oasis, creado por sua fantasia, no meio de um deserto de imaginações avidas, que o autor do *Guarany* fará habitar um sem numero de entidades, que, uma vez contempladas, nunca mais se esvaecerão da memoria.

Outras leituras podiam ter concorrido para o desenvolvimento da individualidade de J. de Alencar. Sabe-se por exemplo que Walter Scott, Fenimore Cooper, Marriat, George Sand, Dumas foram por elle mui assiduamente lidos; mas as influencias destes escriptores foi seguramente secundaria. Porventura constituiram-se seus mestres naquillo que se considera em obras d'arte o exterior, o molde, a *charpente*; nunca, porém, entraram na composição do espirito de quem um dia devia escrever os primeiros cantos de *Iracema*.



II

EXPLOÇÃO

1852 — 56

Armado de uma forte inspiração, com um poema e um Brazil na cabeça, recebendo a carta de bacharel em direito, J. de Alencar apresentou-se um dia nesta Côrte a espargir prodigamente as perolas de seu talento. ¹ As primeiras produções não desmentiram o artista.

Quatro annos de tirocinio na advocacia, preenchidos os lazeres com estudos sérios, retemperaram-no para a luta da imprensa.

Havia então um estylista primoroso que sustinha o sceptro do folhetim no Rio de Janeiro. Era Octaviano de Almeida Rosa. Conhecendo-o dos tempos de academico e certo das forças de que dispunha o recém-chegado, vendo-se o traductor de Byron subitamente

¹ Formado em S. Paulo em 1850, neste mesmo anno passou-se para esta Côrte, onde praticou algum tempo a advocacia no escriptorio do Dr. Caetano Alberto.

obrigado a abandonar o campo de suas glorias, sentia-se embaraçado na escolha de quem dignamente o succedesse nas paginas menores do *Correio Mercantil*. Apresentou-se J. de Alencar; não hesitou um momento em indicá-lo. ¹ E deste modo ficou assentado que o auctor do *Guarany* começasse justamente por exhibir seus dotes de escriptor pela face em que mais esmero puzera. Estreou pelos notaveis folhetins intitulados—*Ao correr da penna*, de que ainda o publico fluminense guarda gratissimas recordações. ²

O estreante atira-se a uma vida de incessante movimento e producção. Avião de sensações, deixa-se envolver pelo turbilhão dos theatros, dos bailes, dos clubs, das festas, dos meetings, e, de reservado que era, eil-o, transformado por febril sobre-excitação, a projectar-se atravez das vulgaridades que o cercam na conquista do futuro. Multiplica-se, reconstitue sua educação litteraria, reconcilia-se com as Pandectas por instantes; a vertigem toma-o nos braços, e o mundo fluminense, dourando-se como em uma magica aos raios artificiaes de uma machina electrica, crea-lhe a cada passo estímulos irresistiveis.

No Rio de Janeiro de então pouco ou nada encon-

¹ O convite de Octaviano a J. de Alencar data de 9 de Agosto de 1853. São delle as seguintes palavras postas como corôa de saudades sobre a sepultura do amigo de outr'ora :

Para elles (refere-se a Salles Torres Homem e a Souza Franco redactores do *Correio*) foi motivo de festa a noticia reservada. . . Não podia haver fatura maior. Adivinhavam todos as suas grandes forças intellectuaes e todos lhe queriam bem. »

² Estes escriptos andão hoje colleccionados em um volume editado pelo Dr. Vaz Pinto Coelho.

trava capaz de subordinar seu espirito, imprimindo-lhe direcção diversa do elance primitivo. A sociedade fluminense offerecia as condições mais apropriadas para o florescimento de uma natureza fantazioza, amante das melopéas eoleas e das longas travessias pelas *regiões azues*. O mais ligeiro abalo não vinha quebrar a monotonia da vida politica, na atmosphera moral reinava completa serenidade; nem siquer uma dessas perturbações na republica litteraria, que deslocam o talento das sendas habituaes para, por uma forte commoção, transportal-o a plainos desconhecidos, inexplorados.

A nau do Estado corria placidamente, ao som das aguas, sob a doce influencia do systema constitucional. Longe iam já os tumultos de 1848; o tufão revolucionario cessára por uma vez, e com elle os arrebatamentos da alma patriotica, unica fonte das inspirações masculas dos Alfieris. Por outro lado não tinhamos chegado á época dissolvente que atravessamos, época que tem gerado em nós brazileiros tão pronunciado desgosto de nós mesmos, em que o desengano rege a esthetica e o sarcasmo serve-lhe de fórma.

A philosophia que tonificava o ambiente, si tal nome póde-se dar á completa despreoccupação dos problemas humanos e sociaes, era seguramente a que mais se coadunava com a indole contemplativa e enthusiastica do estreante. O voltaireanismo, que com tanta intenstidade no fim do seculo passado influira no animo dos incondidentes de Minas Geraes, perdera de ha muito seu valor; e para um paiz, onde os movimentos litterarios da França chegavam tão

retardados e enfraquecidos pela distancia, para um paiz indolente e resignado aos frouxeis da monarchia cheia de promessas, nada havia mais commodo do que um theismo harmonico e sem ruidos. O aspide da questão religiosa não surgira ainda. Ganganelli, si tinha risos anti-christãos, guardava-os sem duvida nos limbos do pensamento.

Entre os poetas e escriptores nacionaes nenhum apparecera com feição propria, com uma individualidade que produzisse verdadeira sensação no paiz, como écho fiel do seu estado esthetico. O movimento romantico, de que haviam sido fautores Salles Torres Homem, Magalhães, Porto Alegre e Pereira da Silva, nem sequer teve o merecimento de operar-se *intra muros*. Era o producto ingenuo da paixão de alguns moços de talento, que viajavam no estrangeiro, pelas poestas de Victor Hugo, Lamartine, Alfredo de Vigny e Musset. Publicando em Pariz a revista braziliense *Nictheroy*, proclamando os novos dogmas á *outrance*, parecia-lhes entretanto, na sua illusão de ardentes apóstolos, que o paiz os ouvia e em troca de seus esforços dava-lhes inspirações nativas e virginaes. Diplomatas quasi todos, as suas aspirações resentiram-se logo de um certo prejuizo official, que cedo estancou-lhes a *verve*, e teriam ficado sem repercussão, si o genio do autor dos *Timbiras* não viesse agitar com seu sopro commovido as florestas brazileiras.

Vivendo os homens de mais notavel engenho fóra da terra natal, tambem fóra viveu a litteratura brazileira !

Nem ao menos J. de Alencar encontrou uma agitação como a desses moços. As vagas da torrente acalmavam-se, e os destroços do classismo nutante derivavam inconscios em pleno preamar. Os cysnes facilmente deslisam pelas aguas placidas e serenas. Foi o que lhe aconteceu.

Que de dissabores não teria a estagnação moral de hoje derramado no espirito daquelle que instinctivamente se excluiu ao dilettantismo byroniano de S. Paulo, tão destituído de causas, e que havia de produzir Alvares de Azevedo? Livre, portanto, de influencias directas, fez J. de Alencar a selecção que era natural. Encetando as suas revistas—*Ao correr da penna*, assestou o prisma, e escreveu ao sabor dos seus singelos impulsos. Era preciso lutar com a reputação de um primoroso poeta; fel-o com coragem. Arrebatou uma penna á aza de um anjo, de uma fada, e com essa penna caprichosa, que não obedece a quem a empunha, mas ás suas inspirações, que cheia de faceirices ora sorri, ora amua-se, ora se esconde, sempre saltitando, debuxando flôres, céus, nuvens, estrellas, sorrisos feminis e fórmas angelicas; com esta penna *coquette*, de quem elle se despede, no fim de um anno, cheio de saudades, começa a gravar nos corações de todos a sua reputação em caracteres indeleveis.¹

Os folhetins de J. de Alencar eram um constante revoltear á pista de assumptos graciosos. Dirigiam-se ás moças de preferencia, e, atravez theatros,

¹ Vide *Ao correr da penna*, pag. 3 e 552.

festas e politica, não consentia a musa que o minimo azedume viesse quebrar a fluidez dos seus dizeres. Nesta incansavel diversão a *coquette* esvoaçava como uma borboleta, tocando sem ferir, sugando sem desfolhar. Nunca se enchia de coleras, nem entrevia aborrimientos.

Acaso o Rio de Janeiro daquelle tempo não tinha sinão doçuras? O que é verdade é que o roseo espirito que manejava semelhante penna nunca deixou de communicar-se aos objectos que descrevia, sempre mergulhado em uma aprazivel intimidade e caracteristica *nonchalance*. Um delicioso sentimento da existencia, sem abalos, sem repercussões asperas, invade quem quer que ainda hoje lê essas revistas hebdomadiarias. Tudo se converte em arabescos, e as cousas mais comezinhas, sob os rendilhados que lhe superpõe o talento do autor, assumem fórmulas mimosas, de que jámais se aproximaria a mão de um artista vulgar. Seria bem adequado comparal-os por sua vez «às bellas volatas que brincavam nos labios da Charton e iam perder-se num sorriso, aninhar-se nas covinhas da bocca, fazendo mil travessuras, a furtar beijos, e fugiam para pousarem umas vezes como beija-flôr no no calice da rosa, outras, batendo as azas douradas, para lançar-se no espaço colorido pelos raios do sol.»¹ O mundo pois, de impressões consoantes com o seu caracter amante da luz e dos suaves fulgores abria-lhe as portas de par em par. E' assim que o vemos

¹ Obr. cit., pag. 216.

umas vezes demorar-se na contemplação da «alva e graciosa Petropolis com suas brumas matinaes, com suas casinhas allemães, com seus jardins, seus cannaes, suas ruas agrestes»; outras singrar «pelas aguas limpidas e azues de nossa bahia», nunca perdendo occasião de esconder-se nos sitios apraziveis da Tijuca, da Gavea, do Jardim e tantos refugios pitorescos que cercam a grande cidade. Si descreve uma festividade, as flôres e os sorrisos fazem-no tudo esquecer; si acompanha o carnaval só o preocupa um *loup bregeiro* e cheio de mysteriosinhos insinuantes. Não ha pagina, em que não se lobrigue «uma mocinha com os olhos quebrados e o corpinho languido a fazer namoros a *crochet*»; rara a linha, em que deixa de brilhar um raio da sorridente poesia. Que bellas tardes são as suas! Com que lindas, com que alegres côres não surgem de sua palheta as enseadas de Botafogo, de Icarahy! Que formosas ilhas, que encantadas paisagens! A fascinante capital do Brazil em toda parte mostra-se-lhe como «a odalisca descida do seio das nuvens, fresca, pura e suave, que, roçagando as alvas roupagens de seu leito, resvala de seu divan de velludo sob o macio tapete da Persia, ou antes como a mo- reninha de nossa terra, cujo halito perfumado se exhala na aragem, cuja tez se reflecte na opala dourada que colora o horizonte.»¹

Esta tendencia para o agradavel se manifesta mais sensivel quando J. de Alencar tenta o genero lugubre. As scenas tetricas dissolvem-se, a pesar seu, em uma

¹ Obr. cit.; pag. 253.

bluette, em uma chuva de rosas, e, ainda mesmo em dia de finados, o *sunt lacrimæ rerum* e a nudez dos ciprestes não tardam em contrastar com as flôres e perspectivas ethereas. A vida, compara-a com um «*bouquet*, do qual cada flôr symboliza um anno, um dia, uma hora » ; um cemiterio é um jardim onde jazem flôres ceifadas e murchas, e conclue por transformal-o num lago, onde se representa uma scena de amor no fim da qual tudo se esvae na voz harmonisa da Charton.

Ha nessas paginas muito espirito, mas um espirito que nem de longe lembra o *humour* de Sterne ou de Heine. Temos uma palavra que verdadeiramente o define: é a *folâtrerie* dos francezes. Lembranças, repentés, agudezas, verdadeiras *fusées* que recordam as primeiras tendencias para os enigmas e charadas.

Não o confirma acaso este trecho extrahido de um folhetim escripto sobre as machinas de coser?

Eu podia commemorar o factó de Hercules fiando aos pés de Omphale, e mostrar o importante papel que representa na antiguidade a têa de Penelope que mereceu ser cantada por Homero. Quanto á agulha de Cleopatra, esse lindo obelisco de marmore, é a prova mais formal de que os Egypcios votavam tanta admiração á arte da costura que elevaram aquelle monumento á sua rainha, naturalmente porque ella excedeu-se nos trabalhos deste genero. ¹

E este outro specimen não revela a mesma veia?

Estou portanto convencido que as janellas d'alma são em tudo e por tudo semelhantes ás das casas com a unica differença do architecto. Assim ha olhos de sacada, de peitoril, de persianas

¹ Obr. cit.; pag. 56.

de empanadas, de cortinas; da mesma maneira que ha janellas azues, pretas e verdes, de forma chinesa ou de estylo gothico. Essas janellas d'alma são de todo o tamanho. Umas excedem a medida da camara municipal, e deviam ser multadas porque affectam a ordem e o socego publico: são os olhos grandes de mulher bonita. Outras não passam de pequenas frestas ou setteiras, como certos olhos pequeninos e buliçosos que quando olham fazem cocegas dentro do coração. O que porém dava materia a um estudo muito interessante é o modo por que a alma costuma chegar á janella. A alma é mulher, e como tal padece do mal de Eva, da curiosidade; por isso, apenas ha o menor barulho na rua, faz o mesmo que qualquer menina jan elleira atira a costura ao lado e corre á varanda. Entretanto cada uma tem o seu systema differente. As francas e leaes debruçam-se inteiramente na sacada, sorriem ao amigo que passa, cumprimentam os conhecidos e ás vezes offerecem a casa á algum de seus intimos. Outras ao contrario nunca se reclinam a janella, ficam sempre por detraz da cortina e olham o que se passa por uma pequena fresta. Deste numero são as almas dos diplomatas, dos jesuitas e dos ministros de Estado. Em compensação ha tambem algumas almas, que quando pilham um espirito des-cuidado, saltam pela janella como um estudante vadio, e vão flunar pelas estrellas, abandonando por um instante o corpo, seu hospede e companheiro.

Animula vagula, blandula
Hospes comesque corporis. ¹

Nos folhetins *Ao correr da penna* encontram-se paginas solemnes como o elogio a Mont'Alverne; outras de interesse e movimento que já denunciam o futuro romancista.

Uma das mais ardentes aspirações de J. de Alencar foi o jornalismo. Ser chefe de uma imprensa, dirigir-a a seu sabor, exercitar as suas faculdades em

¹ Obr. cit. ; pg. 224.

todos os géneros possíveis, commover as massas com artigos artisticamente manejados, eis um sonho que constantemente o embevecia cheio de horizontes largos e esplendentes.

Ganhas as suas esporas de ouro no *Mercantil* e no *Jornal do Commercio*, dispondo de um estylo proprio, com uma intelligencia disciplinada e immensamente maleavel, não lhe foi difficil encontrar quem o patrocinasse nesse nobre intento. ¹ Houve amigos que se interessaram por seu futuro litterario, lobrigando no seu talento um elemento de vida para uma empreza jornalistica. A sympathia que o cercava então ligou-o ao *Diario do Rio* agonizante. O espirito borbulhava-lhe como fonte inesgotavel, e a confiança dos outros exagrou-lhe a coragem. O jornal viveu e viveu das premiicias dessa intelligencia vivaz e ardente que anciava uma valvula ampla, por onde se expandisse aos raios do sol da publicidade.

Na idade de 26 annos não era pequena tarefa; mas o moço redactor reduplicou de forças, revelando uma pujança e fecundidade fóra do commum. Os artigos de fundo, em que tratava dos mais variados assumptos, politica geral, economia politica, administração, jurisprudencia, eram redigidos de improviso e com a *verve* do publicista consummado. E tal era a facilidade com que elle, no meio de tantos outros incentivos á actividade, desenvolvia as suas aptidões que, segundo re-

¹ Alem das paginas menores no *Mercantil*, redigira elle neste mesmo jornal o *Forum* e varios artigos sobre a lei hypothecaria; no *Jornal do Commercio* publicou trabalhos de critica sobre Thalberg, Othelo, Mont'Alverne, Zaluar, etc.

fere uma testemunha ocular, tendo tido algumas vezes necessidade de ausentar-se do escriptorio da redacção, e querendo conciliar com essas digressões os interesses da folha, resolveu o embaraço lançando no papel de um dia para outro oito ou dez artigos sobre assumptos oppostos, magnificos não só pela fórma como pelo alcance das idéas.

Foi no meio deste torvelinho que o poeta Magalhães lembrou-se de publicar o poema — *A confederação dos Tamoyos*. Esta publicação teve a particularidade de incital-o até á violencia e á injustiça, sinão em tudo, ao menos em alguns reparos. As cartas que então saíram em folhetins no *Diario* causaram sensação; e, embora traduzindo uma indignação litteraria mais filha de austos febricitantes de autor incubado do que de uma reflexão detida sobre as bellezas e erros da obra criticada, passaram por um specimen de analyse. Impaciente e avido de jeffeitos, J. de Alencar vasou todos os fogos que lhe trabalhavam no espirito nessas linhas cheias de enthusiasmo. Não se considerando successor litterario de nenhum de seus conterraneos, o seu primeiro grito foi de revolta. Isto porém não o isenta de culpa. A critica contém em si muitos peccados; não foi de certo applicada segundo os processos correntes hoje em dia, nem mesmo como já haviam-na professado, antes daquella época, Fauriel, Ampère e outros. Apenas denota um gosto superior que ainda mais agrava a situação. O processo foi simples. Superpondo o seu talento ao de Magalhães, pelas differenças aferiu o critico a fraqueza do poeta que tentava um poema epico brasileiro no intuito de

levar a barra adiante de Basilio da Gama e Santa Rita Durão. As cartas sobre a *Confederação dos Tamoyos*, portanto, nenhum nome melhor teriam do que este: —plano da épopea que José de Alencar teria feito si se collocasse no lugar de Magalhães. As bellezas que este não soube exprimir, elle sentiu valentemente, e basta contrastar as citações de certos trechos para comprehender-se a profunda commoção de seu espirito diante desse fructo romantico mal aquecido pelos raios tropicaes.

Este trabalho entretanto, em que pese ao finado José Soares de Azevedo, a Mont'Alverne e a outros amigos que saíram em defeza do poeta, foi um lindo rasgo de penna, sinão de um critico, ao menos de um homem de coração. E, si aquilatar-se o seu valor pela sensação que causou, pelos nomes illustres com os quaes o publico curioso pretendeu confundir o pseudonymo, sob o qual occultava-se o autor, estas cartas constituem uma época notavel em nossa historia litteraria e talvez o mais brilhante successo de nossas lettras.

O silencio do poeta pelo menos o confirmou.

A exuberancia denunciada nesse trabalho de critica não tardou em concretisar-se; e logo de sua penna, sob o influxo de uma inspiração sobre-excitada, saem, *au jour le jour*, *Cinco minutos*, *Viuvinha* e *Guarany*, obras que para mim constituem um periodo de verdadeira explosão, traduzindo do modo o mais sincero todo o raptó virginal de sua alma de artista.

O impulso não differe, nem sua indole parece ter soffrido alteração alguma ; antes assume o maximo desenvolvimento.

Cinco minutos e Viuvinha são duas miniaturas na fórma, no sentimento. Si nos folhetins J. de Alencar estreára captivando os leitores pelo rendilhado da phrase, passando ao romance concentrou-se no garridismo e nas faceirices da mulher.

Em ambos os romances apparecem um mysteriosinhos de facil desenlace que eram muito do gosto do autor, e de onde resulta o interesse da maior parte dos seus livros.

Carlota e Carolina são dois typos de mulheres pudicas, extremamente delicadas. Não possuem a *beauté du diable* das heroínas de George Sand ; em compensação, porém, fazem se realçar por uma graça feiticeira inimitavel. « A mulher, diz elle, é uma flôr que se estuda como a flôr do campo pelas suas cores e sobretudo pelo seu perfume. Porque Deus deu o aroma mais delicado á rosa, ao heliotropo, á violeta, ao jasmim, e não a essas flores graves e sem belleza que só servem para realçar as suas irmãs ? » ¹

Acompanhemos essa sylphide que surge no canto de uma gondola. A cabeça do mancebo que espreita desvaira-se com umas furtadelas de olhos occultos sob o travesso chapeusinho de palha. O contacto de uns braços setinosos, uns gritosinhos de susto, uns apertos de mão a furto acabam a obra começada pelos olhos, e, quando o romance principia, esvae se tudo como um

¹ *Cinco minutos*, pag. 82 (2.ª ed)

sonho, deixando o enamorado na mesma surpresa da criança diante de cujas mãos avidas estoura a bolha de sabão. O caracter dessa menina é fluctuante e vario como a sua apparição. Faz-se amar como a uma sombra, e a sua existencia apenas denuncia-se ao amante por um chapéu fugitivo ou pelo éco de uma voz ouvida algures. Por muito tempo mantem o louco numa distancia desesperadora, sem que mesmo este possa conhecer-lhe as feições. Por toda a parte, pelos theatros, pelos bailes, pelos passeios, um eterno *non te scordar di me* a perseguil-o; e o misero a correr da côrte para a Tijuca, da Tijuca para Petropolis, sempre atraz de uma miragem, sem que da realidade nestes logares reste outra cousa mais do que as pennas de uma ave que abandonou o ninho. O amor em Carlota é caprichoso, e ella não o comprehende sinão fugitivo, obscuro e mysterioso. Cançada de occultar-se nos recessos da bahia de Guanabara um dia escapa-se para Europa deixando-o transido e irritado. Nunca ninguem amou tanto, mas a sua natureza é uma natureza especial que não permite entregar-lhe um corpo mirrado pela morte. Abandona suas affeições, diz ella, « porque, si ha uma felicidade indefinivel em duas almas que ligam sua vida, que se confundem na mesma existencia, que só tem um passado e um futuro, que desde a flôr da idade até á velhice caminham juntas para o mesmo horizonte, partilhando os seus prazeres e as suas magoas, revendo-se uma na outra até ao momento, em que batem as azas e vão abrigar-se no seio de Deus, deve ser cruel, bem cruel, quando, tendo-se apenas encontrado, uma dessas duas almas iriãs foge desse mundo, e a outra viuva e triste é con-

demnada a levar sempre no seio uma idéa de morte ; a trazer essa recordação que como um crepe de luto envolverá a sua bella mocidade; a fazer de seu coração, cheio de vida e de amor, um tumulto para guardar as cinzas do passado ! » ¹

Mas não é isto razão para deixar de fugir e sempre aguçando a paixão de quem a persegue,

Carlota conhece os pontos mais delicados do coração amigo, adivinha as suas intenções, sabe que será acompanhada e por isso mesmo provoca a perseguição estampando os seus vestígios em todos os lugares por onde passa. A incoherencia devia mais cedo ou mais tarde fazel-a alcançar. O apaixonado descobrê-a em Ischia na Italia, aproxima-se e estreita-a ao peito. O golfo perfumado presencencia esta scena de amor. « Sua belleza reanima-se e expande-se como um botão, que por muito tempo privado do sol se abre em flôr viçosa. »

« Oh ! quero viver ! » exclama ella.

O amor encarrega-se do milagre, e a faceira, a caprichosa vae abrigar-se « na quebrada de uma montanha, em um retiro, um verdadeiro berço de relva, suspenso entre o céu e a terra por uma ponta de rochedo... Uma linda casa, toda alva e louçã, um pequenorio, saltitando entre as pedras, algumas braças de terra, sol, ar puro, arvores, sombras, eis toda a sua riqueza. » ² E a lenda desse character arrulante termina com a parodia do verso de Beranger—uma cabana e teu eoração.

¹ Obr. cit., pag. 92.

² Obr. cit., pag. 35.

Carolina na *Viuvinha* não se resente menos desse genio *volage*. Os seus arrulhos com o noivo na casinha da rua de Santa Thereza que « sorri entre o arvoredor », as scenas de doce intimidade domestica que reina nessa mansão de amores, descriptas com tanta delicadeza feminina, com tanta candura, com tanto mimo, esses arroubos, prestes a coroarem-se com as flores nupciaes, fazem-nos experimentar uma sensação grata e vivida, bem igual á causada pelo perfume inebriante de um laranjal em flor. A garrida innocencia que transparece depois nessa menina, quando penetra na alcova do noivado, não tarda porém em contrastar com a discreta tristeza daquelle que, concedendo-lhe o nome de esposo, ergue o véu dos castos amores com o pensamento fixo numa idéa torva e acabrunhadora.

Habil no manejo dessas transições, o buril de J. de Alencar delicia-se em miniaturas a Benvenuto Cellini, e a mulher como sempre torna-se aos seus olhos um objecto de cuidados infindos. Como artista apaixonado, engolfa-se na execução de sua obra, e correndo pelos dedos um por um dos fios de filigrana que entretece, não deixa escapar um só elemento que possa concorrer para o effeito plastico do typo que descreve.

Carolina é uma ave, cujo encanto se transmite aos proprios objectos que a cercam, e nelles se faz adivinhar.

Era pois um ninho de amor este gabinete em que o bom gosto, a elegancia e singeleza tinham imprimido um cunho de graça e distincção que bem revelava que a mão do artista fôra dirigida pela inspração de uma mulher. ¹

¹ *Viuvinha*, pag. 102 (2.ª ed.)

O ambiente forma-se de suas emanações ; a natureza, tocada da mesma commoção que o autor, se transforma, e prolonga por todo o ambito de seu raio visual as influções divinaes dessa formosa rapariga. Não ha esmeros que lhe bastem, e os carinhos, com que suas mãos de poeta a tratam, são iguaes ao da donzella tímida que amima no regaço a tenra jurity ou desfolha a perfumosa violeta. Que situação mais ao sabor de sua musa do que a de uma noiva em colloquio pela primeira vez com o esposo no quarto nupcial? Essa quéda para o que ha de mais garrulo nas scenas da vida produzem a cada passo trechos desta ordem :

A menina trajava apenas um alvo roupão de cambraia atacado por alamares feitos de laços de fitas côr de palha ; o talhe do vestido, abrindo-se desde a cintura, deixava entrever o seio delicado, mal encoberto por um ligeiro véu de renda finissima.

A indolente posição que tomara fazia sobresahir toda a graça de seu corpo, e desenhava as voluptuosas ondulações das fórmas encantadoras, cuja mimosa carnação percebia-se sob a transparencia da cambraia.

Seus longos cabellos castanhos de reflexos dourados, presos negligentemente, deixavam cahir alguns anneis que espreguiçavam-se languidamente sobre o collo avelludado, como si porventura sentissem o extasi desse contacto lascivo.

Descançava sobre uma almofada de velludo a ponta de um pésinho delicado, que rocegando a orla de seu roupão, deixava admirar a curva graciosa perdida na sombra.

Um sorriso, ou antes um enlevo, frisava os labios entreabertos: os olhos fixos na porta vendavam-se as vezes com os longos cilios de seda, que cerrando-se davam uma expressão ainda mais languida a seu rosto. ¹

Estas tintas predilectas á palheta do autor do *Guarany* são bastante conhecidas.

¹ Obr. cit., pag. 104.

Carolina entra sorrindo no quarto nupcial insciente das desgraças que a envolvem, debruça-se sobre ellas, como á beira de um abysmo. Amante dos contrastes, o romancista, para dar maior realce ao delicado temperamento dessa menina, fal-a passar por uma dôr violentissima. O marido suicida-se, ou antes desaparece na propria noite do noivado, dando a suppôr que o houvesse feito. Passam-se annos, as lagrimas estancam, e a dôr metamorphosea-se num «prazer acerbo, no magoar das feridas que se abrem de novo.» As recordações por fim dulcificam-se e a alma agita-se-lhe em anceios mais brandos. Começa então a desenvolver-se no seu character o mais encantador dos caprichos: a sombra do esposo, alimentada por um presentimento poetico, procura tomar uma fórma viva. O amor viuvo tenta resurgir, pois que a saudade não basta para encher-lhe o coração. A pobre Carolina acirra-se na luta comsigo mesma; seu espirito resiste em principio, depois ondula e vacilla, acabando por ceder ás provocações de um amante occulto, cujas missivas são aceitas supersticiosamente como enviadas d'além tumulo. As illusões dessa moça chegam a seu auge, até que um dia se resolvem na resurreição do esposo, que de subito uma noite, revelando-se no jardim, vem legitimar os peccadilhos, confundindo-se com ella nos effluvios ineffaveis do mais caloroso amor. Os escrupulos e minucias affectivas dos dois typos esboçados, um todo fugitivo, outro cheio de superstiçõesinhas angelicas, são sem duvida os precursores dos perfis de mulheres, que teriam de predominar nos livros de J. de Alencar. Almas côr de rosa, com um quer que seja

de violetas a trahirem-se pelo perfume, estabelecem um eterno parentesco entre todas as suas creações.

Consequencia fatal da formação de seu espirito, os productos de sua imaginação sympathisavam excessivamente com a flôr, com a borboleta, com o ninho que o pintasilgo construia no galho da roseira. O autor de *Iracema* amava mais a natureza nas suas nimiedades, do que nas magnitudes que arrebatam o espirito através do espaço.

Diz com razão o maior critico dos tempos modernos que «a primeira questão que se deve propôr sobre um artista é esta:—como enxerga esse artista os objectos? nitidamente ou não, com que elance, com que força? A resposta define antecipadamente a obra, porque em uma só linha que seja, não se podendo libertar das primeiras influencias, guardará até o fim a feição em principio manifestada.»¹

O *Guarany*, romance onde todos os thesouros de imaginação e sensibilidade foram derramados pelo autor, producto de uma grande sobreexcitação que se fundiu inteiriça como vivia n'alma do poeta, é a revelação mais palpitante do quanto é verdadeira a opinião do mestre.² Póde-se dizer que nesta obra J. de Alencar crystalizou sua alma, e que em toda sua carreira litteraria varias vezes teve de regressar a este

¹ Taine, *Histoire de la littérature anglaise*. vol. V. pag. 6.

² O *Guarany* foi escripto *au jour le jour* em folhetins para o *Diario do Rio de Janeiro*; data esta publicação de 1856.

fertil veeiro para reforçar algum fio enfraquecido de seu bello talento. Ahí pullulam todos os seres que lhe são gratos, e accentuam-se definitivamente os lados da natureza que mais lhe tinham ferido a imaginação, com a espontaneidade de uma indole franca e verdadeiramente tropical. O tempo em que elle o escreveu foi justamente o mais arduo do *Diario*. Acoitado em um segundo andar da rua do Conde, sem livros, sem auxiliares, sem *coterie*, dispondo apenas de um caderno onde lançára os residuos de suas leituras sobre o Brazil, não foi isto razão para que não o secundassem as mais felizes e fecundas disposições de seu espirito.

Os momentos artisticos não duram toda a vida. Esse phenomeno de excitação cerebral, com effeito admiravel, que os antigos julgavam influção divina ou sobrenatural, o *Deus in nobis* dos poetas latinos, depende quasi sempre de circumstancias especiaes que em nada honram a valentia humana. Não ha quem hoje ignore, depois dos trabalhos de Claude Bernard, Lhuis, Maudsley, Bain, que nestas occasiões só o que nos pertence è a força inicial, e que o cerebro trabalha por sua conta e risco, sem consideração alguma a quem lhe imprime o movimento.

O *Guarany* parece ter sido fructo de um desses estados mentaes. Tudo quanto fôra assimilado inconscientemente, de permeio com tudo quanto o esforço voluntario obtivera, vasou-se de repente no papel concretizando-se em uma obra que o proprio autor talvez não soubesse explicar. E' visivel a influencia que certos autores tiveram na genese do livro. J. Alencar encontrou os moldes do romance moderno, segundo os pro-

cessos de Walter Scott, levado ao maior aperfeiçoamento por A. Dumas, Sue e outros, e necessariamente teve de procurar nestes mestres os meios de captivar o interesse dos seus leitores pelo habil manejo das *medias res*, das machinas e de tantos artificios de que abusaram mais tarde Capendu, Ponson du Terrail, Montepin e o proprio Dumas, estragando o genero e provocando a justa reacção que deu em resultado o naturalismo de Zola. Muito lhe serviram nesse intuito estes autores, sem que comtudo podessem com isso imprimir nova direcção a seu espirito.

Emquanto ao aspecto geral, nada mesmo tem o *Guarany* que se destaque da physionomia dos melhores romances publicados no periodo em que floresceram aquelles escriptores. O entrecho é commum. Um cavalleiro portuguez acastellado com sua familia nas margens desertas do Parahyba, a lutar com a bondade de uns e a maldade de outros, cercado de aventureiros que não lhe guardam fidelidade ; uma menina angelica a provocar amores e sentimentos lubricos ; a dedicação de um indio ; ataques de selvagens ; actos de bravura e de pericia por parte dos portuguezes ; eis o círculo dentro do qual desenvolvem-se as scenas mais importantes do romance. Não ha quem não reconheça logo que a idéa do autor, qualquer que fosse ella originariamente, cresceu no meio das reminiscencias das obras do autor de *Waverley*, e que a visão brazilica entrelaçou-se insensivelmente com as scenas castellãs da idade média, que até certo ponto não deviam differir em substancia das que o autor suppoz nos tempos coloniaes. Quem não verá em D. Antonio de Mariz

«que como um rico homem devia protecção e asylo a seus vassallos » um *Ivanhoe* portuguez ? Aquella casa do Paquequer com suas disposições pittorescas e romanticas não lembra de perto os castellos de Kenilworth ou de Lamer Moor ? E a cavalgada com que começa a narração ? E as conspirações dos aventureiros ? E os cavalleirismos de Alvaro ? os combates ? as sortidas ? e esses Aymorés acampados, como uma horda de guerreiros, nas ruinas de Karnac ou sob as barbacas de algum barão feudal ? Emfim, os regulamentos marciaes, os pundonores fidalgos, a catastrophe theatral, tudo isso não traz-nos á idéa os monumentos que se prendem á escola que em Italia gerou os *Noivos* e na França *Notre Dame de Paris* ?

Mas não seja isto motivo para doestos ao autor de paginas tão bonitas. A originalidade de sua obra está seguramente em outra parte: essa originalidade consiste na subordinação da natureza bravia á belleza feminina, na transformação de tudo quanto cerca a mulher, ainda mesmo o enorme e o repellente, no mimo, na graça, na candura. Essa concepção pôde-se dizer que resume-se na palavra *Yara*, palavra tupy que significa senhora, e que serve de titulo a um dos capitulos do livro, accentuando o eixo sobre o qual volve-se todo interesse do drama. Uma menina celestial e ligeiramente caprichosa que tira da innocencia e da candura uma força extraordinaria para supplantar o deserto, uma creatura angelica que com o seu prestigio ignsciente traz a natureza a seus pés, eis a mola, o centro, a magia do *Guarany* e a explicação de todo o encanto que produziu e ainda hoje produz em nosso

espírito esta obra inimitavel.¹ E' justamente por isto que todo aquelle que começa a ler o *Gurany* sente um indizível alargamento n'alma. O leitor, desdobrando-se através dos sentimentos ineffaveis que desperta esse ideal de bondade, perde-se no esquecimento de si e da terra aonde pousam-lhe os pés; acha-se como em um paiz dourado por luzes coadas por opala, num céu azul e esplendente. A natureza revela-se-lhe por inextinguíveis cambiantes; do seio da terra irrompe o *lumen purpureum*, que tudo envolve, quando o cerebro se deixa conquistar pelos globulos de um sangue generoso. Todas as agruras somem-se da paisagem e um optimismo sadio invade a creação inteira. Um doce sentimento da existencia despeja-se sobre os habitantes incautos desse paraizo artistico: em tudo transluz uma felicidade crystalina.

Este ponto de vista, si por um lado altera a verdade por outro força-o a crear situações, sem as quaes a obra perderia todo o seu valor.

¹ Ha um romance de Mery—*A Florida*, que talvez despertasse em J. de Alencar essa feliz idéa. As scenas passam-se tambem nos tropicos, em uma feitoria situada, si não me falha a memoria, na costa de Malabar. A heroína é uma creoula de origem franceza em situação identica á de Cecy, que tremula sobre o pincel inspirado do autor de *Eva* como uma creação *feertica*. Mergulhada na solidão das vastas florestas daquellas regiões asperrimas, onde a deusa Bowania se metamorphosea a cada passo em horrendos perigos, no tigre dos juncaes, na serpente gigantesca, na cobra capello, no gorilo, no thug estrangulador, nas febres palustres, nas convulsões meteorologicas, essa menina inoffensiva combate tambem o genio do mal com o olhar azul da innocencia. A propria natureza selvagem fornece-lhe armas á sua defesa e dá-lhe forças para domar leões que lhe guardem o aposento virginal durante o somno e elephantes que a conduzam e acompanhem em seus passeios pela floresta.

E' sob o influxo, pois, dessa magia que a paisagem do Paquequer se nos mostra cheia de tintas tão maviosas, de effeitos de luz anesthesiante.

A tarde ia morrendo.

O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que illuminava com os seus ultimos raios.

A luz frouxa e suave do occaso, deslisando pela verde alcatifa, enrola-se como ondas de ouro e de purpura sobre a folhagem das arvores.

Os espinheiros silvestres desatavam as flôres alvas e delicadas; e o ouricury abria as suas palmas mais novas, para receber no seu calice o orvalho da noite. Os animaes retardados procuravam a pousada; enquanto a jury, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.

Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua quêda, e ceder á doce influencia da tarde.

Era ave-maria.

Como é solemne e grave no meio das nossas mattas a hora mysteriosa do crepusculo, em que a natureza se ajoelha aos pés do Creador para murmurar a prece da noite.

Essas grandes sombras das arvores que se estendem pela planicie; essas gradações infinitas da luz pelas quebradas da montanha; esses raios perdidos, que esvasando-se pelo rendado da folhagem, vão brincar um momento sobre a arêa; tudo respira uma poesia immensa que enche a alma.

O urutao no fundo da matta solta as suas notas graves e sonoras, que reboando pelas longas crastas de verdura, vão echoar ao longe como o toque lento e pausado do *angélus*.

A brisa, roçando as grimpas da floresta, traz um debil susurro, que parece o ultimo echo dos rumores do dia, o derradeiro-suspiro da tarde que morre.

Todas as pessoas reunidas na explanada sentiam mais ou menos a impressão poderosa desta hora solemne, e cediam involuntariamente a esse sentimento vago, que não é bem tristeza, mas respeito misturado de um certo temor.

De repente os sons melancolicos de um clarim prolongaram-se pelo ar quebrando o concerto da tarde... ¹

Esta nitida descripção faz esboçarem-se logo no espirito os perfis dos personagens que hão de agitar-se nessa historia. Alli não ha guarida possivel para o mal. Todos os aspectos desagradaveis são espancados pelas tonalidades ethereas de uma alma saturada de insenso e myrrha. A imagem da patria se entretece com os fios dourados da sua phantasia oriental; o horizonte não lhe foge em planos indefiniveis, nem em recantos tenebrosos. Como os poetas da Hellade, relega para bem longe o Deus Absconditus, e circumscreve o seu mundo dentro de uma consciencia desanuviada.

Sob o céu que habita Cecilia tudo são suavidades e blandicias. O azul é o seu dominio. J. de Alencar mais que nunca deixa-se possuir pelas *langueurs dorées*. De sua penna seria licito dizer o mesmo que o autor da *Historia da litteratura ingleza* diz do poeta Tennyson, « um *kepsake doré sur tranche*, bordado de flores e de ornatos sedosos, cheio de figuras delicadas, sempre finas, sempre correctas, que dir-se-iam esboçadas ao acaso para occupar as mãos brandas de uma noiva ou de uma menina. » ²

O *Guarany* constitue o lado opposto ás miserias humanas. Nem um traço, de longe siquer, que recorde Dickens ou Balzac. Percorrendo-se a galeria inteira de seus personagens não ha um só character bilioso ou apo-

¹ *Guarany*; vol. I. pag. 69 (2.ª ed.)

² Taine, Obr. cit., vol. V. pag. 422.

pletico, em cujo fundo se destaquem as violencias reaes da natureza humana, os horrores da physiologia, que represente a revolta social, a apothose de um vicio ou de uma classe, tremendas escavações nos abysmos da consciencia. Vautrin, Nucingen, La Palferiné, Pecksniff, Ralph, Jonas, e outros sceleratos desconhecem Lore-dano. A familia inteira de Falstaff, que agita-se no mundo shakespeareano, imaginado por aquelles autores, renega o parentesco de Ayres Gomes. E' o caso de Milton : pintando o inferno, não deixa a musa do paraizo, incapaz das concentrações que produziram em Dante o episodio da torre de Ugolino, que a inspiração penetre nos antros onde se escondem as feras e os reptis. Não representavam os gregos a dôr em Laocoonte com a serenidade da alma do justo ? J. de Alencar, figurando a perversidade em frei Angelo de Luca, fal-o com uns toques taes de meiguice, que retiraram toda a hediondez de suas malversações, de sorte que as scenas tetricas do romance não passam de contrastes, claros escuros, indispensaveis á harmonia do scenario. A meiguice, pois, da candida Cecy influe por toda parte; inutil é fugir a seu prestigio, á gracial magia de seu temperamento.

Vamos encontrar essa gentil menina a «se embalançar indolente-mente numa rêde de palha, presa aos ramos de uma acacia silvestre, que estremecendo deixa cair algumas de suas flôres miúdas e perfumadas.»

Os grandes olhos azues, meio cerrados, ás vezes se abriam languidamente como para se embeberem de luz, e abaixavam de novo as palpebras rosadas.

Os labios vermelhos e humidos pareciam uma flôr da gardenia dos nossos campos, orvalhada pelo sereno da noite, o halito doce e ligeiro exhalava-se formando um sorriso. Sua tez alva e pura como um frôco de algodão, tingia se nas faces de nns longes côr de rosa, que iam, desmaiando, morrer no collo de linhas suaves e delicadas.

O seu traje era do gosto o mais mimoso e o mais original que é possivel conceber; mistura de luxo e simplicidade.

Tinha sobre o vestido branco de cassa um ligeiro saiote de risso azul, apanhada a cintura por um broche; uma especie de arminho côr de perola, feito com a pennugem macia de certas aves, orlava o talho e as mangas, fazendo realçar a alvura de seus hombros e o harmonioso contorno de seu braço arqueado sobre o seio.

Os longos cabellos louros, enrolados negligentemente em ricas tranças, descobriam a fronte alva, e cahiam em volta do pescoço presos por uma resilha finissima de fios de palha côr de ouro, feita com uma arte e perfeição admiravel.

A mãosinha afilada brincava com um ramo de acacia que se curvava carregado de flôres; e ao qual de vez em quando segurava-se para imprimir á rêde uma doce oscillação.

... O que passava-se nesse momento em seu espirito infantil é impossivel descrever; o corpo cedendo á languidez que produz uma tarde calmosa, deixava que a imaginação corresse livre.

Os sopros tepidos que vinham impregnados dos perfumes das madressilvas e das açucenas agrestes, ainda excitavam mais esse enlevo e hafejavam talvez nessa alma innocente algum pensamento indefinido, algum desses mythos de um coração de moça aos dezoito annos.

Ella sonhava que uma das nuvens brancas que passavam pelo céu anilado, roçando a ponta dos rochedos se abria de repente, e um homem vinha cahira seus pés tímido e supplicante.

Sonhava que corava: e um rubor vivo accendia o rosado de suas faces; mas a pouco e pouco esse casto enleio ia se desvanecendo, e acabava num gracioso sorriso que sua alma vinha pousar nos labios.

Com o seio palpitante, toda tremula e ao mesmo tempo feliz, abria os olhos; mas voltava-se com desgosto porque, em vez do lindo cavalleiro que ella sonhara, via a seus pés um selvagem.

Tinha então sempre em sonho um desses assomos de co-lera de rainha offendida, que fazia arquear as sobranceiras louras, e bater sobre a relva a ponta de um pézinho de menina.

Mas o escravo supplicante erguia os olhos tão magoados, tão cheios de preces mudas e de resignação, que ella sentia um quer que seja de inexprimivel, e ficava triste até que fugia e ia chorar.

Vinha porém o seu lindo cavalleiro, enxugava-lhe as lagrimas, e ella sentia-se consolada e sorria de novo; mas conservava sempre uma sombra de melancholia, que só a pouco e pouco o seu genio alegre conseguia desvanecer.¹

O que falta nessa mimosa descripção para completar o typo de anjo descido do céu para dominar guerreiros e captivar selvagens?

O poeta não fez mais do que dar corpo ao sonho de Cecilia. Tudo vae obedecer-lhe; tudo vae adorar. Sua presença no Paquequer dulcificará os mais duros corações. A propria natureza que a cerca amolenta-se para recebê-la; e ella, confiada nas promessas, dormirá á beira dos abysmos. A austeridade de D. Antonio de Mariz quebrar-se-á diante de suas ingenuas pretenções; as raivas burlescas de sua mãe D. Marianna se dissiparão ao som argentino de suas falas; os ciu- mes de sua irmã Izabel se confundirão com o pezar de não ser tão boa; o valor de Alvaro transformar-se-á em um hymno perenne, como os susurros da cascata irradada pelos raios de um sól ardente. E Pery, o selvagem que a suppuzera pela primeira vez a imagem da Virgem adorada pelos christãos? Pery, que o missionario reduzira á estupefacção das cousas maravilhosas? Pery,

¹ *Guarany*; vol. , pag. 45.

o representante da força nativa e tropical, será um automato ; mover-se-á com a fidelidade e o heroísmo do cão aos seus menores desejos ; constituir-se-á a providencia na floresta. Os passarinhos, as rôlas, os colibris virão festejal-a entre as flôres de seu jardim, e o proprio jaguar, pela mão do indio audaz e submisso, virá rojar-se a seus pés por um capricho descuidoso. As selvas lhe offerecerão os seus frutos mais delectosos, os seus perfumes mais suaves, alcatifando-lhe os passeios de ervas avelludadas, arqueando-se em doces esplendidos, e até formando-lhe á margem do rio, com embastidas lianas e palmas magestosas, deliciosos recessos, aonde a diva possa boiar e brincar sobre as aguas, segura de olhos indiscretos que lhe estremeçam o pudor.

Chegada a este ponto a concepção, nada mais natural do que a transformação do selvagem nesse amalgama de sentimentos agrestes e de um cavalheirismo só comparavel ao dos mais extremosos menestreis da média idade. Porque afinal Pery mostra-se ainda mais blandicioso do que Alvaro, que a requesta. Pery adivinha os pensamentos de Yara. Si Cecilia imagina cercar-se de colibris, elle percorre as matas e colhe um côlo cheio dessas flôres aladas e prismaticas ; si por descuido manifesta a curiosidade de vêr um tigre, arrosta os maiores perigos e arrasta até seus pés a féra viva e açaimada ; si lobriga um objecto no fundo de um precipicio, aonde silvam reptis venenosos, despenha-se, e, acompanhando a vista da senhora, vae satisfazer um capricho nem siquer enunciado, e com a setta certa traça uma linha impenetravel que a

defende contra todos e contra tudo. O prazer dessa menina é a sua vida, a sua religião. Para ella não havia impossiveis.

Um dia Cecilia, apontando para os brancos vapores que atravessavam o céu, perguntou-lhe, si ella pedisse a nuvem, si elle iria buscal-a.

— Pery ia buscar.

— A nuvem?

— Sim, a nuvem... somente como a nuvem não é da terra e o homem não póde tocal-a, Pery morria e ia pedir ao Senhor do céu a nuvem para dar a Cecy.¹

E' preciso confessar que por ultimo este selvagem chega a um refinamento que faz quasi esquecer a sua origem autochtone. A tendencia para o gracioso leva o autor por exemplo a escrever paginas como esta:

Cecy era o nome que o indio dava a sua senhora depois que lhe tinham ensinado que ella se chamava Cecilia.

Um dia a menina, ouvindo chamar-se assim por elle e achando um pretexto para zangar-se contra o escravo humilde que obedecia ao seu menor gesto, reprehendeu-o com aspereza.

— Porque chamas-me tu *Cecy*?

O indio sorriu tristemente.

— Não sabes dizer Cecilia?

Pery pronunciou claramente o nome da moça com todas as syllabas; isto era tanto mais admiravel quanto a sua lingua não conhecia quatro letras, das quaes uma era o L.

— Mas então, disse a menina com alguma curiosidade, se tu sabes o meu nome, porque não o dizes sempre?

— Porque Cecy é o nome que Pery tem dentro da alma.

— Ah! é um nome de tua lingua?

— Sim.

— O que quer dizer?

— O que Pery sente.

•

¹ br cit., ol. II, pag. 105.

— Mas em portuguez?

— Senhora não deve saber.

A menina bateu com a ponta do pé no chão e fez um gesto de impaciencia.

D. Antonio passava: Cecilia correu ao seu encontro.

— Meu pae, digei-me o que significa *Cecy* nessa lingua selvagem que fallaes.

— *Cecy* é um verbo que significa doer, magoar.

Que galhardo mancebo dos mais eximios nas justas do galanteio conseguiria ferir sua amada com tanta doçura e delicadeza?

Quanto a Cecilia, logo que se a afaste do seu papel sobrenatural, ter-se-á uma nova encarnação mais perfeita de Carolina e de Carlota. Como as suas duas irmãs, não tem a innocencia scismadora da Margarida de Goethe, nem o diaphano da Dea de Hugo; menos beata que Atala, é mais petulante que Virginia de St. Pierre, pudica simplesmente como Eva antes do peccado.

No epilogo parece que se concentraram todos os beijos dessa musa sorridente. E' talvez o unico idyllio em lingua portugueza que rivalize com a bucolica austral de St. Pierre, tão justamente admirada pelo autor dos *Martyres*.¹

Si houve talento nos idealistas, esse talento consistiu em convencer-nos da verdade de suas caprichosas creações. Não ha negar que J. de Alencar no

(¹) O que é para admirar é que J. de Alencar déra por acabado o romance com a catastrophe, em que desabou a casa de D. Antonino de Mariz. Mas a pedido de suas irmãs, que liam a obra com maximo interesse, permittiu escrever esse epilogo da mesma maneira que já por identicos empenhos supplicara o perverso Loredano em uma fogueira pouco antes do desastre.

epilogo do *Guarany*, apesar de romper a cada passo com o real, chega a embevecer-nos na possibilidade daquellas festas da natureza, naquelle despontar de amor em Cecilia pelo brusco Goytacaz. Si a illusão é tão bem disposta! si as luzes e cambiantes, espalhados na tela pelo magico pincel, nos prostram em uma tão doce languidez, em uma tamanha *nostalgia celeste*!

Quem ha ahi que não siga com o coração doudejante aquella canôa a resvalar como uma sombra pela face lisa do Parahyba, arrebatando a intangivel *Yara* ás devastações dos Aymorés? E a transfiguração desse humilde Pery, que por ultimo mais tem de anjo das florestas, personificando o bom genio do Brazil, do que do anthropophago descripto por Hans Stade e Lery? Em plena selva a phantasia do poeta alonga-se em descrições de uma côr nativa admiravel, aonde, usando de uma phrase sua, encontram-se á farta as acritudes da manga e do cajú; as paisagens esfusiam-se em um tropicalismo intenso: lembram incontestavelmente Chateaubriand, mas despido desse esmagamento de um espirito assoberbado pelo deserto, desses extasis hystericos que levaram Proudhon a qualificar de *femmelins* todos os escriptores que se prendem a Rousseau.¹ O sentimento da solidão é quebrado a todo o instante pelo perfume das gardenias e pelo esvoaçar dos co-

¹ « Le moment d'arrêt de la littérature française commence à Rousseau : il est le premier de ces femmelins de l'intelligence en qui, l'idée se troublant, la passion ou la passivité l'emporte sur la raison ». Proudhon, *Influence de l'élément féminin sur la littérature française*.

libris. A immensidade retrae-se para formar um grupo conciso e nitido, aonde o espírito do leitor atem-se a uma visão concreta e viva.

Cecy, acordando do pesadelo que a assombra, collocada no meio daquella solidão, abrigada unicamente pelo braço do selvagem, depois de consolar-se e submeter-se ao destino, anestesiada pelos carinhos do amigo que a conduz invulneravel e respeitada pelas forças brutaes da natureza bravia, vê-se pela primeira vez só, diante daquelle «silencio que parece falar,» onde «as sombras se povoam de seres invisiveis e os objectos, na sua immobilidade, como oscilam pelo espaço.» O indio dorme prostrado pelo cansaço no fundo da canôa, e ella, a debilidade entregue á força, não tarda commover-se em face do escravo que se transformara em heróe. «Como os quadros dos grandes pintores que precisam de luz, de um fundo brilhante e de uma moldura simples, para mostrarem a perfeição de seu colorido e a pureza de suas linhas, o selvagem precisava do deserto para revelar-se em todo o esplendor de sua belleza primitiva.» Cae a crosta do goytacaz e surge o homem idéal, o amante desanuviado de todos os preconceitos sociaes, forte, dessa fortaleza que só possuem as naturezas virginaes. O filho das matas, o senhor das florestas transfigura-se aos olhos de Cecy; «as montanhas, as nuvens, as catadupas, os grandes rios, as arvores seculares, servem de throno e de docel a esse monarcha das selvas.» Admira-o e agradece sua abnegação; contempla-o bafejado pela aragem matutina, acariciado pelas aguas do rio que arfam docemente, pelos leques de palmeiras que se agitam

rumorejando. Uma philosophia que não é da terra, uma philosophia celestial faz-lhe entrar n' alma uma grande resignação. Lembra-se ligeiramente da sua vida risonha de outr'ora e uma lagrima pende de seus cilios e cae sobre a face de Pery. O indio desperta; e um mundo de novas e desconhecidas sensações começa para ella nesta doce intimidade. O seu enleio cresce á proporção que o indio exprime-se em sua pittoresca linguagem. Ella «é como a rolinha, quando atravessa o campo e sente-se fatigada descança sobre a aza de um companheiro que é mais forte», elle é quem «guarda seu ninho emquanto dorme, quem vae buscar o alimento, quem a defende, quem a protege.» Estas comparações a sobresaltam a principio, mas não obstam a que as duas almas se confundam, que os olhos de Pery brilhem de mais, que elle se repute seu escravo... seu irmão. Cecilia por fim, esquecida de tudo, familiarisada com a selva, que graças a Pery converte-se no verdadeiro *boudoir*: de uma sultana para satisfazer os seus menores desejos, adormece num berço de flores acalentada pelos sonoros ruidos que se diffundem pelos arredores. Pery, porém, presente a convulsão dos elementos em roda, vê o Parahyba erguer-se nas ferocidades de uma inundação, e prepara-se para disputar sua *senhora* ás garras do cataclysmo. A menina é deposta na canôa e o indio vòa adiante da procella; não tarda a ser colhido pelo perigo, e tremulo, com a innocente criatura adormecida nos braços, acouta-se no olho de uma palmeira. A torrente entretanto recrudescer com todos os horrores dos phenomenos desta ordem, as aguas a pouco e pouco sobem ameaçando

o abrigo. Chega o momento critico ; o indio é um heroe, desce, mergulha, e, realizando uma obra de Hercules, consegue desarraigar a palmeira. No meio da immensidade das aguas boia o improvisado esquite «como uma ilha de verdura, banhando-se na corrente.» Pela primeira vez o valoroso selvagem desespera por não poder poupar á sua senhora um momento de terror. Mas, ainda assim, elle que vencera o tigre, que vencera os homens, que vencera o veneno, crê vencer os elementos, e, perdido na solidão tumultuosa do rio, pensa em salvar-a numa dobra do horizonte. A palmeira deriva arrastada pela torrente para sumir-se no infinito dos mares, e os dois amigos, embebendo suas almas em um sentimento de ternura infinda, coroam o romance com as tintas mais delicadas e graciosas de que se serviu a inspiração de J. de Alencar.

« O halito ardente de Pery bafejou-lhe a face. Fez-se no semblante da virgem um ninho de castos rubores e limpidos sorrisos : os labios abriram como azas purpureas de um beijo soltando o vôo

A saudade que deixa n'alma este final vago e vaporoso, desculpa bem as violências commettidas por essa musa feminil contra os documentos da vida real.



III

ACÇÃO E REACÇÃO

1856—65

Apezar de ter sido fraca a acção do meio sobre o artista, não deixou de produzir seus effeitos, desviando-o por momentos da sua linha impulsiva. Começou então para J. de Alencar um periodo, em que se póde dizer que o publico mais ou menos directamente determinou os productos do seu estro. Este facto explica-se pela vida de jornalista que o absorvia de dois annos áquella parte. Em contacto quotidiano com os homens politicos, impellido incessantemente para as questões sociaes, não lhe foi possivel recusar a polemica e a luta; o espirito das discussões cedo empolgou a alma vaidosa do poeta e o attrito do mundo não tardou em chamal-o para fóra dos perfumes e cambiantes entre os quaes vivia. Não lhe faltavam estimulos; mas, como nem sempre o publico satisfaz-se com a *pose* que mais nos quadra, na vida de continua exhibição a que o jornalismo o obrigava, reconheceu J. do

Alencar a necessidade de manter o favor das turbas, e procurou o theatro, que nesse tempo parecia agitar-se ao sopro das esperanças de algumas peças nacionaes. Não foi portanto a indole do poeta, nem a musa do *Guarany*, que o levou a semelhante commettimento; foi simplesmente a vangloria do polemista, cheio dos movimentos do dia e das opposições de escola, quasi que poderia dizer o articulista sobre *a constituinte perante a historia* ¹, avido de victorias e desejoso de mostrar a multiplicidade de seu talento.

Forçoso era que assim acontecesse, porque essa musa parece ter-se prestado muito contrariada a taes intuitos, desde que em si ella nada encontrava de reaccionaria, desde que tinha horror aos estrangulamentos e á guilhotina litteraria.

Comtudo J. de Alencar entrou no torvelinho, e, embora de emprestimo, empunhou o copo socialista no festim da moda, para acudir aos reclamos de Dumas filho, Augier e Feuillet, cujos écos estrepitosos faziam esquecer as comedias do desventurado Penna. E foi assim que *La dame aux camélias*, *Question d'argent*, *Le gendre de Mr. Poirier* e outras producções dramaticas tiveram *pendant* nas *Azus de um anjo*, *Credito*, *Expição*, etc. Não se dá porém uma passada nesse novo terreno, percorrido pelo autor de *Iracema*, sem que se reconheça quanto no fundo eram antipathicas á sua indole as audacias dessa escola. A propaganda, a satyra, a revolta contra as institui-

¹ Refiro-me aos bellos artigos publicados no *Diario* refutando os escriptos do Sr. Homem de Mello assim intitulados.

ções de certo não eram os adubos que mais propriamente podiam condimentar a nova obra tentada no theatro. Os elementos substanciaes da nova escola transformavam-se em um dissolvente horrivel na penna de quem escrevera o epilogo do *Guarany*, e á cada pagina vão-se produzir desharmonias immensas em sua alma por via d'essa litteratura ora sceptica, ora unguida, ora revolucionaria, que, tendo começado com o turbilhão sinistro dos personagens demagogicos de Eugenio Sue, depois enfeitados e alimpados pelas mãos delicadas de George Sand, por ultimo em fórma de theses surgia na rampa dos theatros com a attitude do pregador christão, tomando por thema alternadamente phrases do Divino Mestre, de Diderot ou de Voltaire. Não; decididamente essa atmospherá prejudicava-o sobremaneira; nem jamais o modelador das fórmas divinas da ideal Cecy poderia com desasombro jurar nos altares de Stendhal, cujas opiniões naturalistas já por vezes tinham invadido os arraiaes do romantismo, nem encarar os paradoxos de Balzac, cujo genio rugia á espera só de logica e observação. A autora de *Mauprat* dissera: — « a nossa poesia celebra a luta da natureza contra a civilização, a reivindicação dos direitos da animalidade supprimidos pela sociedade »; os desvarios de 93 recommçavam na litteratura, que saía dos braços unguidos de Chateaubriand para cahir nos do feroz e incoherente Rousseau. Si assim, pois, definiam-se as pretenções dos restauradores do theatro, como seria possivel a J. de Alencar ahi encontrar inspirações fortes e legitimas? A consequencia foi que as almas de Carolina, Carlota e

Cecilia, que persistiam vividas, fulgentes, na imaginação do autor, tiveram de apparecer coagidas por um meio estranho e artificial, e violentadas pelas *crâneries* da *Valentina*, da *Indiana*, de *Lelia*, do *Jacques* de G. Sand, da *Musidora* de Gautier, da *Fernanda* de Dumas.

A vida de perto, sobre o palco, põe em derrota todos os fulgores de sua phantasia. Desapparece-lhe todo aquelle aprumo que faz a gloria dos seus primeiros escriptos, e um constrangimento sem nome abafa os brotos de sua luminosa intelligencia.

Que a historia de Mlle. Duplessis, a historia ingenua de uma grande dôr, narrada sem mais atavios e sem intenções occultas, lhe fosse um caminho seguro, não ha que duvidar; mas o passo não ficou nessa peccadora sublime, e elle, pretendendo seguir as heroínas loucas, *crânes*, dos romances pertencentes áquelle periodo declamatorio, pojou na região do absurdo. As taboas do scenario tiveram de ceder, desconjuntando-se sob seus mal seguros pés, e dessa temeridade resultou que em logar da verberação dos vicios ou do desbarato das instituições profligadas encontra-se ou a apologia de um character ao som da lyra de Apollo, ou a incongruência de uma alma construida de pedaços heterogeneos.

No prologo da primeira edição do *Verso e reverso*¹ lê-se que uma noite, porque elle vira alguém no theatro Gymnasio assistindo á representação de uma

¹ Representado pela primeira vez no Gymnasio em 28 de Outubro de 1857.

comedia livre, «veiu-lhe o desejo de fazer essa pessoa sorrir sem obrigar-a a corar», e successivamente compoz aquella peça, que de certo não deixa de ser um prolongamento do estado dithyrambico em que o deixára o abalo provocado pela diva. *O verso e reverso* não passa de um quadro risonho, e como destacado ainda das mesmas impressões que lhe haviam ditado os folhetins *Ao correr da penna*; é a censura innocente dos costumes, um painel gracioso da vida fluminense, contrastando com as idéas de um provinciano recém chegado, cheio de prejuizos. O espirito corre livremente, ladeado por uns toques ligeiros de malicia; atravez de uns namoricos de primos muitas scenas são tomadas ao natural, mas tudo trescala o aroma do jasmineiro das margens do Paquequer e da chacara em que o autor habitava em S. Christovão. O portico entretanto patenteado, J. de Alencar não duvidou em transpor os espinheiros, e de corpo inteiro precipitou-se em mundo novo de creações abstrusas que o estava a namorar. Si se tomar Carolina, por exemplo, nas *Azas de um anjo*,¹ onde em má hora o autor se propoz a discutir a reabilitação da mulher, castigando a injustiça da sociedade, que a cada passo tolhe o regresso da perdida ao campo da virtude, percorrerer-se-á todos os cinco actos da comedia sem achar sinão as contradicções e incongruencias de um character *manqué*. O poeta esforça-se por dar vida a idéa que pretende encarnar na sua heroína; mas todo o esforço é baldado,

¹ Representada pela primeira vez no mesmo theatro em Junho de 1858.

porque as peças desatam-se, afrouxam-se as molas, e o manequim cæe por terra sem vida, mostrando todo o artificio que o sustentava de pé. A infeliz, por mais que seja torturada, não perde o parentesco das Cecílias que constituem a verdadeira afeição do dramaturgo; o que ha de repulsivo no typo dessa peccadora, mostra-se como excrescencia enorme, transformando-se assim o objectivo do artista numa superfetação, que mal assenta no vultò sympathico que antecede a seus intuitos. Repugna aceitar a naturalidade desses actos objectos que são emprestados a Carolina. A degradação nunca advem a uma mulher em semelhantes circumstancias sinão por uma progressão logica, lenta e laboriosa, e da qual raro emerge-se sem ser por uma reconstituição na mesma ordem, à menos que se não recuse a lei reconhecida pelos homens da sciencia: *natura non facit saltus*. A arte neste caso portanto tornou-se ingrata; fez estalar a materia prima; procurando subordinal-a, em logar da verdade, da pintura real de um estado psychico, nos exhibe um desconhecido aleijão. Os cinco actos da peça nada provam, nada explicam; as falas postas na boca de Carolina ou de Luiz não são humanas, nem sequer saem convictas do coração de quem ousou traçal-as no papel. São declamações, ou tiradas emphaticas, em nada consoantes com a alma dos modelos que todo o artista, observador ou não, guarda no fundo, bem no fundo do seu *atelier*. E' o que ha de confessar quem quer que leia trechos como estes:

CAROLINA.—Amor?

ARAÚJO.—Amor ao dinheiro.

CAROLINA.—Mas sériamente os senhores não me comprehendem. Não sabem que para uma mulher não ha ouro que valha o prazer de humilhar um homem.

MENEZES.—Tanto odio nos tens ?

CAROLINA.—Muito !...

ARAUJO.—Comtudo não posso crêr que aquellas que, durante toda sua existencia correm atraz do dinheíro, façam delle tão pouco caso.

CAROLINA.—Pois creia; todas essas minhas joias, todo esse luxo e riqueza que me fascinaram e que hoje possúo, não os estimo sinão por uma razão.

ARAUJO.—Qual ?

CAROLINA.—Talvez possam realizar um sonho de minha vida.

ARAUJO.—E que sonho é esse ?

CAROLINA.—Não digo.

ARAUJO.—Porque ?

CAROLINA.—Vae zombar de mim.

ARAUJO.—Não tenha receio.

MENEZES.—Para zómbar começariamos tarde.

CAROLINA.—E que zombe, não faz mal. Toda a creatura boa tem o seu fraco; assim toda a mulher, por mais desgraçada que seja, conserva sempre um cantinho puro onde se esconde sua alma.

MENEZES.—Estás bem certa de que tens uma alma, Carolina ?

CAROLINA.—Talvez me engane; é possível. Mas eu guardo-a com muito cuidado.

ARAUJO.—Aonde, nalguma caixinha ?

CAROLINA.—Justamente ! Numa caixinha de charão... Vae vêr, Helena ; está no meu guarda-vestidos.

MENEZES.—E debaixo de chave ! E' prudente !

CAROLINA.—No meio de todas as minhas extravagancias, de todos os meus prazeres, eu sentia uma pequena parte de mim mesma que nunca ficava satisfeita ; chamei a isto minha alma, tive pena della, fechei-a dentro dessa caixa, e disse-lhe que esperasse até um dia em que seria feliz. (*Helena volta com a caixa.*)

ARAUJO.—Ah ! é esta ?

MENEZES.—E de que maneira pretendes dar-lhe a felicidade ?

CAROLINA — Não sei ; mas como o dinheiro é tudo, fiz uma

cousa : dividi o que eu tinha e o que viesse a ter com a minha alma. Voltava de uma ceia onde me tinha divertido muito; mettia dentro desta caixa todo o dinheiro que possuia, para que m dia o espirito tivesse um igual divertimento. As minhas oias, depois de usadas uma vez, se escondiam aqui dentro ; emfim a cada prazer que eu gozava, correspondia uma esperança que guardava.

MENEZES.—E quanto valerá hoje tua alma ?

CAROLINA.—Não sei ; o que entra aqui é sagrado, não lhe toco, não lhe olho, tenho medo da tentação. Só abro esta caixa á noite, quando me deito.

MENEZES.—Pois deixa dar-te um conselho : põe tua alma a juro no banco e esquece-te della. Ha de servir-te na velhice. Ou então diverte-te...

CAROLINA.—Não; vou dal-a.

ARAÚJO.—A quem ?

CAROLINA.—A um homem que me não ama ; e por causa do qual jurei que havia de vêr todos os homens a meus pés, para vingar-me nelles do desprezo de um. E sabem se cumprí meu juramento. ¹

Estas palavras ou são de uma farçante, que estuda os seus papeis para exhibil-os em publico *sans reproche*, ou não passam de uma monstruosidade impossivel, porque ainda está para ser observado um character brando como o de Carolina, com energias satanicas ao mesmo tempo para conceber e realizar a idéa de degradar-se theoricamente, com o fim unico de vingar-se do homem que não a ama. Nos aditos d'alma as molas e engrenagens movem-se seguramente por um modo muitissimo diverso. J. de Alencar não procurou, nem podia procurar a explicação desses segredos ; e, collocado entre o ideal e o real, ficou muito longe sempre de attingir a furia desarrazoada

¹ *Asas de um anjo*, pag. 164 (2ª ed.)

mas eloquente dos propagandistas e inconoclastas que o desviavam do seu caminho.

Não menos emphaticas são as phrases que a sociedade fulmina pela boca de Luiz, o homem por quem Carolina faz todos estes esforços de acrobatica psychica, typo por sua vez impossivel, *recherché*, que no fim da peça sacrifica-se aos preconceitos sociaes, casando-se com a infeliz, e isto não por um movimento de paixão, mas por acto detido e reflectido, como desagravo á justiça que a sociedade não soube fazer. *Words, words!* como dizia Shakespeare. Palavras e só palavras.

J. de Alencar, portanto, fugia a si mesmo; e vê-se que entre a scena 1.^a e aquelle lacinho de fita perdido, que no final é restituído a Carolina com as *suas azus virginaes*, devera existir outro nexo mais consoante com a verdadeira índole da protagonista.

O desenvolvimento das theses do *Credito* e da *Expiação* soffre a mesma critica.

Si se passar ao *Demonio familiar*¹, propaganda contra a escravidão, deparar-se-á com igual desacerto. J. de Alencar propõe-se ahí a mostrar os inconvenientes que chegam á familia, com a presença em seu seio de elementos surrateiros de dissolução íntima, como é indubitavelmente o escravo.

Afastando-se dos processos já empregados em identico fim, longe de enternecer o publico com a evangelica figura de um pae Thomaz, por cujas virtudes e por cuja sorte o talento de Mme. Beecher Stowe

¹ Comedia representada pela primeira vez no Gymnasio em 5 de Dezembro de 1857.

conseguiu interessar o mundo inteiro, leva-o apenas ao riso cheio de bonhomia diante das travessuras de um moleque inteligente. Não resta duvida que esse *diablotin* da rua do Ouvidor, a não passar das garotices aprendidas e macaqueadas do proprio senhor moço, não causaria susto a ninguem ; podia-se continual-o a ter em casa, quando nada, para lustrar as botas. Pedro não é um producto da escravidão ; é um producto da familia brasileira : eis o grande engano. Quando muito seria uma recriminação á relaxação dos nossos costumes, e neste caso tanto o papel assentaria n'um famulo ou n'um filho-familia de sentimentos menos elevados, dado a palestras de cozinha e a seducções de criadas, como no ardiloso moleque, criado com os mesmos vicios e victima dos mesmos máus costumes que o *enfant gaté* da casa. A nota acre escapou-lhe ainda por esta vez, e o ferrete da ignominia não attingiu ninguem. Que importa que Pedro, por exemplo, venha trazer uma carta de namoro a sua sinhá moça ? Não faz mais do que o que fizeram os Scapins de todas as épocas. Molière encarnou um vicio que se acha em toda parte, quer com escravos, quer sem elles ; as suas comedias estão cheias de scenas semelhantes, sem que isto o arregimentasse no arraial dos inimigos da condemnada instituição. O moleque é um farçola de força, é um garoto incorregivel, e profere phrases assim :

Mas nhandã precisa casar ! Com um moço rico como Sr. Alfredo, que ponha nhandã mesmo no tom, fazendo figurão. Nhandã ha de ter uma casa grande, com jardim na frente, moleque de gesso no telhado ; quatro carros na cocheira; duas parelhas,

e Pedro cocheiro de nhandã.... Nhandã fica rica, compra Pedro; manda fazer para elle sobre-casaca á ingleza : bota de canhão até aqui (*marca o joelho*); chapéu de castor; tope de sinhá, tope azul no hombro. E Pedro só, tráz, zás, zás! E mole, que da rua dizendo: « Eh! cocheiro de sinhá D. Carlotinha!... » Meio dia, nhandã vae passear na rua do Ouvidor, no braço do marido. Chapeusinho aqui na nuca; peitinho estufado; tundá arrastando só! Assim moça bonita! Quebrando debaixo de seda e fazendo xó, xó, xó! Moço, rapaz, deputado, tudo na casa do Desmarais de luneta no olho: « Oh! Que peixão!... » O outro já: « V. Ex. passa bem. » E aquelle homem que escreve no jornal tomando nota para metter nhandã no folhetim.¹

Em que estas petulancias ferem a instituição?

A peça entretanto, como pintura de costumes e scenas de interior, não deixa de encerrar naturalidade, apesar de muito embellecidas pela imaginação e apañadas sempre pelo lado gracil e sympathico.

A *Mãe* é um outro livro de propaganda, no qual muito menos do que no *Demonio familiar* consegue o autor accentuar as suas intenções emancipadoras.² Não ha ali sequer uma scena repulsiva e caracteristica da escravidão. Joanna, a escrava, heroina do drama, sã prova alguma cousa, é simplesmente que nem o estado servil pôde apagar do coração da mulher o sentimento materno. O papel dessa mulata, occultando se de Jorge, que pelas circumstancias se tem elevado a uma posição social, a sua qualidade de mãe, operando prodigios de dedicação para poupar-o ao minimo desgosto, fazendo-se vender pelo proprio filho, para com o producto salvar a honra do pae de sua amada,

¹ *Demonio familiar*, pag. 22 (2.ª ed.)

² Drama representado no Gymnasio em 1860.

matando-se afinal para que aquelle em ultimo caso não tenha diante de si uma escrava como autora de seus dias ; tudo isto incontestavelmente é subtilme e muito natural em uma mãe ; mas improprio, pouco provavel em gente de cozinha, em gente aviltada, e de todo inverosimil na scena dos costumes brasileiros. Como argumento, parece até contraproducente ; porquanto si a escravidão produz caracteres como o da mãe de Jorge, tanto apuramento de sensibilidade, tanta nobreza de coração, tanta energia, a escravidão não é essa sentina de vicios e corrupção apregoada por nós os anti-escravocratas. O que resulta afinal é que a idéa abolicionista tornou-se, apesar seu, um pretexto para contrastes e situações que dessem maior relevo á apologia desse sentimento heroico chamado sentimento materno, que tumultuava-lhe na alma de poeta, pedindo uma fórma eloquente.

Ha factos que pódem muito bem ter acontecido, mas que o publico, quando os ouve relatar, estranha por desconhecel-os inteiramente, por julgal-os fóra de toda possibilidade. E no theatro creio ser uma lei impreterivel—nunca expôr circumstancias acerca das ques os espectadores venham a dizer : tal nunca se deu. A *Mãe* arrisca-se a isto.

Não obstante, as composições dramaticas de J. de Alencar revelam conhecimento da scena, e energia no esboçar do perfil de alguns dos personagens. Os typos sérios, como os herões dos *Cinco minutos* e da *Viwinha*, são cópias do perfil austero do proprio autor. As mulheres, Luiza do *Verso e reverso*, Elisa da *Mãe*, Carlotinha e Henriqueta do *Dominio familiar*, tem todas

o porte, a graça e a suavidade de contornos das suas primeiras heroínas. É pena que J. de Alencar não chegasse a fazer brotar e viver no theatro as verdadeiras flôres de sua alma, e que os typos ingenuamente comicos de Azevedo, o *blasé*, de Vasconcellos, o velho pinga, de Custodio, o eterno ledor de jornaes, sejam offuscados pelas tiradas desabridas, pelos artigos de fundo de um Menezes-Desgenais, ou pela emphatica corrupção de um Vieirinha.

Não era a mordacidade o seu elemento, e o ridiculo em suas mãos antes embala do que fere.

Neste ponto a sua natureza irmana-se como gemea á alma chorosa de Lamartine. Conta-se que, tendo um dia um celebre caricaturista pedido ao poeta das *Meditações* o retrato para um album de caricaturas, recusou-o elle peremptoriamente, dizendo que nunca consentiria que a imagem do homem, obra de um Deus omnisciente, fosse deformada pela maldade artistica na terra. Esse rigor helenico tinha-o J. de Alencar em alta dóse, e por isso devêra o seu theatro ter tomado outra direcção.

O Gymnasio deu-lhe, apesar de tudo, alguns triumphos. Deveu-os elle principalmente ao conhecimento da *charpente*. Seus dramas, si soffrem critica pelo *but manqué*, não assim quanto á disposição das scenas. O *Demonio familiar*, por exemplo, é um specimen de perfeição. ¹

¹ Além das peças theatraes acima indicadas, compoz elle *A noite de S. João*, comedia lyrica em 2 actos, que foi posta em musica por Elias Alvares Lobo.

J. de Alencar deu incontestavel realce ao *Diario do Rio*, e a sua passagem pela imprensa diaria ainda hoje se faz lembrar nos traços fulgurantes que deixou. Parece porém que o theatro e o jornal foram para elle uma e a mesma cousa, — um desvio da sua verdadeira vocação, uma ponte de lianas, perigosa e frouxa, posta á força entre o *Guarany* e a *Iracema*. E atravessou-a imperterrito e ufano, mostrando o seu equilibrio e flexibilidade, passando pelas vivas emoções que costumam produzir estas exhibições e estes movimentos arriscados. Sustentado sempre pelo applauso, chegou ao lado opposto sem um gesto que traísse a sua deslocação: o estylo foi-lhe maromba admiravel. Hoje, que as lianas com a acção do tempo tem-se desprendido, só enxerga o critico o que é solido e real, e tudo quanto momentaneamente o autor obteve por artificios fica de lado, para só attender-se ao que pertencia e dimanava da sua individualidade. Quem quer que se dê ao trabalho de percorrer friamente as notaveis columnas do *Diario* daquelle tempo verá ali a mesma *pose* theatral, que buscou em suas dissertações sobre o palco o creador das scenas da *Mãe* e das *Azules de um anjo*. Nesses escriptos de certo não se assignala um espirito positivo, verdadeiramente politico; a *verve* do polemista liberal, fascinado pelas idéas que rutilavam no céu politico do velho continente, amortecia-se a cada passo pela natureza aristocratica que formava o fundo de sua alma e enlucava-lhe o estylo, sepul-

vando-o nas alfombras do *boudoir* de Cecy, de Carlota, de Carolina. J. de Alencar era apenas um engenhoso impressionista. Não arrastava pela profundeza das idéas: o seu segredo tinha sido conseguir sempre escolher nas discussões um ponto de vista de tal modo artistico, que raro era não surprender ou deixar de ferir ainda mesmo aquelles para quem o fundo dos seus pensamentos não passariam afinal de meros logares communs. Fôrma, tão sómente fôrma.

Jornalistas de incontestavel merecimento já se tinham mostrado nos horizontes de nossa patria. Justiniano José da Rocha, Paranhos, Amaral e Torres Homem projectavam as suas sombras de gladiadores muito longe. A muitos pareceu que o joven autor do *Guarany* os igualava, si não os excedia. Não é crível, si confrontarem-se as organizações dos primeiros e do ultimo; e só se explica esta miragem pelo facto de que nenhum destes homens, com excepção de Amaral soubera tirar da fôrma toda a influencia magica que é a força dos talentos como Girardin. Fôra entretanto para desejar que a essas titillações da penna do redactor do *Diario* se houvesse reunido um conhecimento pratico e real das cousas do paiz, ou então uma dessas intuições que facultam ao espirito penetrar do primeiro golpe na medula dos acontecimentos que se desenrolam em torno de si. E' de crer que, como a politica não passava para J. de Alencar de diletantismo, e as ambições reaes não lhe haviam invadido por ora os ossos, os factos coavam-se todos pelo prisma litterario. A esthesia era o unico diapasão pelo qual aferia elle todas as questões sujeitas a seu criterio. Entregue

inteiramente á fuga da imaginação, penetrado da idéa de subjugar o seu circulo de leitores com a contemplação das fórmulas e dos effeitos, é claro que a politica em sua influencia não podia ir além das aspiraçõs do moço ardente que quer ser admirado. Os factos politicos em si não deviam ter grande significação, nem os problemas sociaes o impressionariam com a vehemencia de que são victimas as verdadeiras vocaçõs do apostolado da imprensa. *Frappet le public*: eis a chave de todos os seus esforços nesse periodo, em que sem duvida alguma o Brazil continuava a ser a phantasmagoria brilhante, revelada atravez das scintillaçõs de estylo em mais de uma pagina de seus livros.

Em 1859 exercia J. de Alencar o cargo de chefe de secção na secretaria do ministerio dos negocios da justiça, e pouco tempo depois o logar de consultor do mesmo ministerio. Até aqui não ha desconhecer que todos os canaes se tinham aberto á livre impulsão de seu talento. Em caminho não lhe surgira ainda nenhum desses obices, nenhuma dessas mortificações que, acabrunhando o homem, abaixam o nivel das faculdades ás vezes até o estalão dos brutos. A imagem pavorosa do *guignon* nunca se lhe apresentára diante dos olhos para bradar-lhe:—Não romperás! Desconhecia inteiramente as provações que os criticos asseguram terem afiado o gume do engenho de Chateaubriand e de Rousseau. Ao contrario, grande

parte da serenidade de seu espirito, e portanto de seus escriptos, é devida á ausencia da necessidade de «conquistar para si um canto no mundo, onde lhe fosse permittido respirar», e tambem á ausencia dos sentimentos de amargor, das opposições e desconfianças que acompanham e enchem de perplexidades o *struggle for life*.¹ Elle fôra fadado para as posições; não precisou ganhar a vida, e, saindo dos bancos escolásticos, seu pae, que, na politica e no animo dos maiores vultos do paiz, havia plantado a consideração e o respeito, facilmente cercou-o com o prestigio de um nome celebre nos annaes do parlamento. Os amigos do deputado da Constituinte tiveram desde logo sorrisos complacentes para o moço que estreára com tanto talento; a *sympathia anonyma* desenvolveu-se em torno d'elle, e, a não fallar no silencio da imprensa, que fingiu desaperceber-se dos primeiros passos do joven litterato, não ha a referir sinão afagos e blandicias. Estas circumstancias avigoraram-lhe poderosamente as aspirações, e nellas está a origem por certo desse sentimento de bem estar, já denunciado no *Guarany*, que só revela o homem satisfeito consigo mesmo.

Um dia fartou-se das emoções do jornalismo. Attrahido pelas tendencias mais firmes de seu temperamento, pensou crear-se um remanso aonde mais em repouso pudesse alar-se de novo ás regiões prismaticas do seu amor. Entretanto surgiu em seu caracter

¹ Palavras de Lewes a respeito de Goethe. *Life of Goethe*, vol. I, pag. 15.

uma altivez por vezes rude, da qual rapido declinou para uma imperterrita segurança, ou melhor para um exagerado sentimento da propria sufficiencia. Podia registrar queixas de muitos que lhe soffreram as asperzas, sinão os effeitos inconscientes das suas preoccupações. Mas isto pouco interessaria ao meu objectivo, e basta declarar que o fundo amoravel de sua alma nem sempre se mostrou na vida com a mesma intensidade que nas obras. O movimento de seu tempo de rapaz foi em muito, e em muito artificial. A casaca, a luva, e a curva do galanteio com cedo foram abandonadas; e o solitario do bibliotheca de S. Bento, em Olinda, reconquistou os habitos antigos. A obra a desenvolver-se-lhe no cerebro e o vacuo a abrir-se a pouco em pouco em torno de si.¹ Em tudo isto, porém não ha o que estranhar. Quem é que aos trinta annos de idade, conselheiro, cercado da consideração de homens como Eusebio, certo de mais a mais da posição que sem rival occupava nas letras, não se teria deixado conduzir por essas veredas do amor proprio? Raro é o homem a quem o successo não consiga modificar. J. de Alencar engolfou-se, um pouco fóra de

¹ O tempo em que J. de Alencar se mostrou mais expansivo foi o da redacção do *Diario do Rio*. Elle, que nunca soube fazer troça, que não lia o que escrevia em circulo de amigos, que não privava com sociedades litterarias de qualidade alguma, não obstante ahi por vezes amenizou o ruido da vida da imprensa com a complacencia dos que o cercavam. Ouvi a um de seus mais estimaveis companheiros, que os ultimos capitulos dos *Cinco minutos* foram compostos sob a influencia de uma discussão, em que entrava um medico, na qual buscaram demonstrar-lhe a impossibilidade da cura de Carolina, que, apesar de tudo o autor, escutando unicamente o seu capricho, deu por prompta no golfo de Ischia.

tempo no brilho da sua estrella, que se alevantava. Sua indole, já de si orgulhosa, rebuçada nos caprichos de artista, em excentricidades de *enfant gaté*, chegou até a crear na propria intimidade uma fama de grosseiro, que de certo não merecia.

Infelizmente os frouxeis da cadeira de consultor do ministerio da justiça não foram remanso de poeta. A continua contemplação da engrenagem da machina governamental, o contacto com ambiciosos vulgares provavelmente encandearam-lhe a vista; a visão aos bocados foi-se pervertendo, dando por ultimo resultado ferir-lhe a estatura comezinha de muita gente que ostentava as pennas de pavão nos logares mais elevados. O confronto irritou-o; o desdem furtivo de uns acelerou-lhe o sangue, a indiferença de outros lançou-lhe n'alma golfadas de uma crua indignação. Si por um lado fez-lhe mal essa insoffrida emulação, por outro obrigou-o a applicar-se ao estudo de questões juridicas, e encher a pasta de consultor com pareceres, que, pelo menos devido á fórmula, conquistaram-lhe uma reputação entre os discipulos de Paulo e Triboniano. Não parou ahi. J. de Alencar vinha das regiões da poesia e das artes, cousas frivolas para muita gente; e o mundo, aonde agora tentava, ou antes aonde era estimulado a tornar valido o seu talento, esse mundo, não direi de positivismo, mas de *positividades*, de que a trica tomou conta em todos os tempos, esse mundo eufim que vive mais occupado de si do que de outra cousa; esse mundo chato sorria sorrateiro, e semelhante sorriso o incommodava extraordinariamente. Os homens praticos dominavam,

como é bem natural; e isto pareceu-lhe revoltante, estúpido, abusivo. Tudo queria apenas dizer que o sentimento do poder afinal o empolgava; e, quando menos cuidou, o autor do *Guarany*, esquecido dos idyllios, dos threnos, enveredava pelas invias encostas da politica.

Disse elle algures que o homem politico foi o *unico homem novo* que se formou em sua virilidade.¹ **Acredito que com este novo homem appareceram qualidades que tiveram adiante de alterar-lhe o caracter litterario. Nessa época seguramente a sua vaidade**

¹ Alludo algumas tiras de papel, em que J. de Alencar deixou esboçado um dos capitulos de sua auto-biographia, cuja leitura, só depois de chegado o trabalho a este ponto, foi-me franqueada pela sua viuva. Tem por titulo este capitulo, em fórma de carta a um amigo;—*Como e porque fui romancista?* Em rapidos traços o autor ahí descreve os seus primeiros estudos, as suas emulações na escola, as suas leituras predilectas dos tempos de academico, em nada discordantes do que já ouvira a elle proprio. Fala nos profundos traços que lhe sulcaram no espirito de menino *Amanda e Oscar, Saint-Clair das ilhas* e outros romances do antigo repertorio; torna saliente a impressão que lhe causara em S. Paulo a fama grangeada ao Dr. Maceio pela *Moretinha*, dando por fim noticia do primeiro romance que compuzera, romance de grande movimento maritimo, intitulado o *Contrabandista*, calcado sobre o *Piloto de Cooper*, que uns seus companheiros de quarto queimaram, accendendo cigarros e charutos. Essa obra, segundo affirma, com ser da sua puericia, não desmentiria das outras, si, depois de corrigida, fosse publicada. No mais nada accrescenta sobre os segredos de sua vida.

Antes de findar esta nota, cabe-me ratificar um provavel engano que se deu em uma das notas anteriores. Disse eu que *A alma de Lazaro* e *O ermitão da Glaria* eram fructos dos lazeres academicos. Pois acontece, que referindo-se ao *Contrabandista*, J. de Alencar não allude si quer a estas duas composições. Houve esquecimento do autor quando escrevia aquellas tiras? Creio que sim, porque estou bem lembrado de ouvi-lo desculpar-se das fraquezas dos citados livros, que eram restos da sua bagagem academica, por signal que até Lazaro fôra um personagem seu conhecido em Olinda, quando ali estudava o 3º anno, cuja vida observara, muito e muito impressionado pelas ruinas do convento do Carmo.

passou pelas primeiras provações. Correm mesmo por ahí uns versos vigorosos, cheios de indignação, que transpiram todo o fel que politicos ou não politicos derramaram-lhe n'alma.¹ Semelhantes versos revelam a existencia de decepções que um moço de talento e já festejado não tolera sem protesto. Além disto, accrescia que do menino havia um qualquer espinho, que de vez em quando annueava-lhe o semblante; uma preocupação talvez pueril, mas que nem por ser pueril deixou de travar-lhe a boca, e que, nesses instantes de desalento, abria-se-lhe em chaga dolorosa. Viu então quamanha era a sua illusão, e que a sociedade circumvisinha exigia muito mais do que

¹ Estes versos não tem titulo, nem dedicatoria; são os seguintes:

« Ainda és bella! No teu labio rubro
Desfolha amor lubrico sorriso.
Dos grandes olhos negros que fascinam.
Promettes n'um volver o paraizo.

Mas qu'importa! P'ra mim és uma estatua,
Legenda triste de infeliz passado.
Ou a sombra erradia de minha alma,
Extincta por um dia haver-te amado.

Póde a teus pés curvar-se o mundo inteiro,
Pódem render-te os homens vassallagem,
Que eu contemplo de longe sobranceiro,
Da mulher que eu amei a fria imagem.

Talvez que um dia, quando não restarem,
Nem vestigios daquelle santo amor,
Eu venha, como os outros, já sem lagrimas,
Revelar-te o mysterio-dessa dór.

Assim de longes terras peregrino,
Si volta á doce patria que o perdera,
Ajoelha ante a lousa de seus paes
Nas ruinas da casa em nascera. »

talento. Sentiu a necessidade de alguma cousa mais do que o rodapé dos jornaes, de um scenario maior, ou antes aonde fosse mais visivel para certos espectadores que o interessavam e mostravam-se indifferentes.

E' uma verdade hoje reconhecida que sem politica nada se consegue neste paiz, onde tudo é grande menos o homem. J de Alencar convenceu-se disto. Não podendo ser diplomata como Magalhães e Porto-Alegre, pois repugnava-lhe emigrar, lançou-se desassombrado na politica. A consequencia disto foi emudecerem as musas por algum tempo.¹ A tarantula cresceu, cresceu, e estendeu-se por fim em uma candidatura à assembléa geral.

Em principios de 1860 embarcou para a provincia natal e ahi afundiou-se nos aborrecimentos de um pleito eleitoral. Ainda em 1867, estando eu de férias na cidade da Fortaleza, mostraram-me na casa onde hospedou-se o illustre candidato o logar, em que elle passava dias inteiros amuado, sem dizer palavra, entregue todo á ruminação das contrariedades que curtia.

Não obstante, revendo os campos nativos em que outr'ora retouçara sua imaginação infantil, reviveram para elle esses carnaúbaes povoados pela aligera orchestra dos corruptions, *esses mares bravios* das costas do Mocoripe, aonde balouçavam-se os conductores do progresso. O arrebol, rompendo pelo viso das serranias, e o canto do vaqueiro ao longe, saudoso, repassado de ternura, vieram despertal-o desse pe-

¹ Entre *Mãe e Luctola* medeiam trez annos.

sadelo. Rapido atirou-se atravez dos tableiros risonhos, rescendentes do aroma convidativo da mangaba e do murecy, e foi descançar á sombra dos nascentes arvoredos em flôr.

Póde ser preconceito meu, mas creio que poucas cousas existem comparaveis ás faceirices caboclas de minha terra. Nada mais voluptuoso do que as sestas passadas ao outão das casas dos engenhos, ao som da voz de uma morena de olhos luzidios, de tranças cheirosas a baunilha, seios tumidos, que, acompanhando a vagarosa junta de bois, descanta os seus ocios amorosos. O que ha ahi que rivalise com o despertar da risonha natureza equatorial? com as brisas balsamicas, que sopram de continuo pelos vales? com os effluvios originaes que se desprendem do chão, mal o molham os primeiros choviscos de outubro? E o transparente, o diaphano da luz do sol? a nitidez da atmosphaera? e o ar que nos banha as faces e entumesce os pulmões, visitando-os com uma vida nova? o ar sadio e jucundo que dá timbre aos passaros, robustece o grito do animal silvestre, e concede ao ruido das aguas uma repercussão melódica, particular, que não se encontra em toda parte?

O clima das vargens da Mecejana, berço natalicio de J. de Alencar, produziu-lhe no animo um abalo singular. O prologo da primeira edição da *Iracema* está profundamente impregnado do sentimento que os tableiros e os carnaúbaes lhe despertaram.¹ E assim foi bom; porque o espirito

¹ *Iracema*, pag. 9 e 10 (3.ª ed.).

do autor de paginas tão genuinamente cearenses andava erradio e perdido da sua verdadeira orientação. A viagem ao Ceará serviu-lhe para isto. Satisfez-lhe a vaidade e reconciliou-o com os sonhos arabicos, de que ha tanto revoara. Regressando ao Rio de Janeiro com o diploma de deputado, seus impetos politicos cedo encontraram um sedativo na deficiencia do órgão da palavra. Não ha ambições, por mais intensas que sejam em um moço, que, no seio de um parlamento, resistam ao silencio e a um olhar languido para a tribuna, dentro da qual fulguram os talentos da palavra. J. de Alencar pensaria no nome de um Sheridan; lembrava-se talvez de um successo igual ao do dramaturgo e orador inglez, que, ao lado de Pit, fez abysmar com sua facundia uma assembléa enorme; mas a natureza não lhe proporcionara, ou pelo menos parecia não lhe haver proporcionado, os recursos que transluzem no verbo a imaginação do romancista. A tribuna não se lhe constituiu nas sessões de 1860 a 1863 rota franca por onde conduzisse o carro dos seus triumphos. Não quer isto dizer tambem que de todo emmudecesse; que mesmo soffresse em sua estréa, como d'Israeli, a reprovação dos companheiros, e fosse preciso intimar aos adversarios um prazo para que o ouvissem bem ou mal. Não: apenas a sua eloquencia não era espontanea e tumultuosa; elle tinha defeitos a corrigir e difficuldades materiaes a vencer. Compreendeu isto e retraiu-se; de sorte que naquelle tempo o obscuro deputado estava bem longe de mostrar a toga do orador, que o tempo e o esforço converteriam no ministro do *16 de Julho*, no compe-

tidor de Zacarias e de Silveira Martins. Em compensação, o seu talento recalcou-se nas obras litterarias, e em breve dá a publicidade *Luciola*, *Diva*, *Minas de prata* e *Iracema*.

O autor, descançado de certas lides, remonta-se á Tijuca, e ahí em uma especie de *Tibur* horaciana procura uma beata tranquillidade para compor seus ultimos livros. Estas obras não trazem mais o calor e virgindade das primeiras, despreoccupadas, espontaneas: indicam porém grandes progressos no artista, sem perderem a alma da poesia revelada no epilogo do *Guarany*. Encontram-se nellas duas linhas ascendentes bem distinctas, que se tornam symptomaticas de algum divorcio futuro. As *Minas de prata* são incontestavelmente a propagação do mesmo suave sentimento que gerou o *Guarany*: *Diva* e *Luciola* traem a existencia de um verme corrosivo, que em sua alma se introduzira, primeiro por emulação de escolas, depois por vaidade e desejo de armar ao publico, e no fim por terem-lhe acirrado o temperamento. *Luciola* e *Diva* são, pois, prolongamentos dos furores do jornalista, e provavelmente residuos da pasta mixta, aonde haviam sido escriptos os dramas representados no Gymnasio e os artigos politicos e sociaes do *Diario*. Mas, em todo o caso, o centro de suas composições continúa a ser a mulher (*Yara*), e o gracil a vida de seus livros.

Um dia o senhor Lafayette rompeu com J. de Alencar, em consequencia de rivalidades forenses, ahí por uma questão de *lana caprina*, em que muitas

vezes os homens de espirito se aprazem dar espectáculo. Pretendeu negar-lhe talento, e, do meio da troça dos Pegas, Cujacios, Lobões e Mellos Freires, só com o fim de transtornal-o, disse que *Luciola e Diva* não passavam de uns monstrenços Moraes.

O ex-ministro da justiça, apesar de seus modos acanhados, segundo dizem, tem velleidades litterarias; cultiva a alta latinidade e cita com exactidão epigraphes poeticas. Talvez isto mais do que a raiva do polemista juridico concorresse para a injustiça com que tratou o romancista brasileiro, considerando os seus trabalhos litterarios como um *fratras* (sic) inintelligivel. Em que pese, porém, aos idolatras, elle teve sua razão em quanto aos *monstrenços* alludidos. *Luciola e Diva* são pelo menos creaturas indefineis; são as mulheres caprichosas dos seus primeiros romances, com as cruas superfetações de caracteres extraordinarios, tirados dos livros de Octave Feuillet. Essa associação mais hybrida ainda do que a da Carolina das *Azas de um anjo*, com vivissimo desprazer me obriga a palpar a primitiva natureza dessas pobres meças, que palpitam por traz da crosta que as esmaga. E' o caso de afirmar-se que ellas *hurlent de se trouver ensemble!* A magia do estylo de J. de Alencar chegará para muita gente a encobrir tamanho crime: mas observe-se o facto com um pouco mais de attenção do que a vulgar capacidade, e tel-o-hão sorprendido em flagrante delicto.

Ha quem veja em *Luciola* uma simples imitação da *Dama das Camélias*. Vaç nisto um grande engano. Nas exterioridades, com effeito, pôde-se encontrar

qualquer cousa que dê a suspeitar a relação de cópia para modelo. Mas, logo que se analyse o fundo do character de ambas as mulheres, surgirá clara a divergencia. Margarida é uma amorosa ardente, que, por circumstancias naturaes, cae na perdição, e por suave gradação regressa ao paiz de onde emigrara, só pela influencia reflexa da passividade do miserando Duval. Lucia é feroz, idiosincrasica: a prostituição nessa mulher é um desespero inexplicavel, que a todo instante contrasta com a alma poetica do typo ideal que o autor tem ante os olhos. Lucia é quasi nymphomaniaca. Tratada essa aberração physiologica á maneira por que Bellot tratou-a depois na *Mulher do fogo*, não a recusaria: mas, longe disto, o autor de *Iracema*, dando corda ao seu genio phantasioso, apresenta um retrato exdruxulo, sinão uma dessas extravagancias a Edgar Poë, em que a razão cambaleia de braço dado com a imaginação do nevrosiaco. A dualidade de Lucia, pois, no campo dos actos conscientes da alma normal, é inadmissivel.

Quando Paulo vae á sua casa a primeira vez no intuito lubrico de desfrutal-a, e, tomado de ancias febris, aperta-a ao peito, seus labios, «encontrando naturalmente o collo da peccadora, se embebem sequiosos na covinha que formavam nascendo os dois seios modestamente occultos pela cambraia»; Lucia cobre-se de rubor, torna-se livida, e chora com uma afflicção que chega a fazer acreditar em um ludibrio. Logo depois o moço irritado, suppondo-se victima de uma comedia, lança-lhe em rosto essa perfidia: essas palavras produzem reacção. Os amaneirados da gata

transmudam-se de subito, surge a perda em todo seu fulgor de bacchante, louca, e diante delle abre-se «um abysmo de sensualidades nas azas transparente, da narina, que tremiam com o anhelito do suspiro curto e sibillante.»

A suave fixidez do gesto meigo succedeu a vehemencia e a energia dos movimentos. O talhe perdera a ligeira flexão que de ordinario o curvava, como uma haste delicada ao sopro das auras; e agora arqueava, enfunando a rija carnação de um collo soberdo e traindo as ondulações felinas num espreguiçamento voluptuoso. A's vezes um tremor espasmodico percorria-lhe todo o corpo....¹

Não revela acaso este trecho um organismo perverso? A scena, portanto, a que o autor se refere, exclue a anterior. Todos sabem que o pudor é a resultante de um justo equilibrio das praticas estabelecidas com o estado sadio da pessoa.¹ Ou o cynismo de Lucia ou as suas pudicias não tem razão de ser. Apaixonada uma vez por Paulo, o romance segue cheio de iguaes intermittencias. A orgia romana em casa do Sá põe completamente em relevo esta asserção. E' para ver-seo «orgulho satanico» com que de repente, no acume da festa, ella ergue a cabeça, empunha a garrafa de champagne e faz descer pela garganta todo o liquido ahicontido; o desgarre com que salta para cima da mesa e arranca as vestes, como a Phryné da antiguidade, não para

¹ *Luctola*, pag. 37 (3.ª ed.)

² «Como todos os sentimentos delicados, o pudor é um ornato moral, que o homem adquiriu lenta e tardiamente. Assim no seu estado actual ainda vemos-o eclipsar-se, quando sobrevem alguma molestia. etc. E' um sentimento particularmente feminino suscitado sem duvida na mulher pelo estado da gravidez ou da menstruação.» Letourneau, *La Sociologie*, pag. 50.

absolver-se perante o Areopago na contemplação das formas divinaes, mas para sensualizar cerebros entorpecidos pelo vicio, debochados, gastos pelo gozo bestial, para emfim pisar, de despeitada, tudo que a mulher pôde conter em si de repugnancias, quando em frente do outro sexo. Entretanto é esta mesma mulher, a quem a companheira mais rafada escarnece e clama «que nem tão baixo desceria»; é esta mulher que dahi a minutos vae com o amante trançar um idyllio de innocencia sob as arvores do jardim, que nada deixaria a desejar á pastoral de St. Pierre. Possue-o emfim a peccadora, e revive a creatura angelica que habitava o corpo daquella besta-fera apocalyptica; e é assim que, correndo os tempos, vae-se encontral-a em um remanso poetico, lendo a Biblia, que passa a ser o seu « livro favorito », a educar-se nos mais sãos principios da moral christã. Não tardam os accessos que a despenhavam nos furores bacchicos da noite romana em casa do Sá; do mesmo modo por que vem, assim voltam os arrufos dos namorados, predominando sempre a phase da innocencia. Por fim a cura impossivel opera-se sorrateica; eis no fim do livro Paulo e Lucia a lerem juntos *Paulo e Virginia* e a historia commovente da infeliz *Atala*, na incommunicabilidade de Adão e Eva antes do peccado. Esta transformação sorprehende a todos, e contra ella protestam todas as leis physiologicas. A Lucia do fim, andando nessa tranquillidade de coração que o autor apraz-se em descrever, apesar da innovação do sentimento de maternidade, nada tem de commum com a Lucia dos primeiros capitulos do livro.

Diva é a irmã gêmea de *Luciola*. Os furorss eroticos de uma são os pudicos da outra. No fundo o mesmo *tour de force*; mudança apenas de situações. Emilia cujo perfil gracioso J. de Alencar procura accentuar, era, quando menina, «muito feia», «um monstrelinho», ainda que como «um colibri implume» esgalgada e magra; chamavam-na «esguicho de gente». ¹ Tinha ferocidades horriveis e chegava a maltratar o medico amigo, lançando-o até fora de casa porque, auscultando-a em um caso de molestia, ousara encostar o ouvido ao seio nubil. Nas reuniões tomava a attitude de corsa arisca, embirrava com um moço que a distinguia, guerreando-o com continuas alfinetadas; ora, negando-lhe acintemente uma quadrilha para dar o braço a outro, ora obrigando-o a humilhações medonhas, entornando chicharas sobre os vestidos, fazendo-o pisar os folhos da saia. Que diabo de genio o dessa rapariga? Entretanto da pudicicia altiva que «mantinha os seus adoradores em respeitosa distancia»; da «regia altivez e casta anreola em que ella resplandecia», revestindo-se de «certa magestade olympia que fulminava», ² quando menos se pensa vae-se vel-a humilde, chá, modificada. E porque? Um dos seus adoradores revoltara-se e aggreDIRA-a, castigando-a brutalmente no braço, que se erguera para repellil-o; de outra vez lembrando-se ella de esbofetear-o, o apaixonado travara-lhe dos pulsos, e, sem respeito ao sexo, prostrava-a aos pés como uma es-

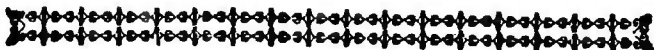
¹ *Diva*, pag. 9, (3.ª ed.).

² Obr. cit., pag. 29.

crava. E' só assim que Emilia pôde amar; mas no emtanto eil-a, por fim, de humilde transformada em romantica como qualquer 'Heloisa de melodrama. No meio de tudo isto apparecem-lhe caprichos de um pudor negativo e inconcebivel. Apesar da educação restricta que tivera, atreve-se a andar sosinha pelas encostas do Rio Comprido, disfarça-se em caçador para encontrar-se com o amante, e não recúa diante da idéa de ficar no ermo com um moço ardente, irritado, e que já a offendera. Esta moça, sem juizo, leva a facilidade até ao ponto de metter-se em casa de um rapaz solteiro. E, para que nada lhe falte do incomprehen-sivel character de Lucia, soffre espasmos diabolicos; pois não sei que nome tenha o estado em que se deixa cair essa menina, quando, ao atravessar um dia com o Almeida um cercado, depois de tel-o vendado com um lenço para ajudal-a a passar, injuria-o como uma louca, só porque o misero procurara amparal-a em uma queda provavel.

Eis, pois, confirmada a asserção do Sr. Lafayette. Luciola e Diva são uns monstregos.

Comtudo J. de Alencar não concebeu mulheres ruins, peiores do que os homens. Nunca elle soube de que estofo fez Corneille as Rodogunas e Cleopatras e Shakespeare lady Macbeth.



IV

O MESMO ASSUMPTO

1856--65

*As minas de prata*¹ foram a obra de mais tomo composta por J. de Alencar, em que, segundo parece, derramou maior amor paterno. Delineada e executada sob os auspícios de tal ou qual tranquillidade de espirito, nota-se neste trabalho esforço visível e intuitos de artista. Acontece que não são os nossos filhos queridos os que mais nos assemelham. O *Guarany* é mais das entranhas do poeta. *As minas de prata* obedecem a uma educação artistica; não tem mais o perfume da flôr, embora como fruto pareçam perfeitamente sazoadas. E' assim que sente-se o alvo muito visado; uma encenação demasiadamente cuidada, e um jogo de bastidores ruidoso. O romancista põe em contribuição todos os recursos de que dispõe, e

¹ Os primeiros volumes deste romance saíram em 1862, na *Bibliotheca Brasileira*, empreza dirigida por Quintino Bocayuva, que como todas as deste genero entre nós não conseguiu vingar.

com singular habilidade transforma a imaginação do leitor num vasto scenario, aonde a gosto e a capricho desenrola uma infindade de paisagens, enredos, surpresas, um tropel de personagens que nada deixam a desejar. Um scenographo não conseguiria melhor dispôr os seus effeitos de optica; um ensaiador habil não o excederia em preparar as convenientes entradas e saídas das figuras no seu drama, nem manteria tão bem a anciedade do espectador diante de peripecias sempre crescentes. Nesta arte, pelo menos, J. de Alencar mostra-se tão perito como os que mais a aperfeiçoaram. Não lhe são superiores nem *Os Mysteries de Paris*, nem *O Conde de Monte Christo*, nem *Os Mohicanos*, nem *Os Mysteries do Povo*.

Si o merecimento de obras semelhantes está essencialmente na illusão que podem causar as disposições do contraregra, os alçapões bem manejados, as machinacorreições, as mutações rapidas, as decorações, as ribaltas, desafios e duellos a proposito, scenas de calabouços, caçadas vertiginosas, *rendez-vous*, evasões, perseguições par amor, dedicações cavalheirescas, conspirações abortadas, *As minas d prata* são sem contestação uma obra prima. A quem tem alguma practica do officio é facil, porém, comprehender quanto é simples o manejo de todos estes artificios, e quanto é futil a admiração de muita gente pela *prodigiosa* imaginação do autor do *Rocamble*. Si não viesse fóra de tempo escreveria aqui um capitulo acerca dos processos necessarios para qualquer curioso, com um pouco de paciencia, preparar-se para o desempenho do romance de capa e espada. Tomaria mesmo para

exemplo a historia de Molina, e, dismantelando-a peça por peça, levantando camada por camada, acompanhando o pensamento do autor atraz de cada um dos personagens, por todas as linhas adrede procuradas, notando as suas convergencias, divergencias, suspensões e conciliações, mostraria como tudo isso não passa de um theatrinho de marionettes, quasi sempre movido por cordeis fraquissimos, uma ardileza de funambulo, que perde todo o valor, logo que o publico conhece a simplicidade do segredo. E, não obstante, foi com isto que o autor de *Ivanhoe* fanalisou o mundo de seu tempo. A igreja catholica, que creou a arte da encenação e dos alçapões, com os seus autos sacramentaes, em boa hora inspirára ao seculo a idéa dos dramalhões e dessas engenhosas transposições para o uso do romance. No meio dessas architraves e montões vivem entretanto muitos objectos de arte, verdadeiros typos esculpturaes, cinzelados com amor, lampejos de uma imaginação rica e vivaz.

As leituras das nossas chronicas, feitas com mais assento, posteriormente ao *Guarany*, parecem ter lne communicado um sentimento mais intenso da nossa vida colonial. A archeologia accentua-se a cada pagina, e, embora sob o seu ponto de vista de artista caprichoso, embora atravez do prisma oriental que sempre o persegue, o Brazil se apresenta alli com um travo quinhentista bellissimamente confundido, amalgamado com a selvaticueza tupi. Desta sorte não é sem uma especie de deslumbramento que do seio da vida cavalheiresca dos colonos de S. Salvador vê-se de subito, ao som da inubia selvagem, a ima-

ginação do romancista levantar-se para o deserto inundado de luz, e mostrar-se o vulto do «velho pagé acocorado na crista do rochedo.» «Immovel, diz elle, e estreitamente ligado ao negro rochedo, como uma continuação d'elle, o selvagem ancião parece algum idolo americano que o rude labor dos aborigenes houvesse lavrado no piucaro da rocha.»¹ E esse mytho, semelhante aos monstros religiosos dos centros da Asia, estendendo a vista, com ella envolve todo o sertão da portentosa Jacobina. Causa assombro o modo por que esse guarda feroz dos thesouros do deserto, apenas presente a chegada do aventureiro, desvia as aguas dos rios para sepultal-as no abysmo eterno. E' uma alegoria esplendorosa da invasão avida de ouro, que a cada instante vê luzir e offuscar-se no horizonte as miragens da *Manoa e do El-dorado*. Mais propria para um poema, do que para um romance, dir-se-ia uma pagina da *Iracema* ou dos *Filhos de Tupan* que se antecipa. As grutas magnificas com aspecto de «cidades subterraneas vasadas em prata» com as suas torres gothicicas, ogivas arrojadas e coruscantes, fazem bem lembrar as *Mil e uma noites*, e a lenda do Moribeca, a historia das riquezas de Ali-Babá. Ha em tudo isto uma phantasia ostentosa e febril; e esses enxertos portentosos, feitos assim no romance, chegam até a fazer crêr que a vida possa admitir a realidade de destes sonhos. As creações dos indios de João Fogaça, representando os cinco sentidos do homem em seu maior gráu de acuidade, dão toda a

¹ *Minas de prata*, vol. III, pag. 335.

medida do quanto á largá andou a faculdade inventiva do autor de taes vertigens.

Voltando porém ao genero a que propriamente se filiam *As minas de prata*, a primeira impressão característica que se recebe é a da solemnidade que transparece em todas as paginas do livro. Custa mesmo a crêr que a colonia portugueza, no governo de D. Luiz de Souza, no tempo de Fernão Cardim, fosse tão principescamente festiva. E se bem que, recorrendo á *Narrativa epistolar* do referido jesuita, reconheça que a mania daquelle tempo eram as representações e solemnidades, acho demasiado opprimido o quadro com ouropeis, sedas e veludos.¹ E' inutil talvez fallar no cavalheirismo portuguez, nas reminiscencias de Magriço, no brio, no valor, na nobreza

¹ Cardim ref-re-se propriamente a 1583—90. Neste ponto podiam-no tambem abroquelar as seguintes palavras de Gabriel Soares, que descreve *de visu* em 1587 as riquezas dos moradores da Bahia.

« Ha na Bahia mais de cem moradores que tem cada anno de mil cruzados até cinco mil de renda, e outros que tem mais; cujas fazendas valem vinte mil até cicoenta e sessenta mil cruzados, e davatagem, os quaes tratam suas pessoas muito honradamente com muitos cavallos, creados e escravos, e com vestidos demasiados, especialmente as mulheres, porque não vestem senão sedas, por a terra não ser fria, no que fazem grandes despezas, mormente entre a gente de menor condição; porque qualquer peão anda com calções e gibão de setim ou damasco, o trazem as mulheres com vasquinhas e gibões do mesmo, os quaes, como tem qualquer possibilidade, tem suas casas mui bem concertadas e na sua mesa serviço de prata, e trazem suas mulheres mui bem ataviadas de joias de ouro. » *Tratado descriptivo do Brazil*, pag. 125.

A tudo isto porém se oppõe a força assimiladora dos desertos. Estas riquezas portanto hão de parecer com o que ainda hoje vê-se pelos sertões: bacias de prata e vestidos de cabaia antigos no meio de malas de couro crú, de bancos de páu, e paredes de taipa grossa.

deses aventureiros que primeiro exploraram o Brazil: são chapas estas que ficaram correntes desde que Herculano empunhou a penna no nunca assaz lembrado *Panorama*. A critica que nem tanto hoje nos fallece, com certeza foi-lhe balda em grande parte.

Não sou do pensar daquelles que consideram o romance historico um genero esgotado, um *pastiche* incompativel com a esthetica moderna. E' o proprio Taine quem affirma que este genero viveu e morreu com W. Scott, e ainda assim acrescenta que todas « essas pinturas, que deixou o baronete de Abbotsford de um passado longinquo, são falsas. » Sem embargo da exactidão dos costumes, das paisagens, « acções, discursos, sentimentos, tudo o mais é civilizado, embellecido, arranjado a moderna. »¹ Mas, porque o creador do genero, como diz o mestre, « não teve nem

¹ - De duzentos em duzentos annos mudam-se no homem a estrutura das imagens e das idéas, as molas das paixões, o grau de reflexão, a natureza das inclinações. Quem é que pôde hoje comprehender e apreciar Dante, Rabelais e Rubens a menos que previamente não se tenha preparado com uma educação apropriada? Como pois acreditar que esses grandes pesadelos catholicos e mysticos, essas audacias gigantestas ou essas impurezas da arte carnal entrassem taes e quaes no cerebro do *gentleman* burguez? W. Scott detem-se apenas chega ao limiar da alma e no vestibulo da historia, e da Renascença e idade média escolhe apenas o digno e o agradável, apaga a linguagem ingenua, a sensualidade desabrida e a ferocidade bestial. No fim de contas seus personagens em qualquer seculo, para o qual sejam transportados, são sempre os seus visinhos, rendeiros tratantes, bailios vaidosos, *gentlemen* enluvados, todos mais ou menos burguezes, isto é, estabelecidos, situados por sua educação e seu character a cem leguas dos loucos voluptuosos da Renascença e das bestas feras da idade média.» Taine. *Historia da litteratura inglesa*, vol. IV, pag. 301.

Michelet ou Carlyle, disciplinados no romance, e com uma educação renovada, realisariam toda a aspiração que o illustre critico deixa transpirar nestas criteriosas linhas.

talento, nem tempo para penetrar no amago dos seus personagens,» segue-se que a causa do romance historico esteja perdida para sempre? Si a *Salammbó* de Flaubert e o *Cavallo de Phidias* de Cherbuliez não são, desde já, um ponto de partida para a nova phase desse genero litterario, resta esperar pelos estudos antropologicos, que seguramente farão conhecer a alma do homem antigo, tão bem como já lhe conhecemos a exterioridade. Não sei por que motivo a emoção do archeologo, quando profunda e recalçada, não deva ter uma expressão no mundo externo da poesia, uma manifestação esthetica tão legitima como é legitima as que resultam da contemplação da vida moderna. Si é verdade que nas artes tudo é relativo, e ellas se modificam á proporção que o eixo das nossas idéas se desloca, ou que o ponto de vista se transforma; si é verdade que no modo mesmo de enxergar o tempo presente vemos enormes divergencias de dia para dia, de individuo para individuo: qual a razão por que a lembrança do que os criticos tem se aprazido em chamar mania medieval, ha de afastar a vocação verdadeira desse ponto de vista critico e scientifico, desses novos processos artisticos para reconstituir a vida do passado? Si a questão é de despreocupação das obsessões da vida de hoje, parece certo que a tendencia moderna para objectivar a arte dará o estado mental preciso para não desesperar-se tão depressa da regeneração do genero historico.

J. de Alencar não podia collocar-se nestas condições extraordinarias. Aconteceu-lhe o mesmo, *mutatis mutandis*, que Theophilo Brága, com algum

exagero, acusa ter succedido com Alexandre Herculano: insufficiencia dos trabalhos então existentes sobre a vida domestica da colonia, falta de estudos sobre a fronte tradicional dos cantos e contos populares e mais que tudo indisciplina philosophica.¹ Dados porém todos os descontos da época, e do estado mental do autor, não são *As minas de prata* uma das obras inferiores de J. de Alencar. Como já atraz denunciei, do seio desses crepusculos extraordinarios, coloridos por sua imaginação, dos centros das paisagens dos sertões da Bahia, azuladas pelos fogos projectados em uma verdadeira orgia de côres e effeitos de luz, emergem os bustos do padre Molina e de Vaz Caminha, que são perduraveis. No padre Molina principalmente, sem que se lhe carregue a pecha de imitação do D'Agrigny do *Judeu Errante* ou do Ventura da *Mocidade de D. João V*, derramam-se com desusada eloquencia todas as prevenções do autor contra essa Companhia de Jesus, a quem em seu tempo se costumava emprestar tanta intelligencia, tanto faro de riqueza, tão pronunciado satanismo. Si a sua idéa foi simplesmente desenhar o typo, tal qual existia na crença popular a respeito do jesuita astucioso e máu, o amante de Dulce nada tem que receiar. A figura dessa ave agoureira, surgindo de entre

¹ « Como observamos nas consequencias de toda a actividade litteraria de Herculano, elle nunca teve uma disciplina philosophica no seu espirito, além da logica dos Padres das Necessidades; por isso faltava-lhe o poder de dar vida e movimento psychologico ás paixões, de metter em acção as lendas, e de fazer fallar os personagens, de os definir pela logica ou conditionalismo dos caracteres.» Theophilo Braga, *História do Romantismo em Portugal*, pag. 295.

as sombras dos claustros do collegio de S. Salvador, com a ironia nos labios, sciente de todos os segredos da nascente colonia, a prescrutar os arcanos da terra dos Brazis e as consciencias dos colonos; a figura desse padre, pallido e macerado como um naufrago do amor, minando toda a Bahia, revolvendo archivos, e, ainda não desembarcado, já senhor dos fios com que teria de mover todos os habitantes da colonia, é uma figura que entenebrece a mente e nunca mais apaga-se da memoria de quem lê. Apesar do apparatus sombrio das scenas e da austeridade desses dois grandes vultos que ensombram o drama desde o começo, esse passado colonial ha de se mostrar sempre como a legenda dourada, cheia da mesma intensa alacridade de que re-sente-se o *Guarany*. Os quadros que mais se destacam, onde a vida mais palpita, são os em que a mulher serve de centro, torneios e galanteios. D. José de Aguilar no camarim da formosa judia Rachel seduz, no meio das descripções volutuosas que envolvem sua infeliz e desastrada paixão, o mais casto e reservado dos Josés. O proprio grave e sombrio Molina, que no collegio de S. Salvador ao lado de Fernão Cardim exhibe-se na ter-rivel qualidade de visitador e fulmina o provincial com a destituição de que o armara o geral Claudio Aquaviva, não perde nunca o sestro daquelle Vilarzito, que, no encetar dessa interessante historia, é encontrado nas margens do Mincio a trançar idyllos com a *maja* Dulcita, petulante, risonho, a beijar as tranças da *chi-quita*. E bem o prova a scena final do emparedamento, em que o jesuita, satânico, ambicioso, colhido alfim nos laços da esposa abandonada, rende-se, suspi-ra, en-

canecendo de repente nas torturas deliciosas de um amor sacrilego.

Quanto a Estacio, Christovão, Inezita e Elvira, continuam a ser as mesmas variantes do Alvaro do *Guarany*, de Cecy e de Isabel; os beijos da musa garbula nesse par mimoso do pagensito Gil e da alfoeira, os mesmos voojos e ciciados dos colibris das margens do Paquequer.

O indianismo foi um dos lados por que J. de Alencar mais se deixou arrastar na lição chateaubrianica. A paixão pelo ideal tupy cedo o empunhára. Que o poema indigena adejou-lhe n'alma desde os mais verdes annos confirma-o a carta final da *Iracema*,¹ e a saudade que, a despeito dos sorrisos,

¹ Diz elle no citado trecho da sua projectada autobiographia que já em Olinda, quando cursava o 3.º anno, lendo na bibliotheca de S. Bento os nossos chronistas «via o desenrolarem-se a cada instante na téla das reminiscencias as paisagens do patrio Ceará... e uma cousa vaga e indecisa, que devia parecer-se com o primeiro broto do *Guarany* ou da *Iracema*, fluctuava-lhe na phantasia. Devorando as paginas dos alfarrabios de noticias coloniaes, buscava com soffreguidão um thema para o seu romance.»

«Desde cedo, quando começaram os pruridos litterarios, uma especie de instincto me impellia a imaginação para a raça selvagem e indigena. Digo instincto porque não tinha eu então estudos bastantes, para apreciar devidamente a nacionalidade de uma litteratura; era simples prazer que movia-me á leitura das chronicas e memorias antigas.» *Iracema*, pag. 235 (3.ª ed.)

«O assumpto para a experiencia, de antemão estava achado. Quando em 1848 (refere-se a umas férias passadas alli) re vi nossa terra natal, tive a idéa de aproveitar suas lendas e tradições em alguma obra litteraria. Já em S. Paulo tinha começado uma biographia de Camarão.

«Sua mocidade, a heroica amizade que o ligava a Soares Moreno, a bravura e lealdade de Jacauna, alliado dos Portuguezes, e suas guerras contra o celebre Mel Redondo; ahí estava o thema. Faltava-lhe o perfume que derrama sobre as paixões do homem a alma da mulher.» *Obr. cit.*, pag. 240.

começa aos poucos a invadir-o. Fôra justamente esta preocupação, vinda de tão longe, que prostrára nas celebres cartas de *Ig* a epopéa pretenciosa do poeta Magalhães. Já no *Guarany* a impaciencia fizera, apesar das exigencias da composição, golfar no papel grande parte desse immenso desejo; ahi encontra-se os cadenciados cantos de Pery e a lenda do Tamandaré. Neste tempo é bem possível que a *Iracema* já existisse na flôr, que só em 1865, depois da digressão ao torrão natal, arredondou-se no fructo esplendido, premicias da idéa talvez inexequível desse poema prometido em 1856, e ainda em quasi sua totalidade inedito—*Os Filhos de Tupan*. Digo premicias porque, ao que parece, a idéa grandiosa dese projectado monumento sossobrava-lhe a alma em um pelago insondavel. Por vezes vi-o manifestar as vacillações em que o punham os cantos inacabados logo que os tentava corrigir; e recordo-me bem de que a duvida principal consistia em fixar uma das duas hypotheses—si o verso deveria soltar-se dos labios de um bardo civilisado ou si da boca de um tupy. No primeiro caso, elle dizia, todos os sentimentos indigenas teriam de desaparecer da téla, pois que seria estranho que a esthesia guaranítica penetrasse na alma do portuguez contemplativo; racionalmente não poderia aproveitar o fundo das crenças indigenas e encarnar a legenda dos piagas na estrophe barbara dos *nheengaraçaras*. No segundo corriam-se da vista todas as bellezas que assombravam o colono: nem as lutas truculentas dos selvagens, nem o urro do jaguar, nem a sombra da floresta, nem o brado das cascatas, nem o convulsionar dos grandes rios, nem

os encantos da flora e fauna' conseguiriam desferir as cordas do instrumento indigena. Indifferente a tudo isto por habito e conformação, o selvagem desconheceria todo o segredo da arte descriptiva, para concentrar-se só nos seus rudes sentimentos, nas suas vinganças guerreiras, nas suas paixões sanguineas, nessas admirações brutaes pelo raio, pelo trovão, que dominam o animal apenas humanizado. E esta critica com razão o esbarrava; era o instinctivo reconhecimento em tempo da impossibilidade de construir-se um poema cyclico. Da fusão entretanto destas duas hypotheses nasceu a *Iracema*, para cuja apreciação força é tomar o unico ponto de vista razoavel, que sem decapitar a obra reconheça o que possa haverahi de falho e insufficiente.

Já vimos como e por mão de quem entrára o romantismo no Brazil. Os vagidos da musa de *Urania* e das *Brasilianas* mal foram ouvidos pelo povo, que iniciava-se nos segredos da lyra civilizada. A imitação servil dos poetas europeus facilmente convencerá de que o unico veio então possivel, por onde se inoculasse o romantismo, seria o das tradições do paiz. A *Confederação dos Tamoyos*, impressa sob os auspicios do Imperador, em régia edição dourada, si não foi, pelo menos pretendeu ser o canon litterario da nova geração. Esse canon porém não trazia o sello do genio, e, sob o ponto de vista romantico, nem sequer exprimia a comprehensão tardia do movimento que procurava propagar. O indianismo, ou, por outra, o sentimento da legenda indigena, entranhado no coração crioulo pela reacção romantica, só teve um

representante sério no Brazil, como só um teve tambem na America do Norte: — J. de Alencar e Cooper. Sem embargo do que se possa trazer em abono de Basilio da Gama e Durão, que, destituídos de intuitos, fõram apenas influenciados pelos tons geraes da paisagem brasileira; sem desconhecer o grande sentimento das florestas que em muitos e muitos logares se depara nos cantos do nosso grande lyrico Gonçalves Dias, é de inteira justiça aceitar o facto de que — impressão forte e inspiradora só na *Iracema* pôde-se encontrar.

Muito de proposito proximo hoje os dois roman-cistas brasileiro e americano; quero mostrar a diver-gencia entre estas duas naturezas e corrigir um pro-vavel erro de minha puericia litteraria.¹ Quem se der ao trabalho de lèr toda a série dos romances curiosos de Cooper, em que se descreve a historia da independencia de sua patria e as lutas incessantes travadas pelos pioneiros, chegados ali de todos os pon-tos do mundo para travar a luta não só com o ho-mem vermelho como com as difficuldades offerecidas a cada passo por uma natureza promettedora e cruel ao mesmo tempo, muitas vezes sentir-se-á cansado e fechará o livro aborrecido. Si comtudo conti-nuar e chegar ao fim dessa peregrinação, sem omittir os detalhes fastidiosos e as insistentes descripções de caracteres, uma cousa surgirá ao dobrar a ultima pa-

¹ Referencia á *Carta sobre a litteratura brasilica*, op. pu-blicado em 1869, aonde, fanatisado pela leitura das obras de J. de Alencar e de Cooper, confundindo as figuras de Pery, Poty, Chingachgok é Uncas como productos de duas musas gemeas e indifferençaveis, por uma verdadeira illusão de optica julguei calcadas umas sobre as outras.

gina, e é o sentimento como de um qualquer facto verdadeiro que observou de perto e o impressionou. A razão é simples. Cooper, embora recebesse os moldes do romance das mãos de W. Scott, era por natureza e educação o que se chama um *temperamento realista*. Elle nunca procurou poetisar a natureza. Teve em principio uma vida rude, viajou como grumete atravez dos mares, viu tempestades, contemplou todos os phenomenos maritimos. Depois atirou-o a sorte para o meio dos desertos do *Far West*, aonde viveu em guerras com tribus selvagens: e lá um dia por um capricho, sem prévia educação litteraria, lembrando de sentar-se a uma mesa e de molhar a penna n'um tinteiro, começou a desvendá-las com a eloquencia simples de quem assistiu, essas narrativas fortes, verdadeiras, lucidas que são ainda o encanto dos leitores de gosto e dos avidos americanos. O indianismo em Cooper portanto foi uma obra de acaso: o selvagem, como já observei algures, é sempre em suas obras relegado para o fundo do quadro, em cujo plano principal avultam o lutador sympatico, o colono, os Tom Marchs, o batedor de estradas, o caçador de pelles, os Nathaniel Bempos e tantos outros caracteres que tem sido pilhados e estragados pela turba dos fabricantes de romances americanos, Gustave Aymard, Paul Duplessis, Chevalier, Gabriel Ferry, etc. ¹ O interesse pois que o selvagem ahi desperta é filho unicamente da verdade que transluz. Cooper não o apre-

¹ « Poucos terão talvez conseguido fazer dialogar o indio sem destruir em grande parte a sua feição caracteristica. E foi por isso seguramente que Fenimore Cooper nos seus melhores

senta heroe : é o leitor quem o vai arrancar das sombras, dos escondrijos aonde a sagacidade o occulta.¹

Opposto caminho seguiu o autor do *Guarany*. Vimos em principio como se formou o seu espirito e o seu brazileirismo na leitura das chronicas e nas vistas syntheticas de seu paiz. Pouco viajou ; não experimentou a rudeza do deserto, e do seu gabinete perfumado foi que elle projectou a sua lente sobre os horizontes imponentes do Brazil. J. de Alencar era de um idealismo *hors ligne*. Na *Iracema* concretizam-se todas estas illusões de sua terra: mas diga-se logo; muito e profundamente sentidas. E só a luz deste sentimento é que se deve enxergar os merecimentos e as qualidades do producto analysado.

Cumpre tornar saliente que J. de Alencar não tinha uma poetica accentuada, como tiveram Goethe e Schiller, como teve Victor Hugo, apesar de affectar no prologo dos *Sonhos d'ouro* a existencia de cousa pouco mais ou menos semelhante. A sua poetica foi o seu temperamento, foi a desenvolução do seu gosto, conforme descrevi no primeiro capitulo deste trabalho; scientificamente nunca pôde elle coordenar as suas idéas artisticas.

romances, como por exemplo—*Ontario, Ultimo mohicano, Olho de falcão*, etc., nunca fez os selvagens apparecerem no primeiro plano do quadro e sempre no fundo envolvidos em sombras. Respeitou-os em sua taciturnidade sem tiral-os do mysterio; collocou-os como espectros em torno dos colonos que representavam diante delles a civilisação em luta com a natureza e dahi derivou todas as situações, que sem duvida alguma determinaram o exito das suas obras.» *Jacina, a Marabá*, pag. 280.

¹ O Sr. Herbert Smith que escreve uma obra sobre os mythos dos indios da America do Norte, e com quem conversei sobre o assumpto, diz entretanto que os indios de Cooper estão muito distantes da verdade.

Milton um dia, definindo a sua esthetica, disse : *poet must be a true poem*, o poeta deve ser um verdadeiro poema. Com isto quiz apenas significar que a obra litteraria, que não é uma resultante exacta do organismo, pôde ser tudo menos uma obra artistica. As verdadeiras regras estão no sangue, estão nos nervos, estão na estructura do individuo, estão na cerebração inconsciente. Não é extravagancia mesmo afirmar que o artista é um orgão do grande corpo chamado humanidade, que recebe, expelle, decompõe e compõe, segundo os mesmos principios que o physico reconhece, analysando as operações de qualquer orgão do corpo humano.¹ Isto, porém, não obsta a que o poeta, ascendendo a um estado de cultura excepcional, chegue um dia a conhecer-se, a analysar-se, a comprehender-se em todos os segredos de sua organização.² E' o que encontra-se nos já citados poetas, *facto phenomenal*

¹ A experiencia assegura-nos que os artistas tem sempre muito pouco em vista o desenvolvimento de uma idéa, e essa mesma experiencia diz-nos ulteriormente que o publico do artista nunca se mostra ansioso por idéas, ao contrario deixa-se á conta dos criticos. Estudando uma obra d'arte, procedemos da mesma maneira que si tratassemos de uma obra da natureza: depois de havermo nos deliciado pelo effeito da impressão, passaremos a examinar (*to try*) até a certeza quaes foram os meios de que se serviu o artista para chegar a produzir taes effeitos, e não a idéa que se occulta por traz desses processos. Si na disseccão de um animal comprehendemos claramente o mecanismo pelo qual se operam certas funcções, em que nos aproveita saber mais que as funcções são as causas finais do mecanismo? » Lewes, *Life of Goethe*, vol. II, pag. 211.

² « O signal caracteristico do progresso da intelligencia é chegar a fazer com consciencia o que a principio fazia sem consciencia. As mais elevadas operações mentaes, que em origem foram produzidas de um modo irregular e inconsciente attingem um modo de acção systematico. » Spencer, *Principes de Psychologie*, trad. Ribot (1874), vol. I, pag. 693.

para o qual propendem todos os cultores do bello nos seculos adiantados : era o que não havia nos cantores da antiguidade—grandes e magicos instrumentos que não sabiam porque o eram.

J. de Alencar não pôde talvez bem analysar-se, para de sua individualidade extrair as regras de sua acção; e, si houve no seu modo de vêr um ponto de vista em que elle insi-tisse e de que fizesse cabedal, foi este a predilecção pelo indio, paixão mesmo que pretendeu tornar absorvente. As *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos* denunciam como existia já nelle o *verdadeiro poema*. Este ponto de vista, entretanto, era acanhado, e tinha o defeito de enclausurar-lhe o espirito em um circulo de inspirações muito coloridas, sem duvida, mas muito menores do que o seu talento. E, comquanto o tempo lhe arrefecesse este primeiro entusiasmo, a leitura seguida de suas obras demonstra que nos seus canones nunca houve mudança substancial, porque ainda em 1875 essa paixão revivia no *Ubirajara*.¹ Mesmo assim, nesta ultima obra, melhor partido teria tirado para a grande clave da poesia humana, si as circumstancias lhe houvessem dado accesso aos estudos das religiões, dos cultos, da *mythographia*

¹ « Por igual teor, sinão mais grosseiras, são as apreciações de outros escriptores á cerca dos costumes indigenas. As cousas mais poeticas, os traços mais generosos e cavalheirescos do caracter dos selvagens, os sentimentos mais nobres desses filhos da natureza, são deturpados por uma linguagem impropria, quando não acontece lançarem a conta dos indigenas as estravagâncias de uma imaginação desbragada. » *Ubirajara* pag. 160.

que já então Angelo Gubernatis conseguira condensar na sua interessante obra—*Mythologia zoologica*. Mas J. de Alencar conservava-se completamente indifferente aos trabalhos portentosos, que nos ultimos vinte annos tem renovado todas as provincias do saber humano. Sem duvida a isto deve o não ter escapado ás influencias que amaneiraram a *Iracema*, figura esta que bem merece os reparos feitos por Sainte-Beuve e Vinet ao character francez e coquetemente religioso de Atala.¹ Não teria dado á filha de Arakem essa feição druidesca que todos lhe notaram, nem aos bosques do Ceará e ás ceremonias da jurema entre os tobajaras tão pronunciados toques do culto de Karuac, aonde a prophetisa, com sua fouchinha de ouro ia colher o visgo sagrado e ouvir oraculos sob o carvalho legendario. Compreendendo melhor a theogonia tupy, pela comparação e filiação de todas as religiões conhecidas e dissecadas pelos processos modernos, afastaria do velho pagé esses assomos improprios de um fetichismo grosseiro, qual o dos tobajaras; deixaria de envolver os seus caboclos em um culto que o estado de sua civilização ainda não permitia, e, pondo os caracteres de seus personagens mais de acordo com o meio, teria poupado a Martim e

J. de Alencar attribue todo o mal que se diz dos indios aos jesuitas e aos aventureiros. Hoje porém, apezar de ter por muito tempo participado dessa paixão, sem que lhe recuse agora toda a sympathia, não posso deixar de aceitar como expressão da verdade o quadro crú que nos faz Gabriel Soares dos costumes tupinambás, Gabriel Soares que não era nem jesuita, nem aventureiro, sinão um espirito positivo e eminentemente observador.

¹ Sainte-Beuve, *Chateaubriand e seu tempo*; Vinet, *Estudos sobre a litteratura franceza*.

a Iracema palavras que provocariam um verdadeiro escandalo no espirito de Gabriel Soares, si ainda fosse vivo.¹

— Não ouves tu, virgem formosa ? exclamou elle apontando para o antro fremente.

— E' a voz de Tupan !

— Teu Deus falou pela boca do pagé. « Si a virgem de Tupan abandonar ao estrangeiro a flôr de seu corpo, ella morrerá ! »²

Na ausencia desse preparo, forçoso era que o autor, selvagem unicamente por um amor reflexo, fundisse a sua obra sobre as vagas reminiscências dos poemas que outr'ora lêra, e formavam o fundo da legenda tal qual podia viver em sua imaginação. A leitura imprime no espirito ás vezes vincos indeleveis. Dá-se neste caso o mesmo que com os olhos, quando levamos muito tempo a encarar o sol, e de repente mudamos a vista : acontece que todos os objectos tingem-se das côres do espectro solar. Ora quem assiduamente frequentou as estantes de certos autores, a menos que não seja ydiosin crasico, ha de vêr tudo que houver em roda segundo as impressões incessantemente recebidas. E' preciso tempo ou uma organização muito vigorosa para romper essa crosta. Na *Iracema* é facil distinguir o que vem de Homero, o que vem de Ossian, o que vem dos poemas judaicos, o que vem de Chateaubriand. Quem, por exemplo, lendo este trecho, não se recordará de Rachel no momento de avistar o seu

¹ *Tratado descriptivo do Brazil*, pag. 311 e seguintes.

² *Iracema*, pag. 68 (3.^a ed.)

futuro esposo Jacob, e de muitos outros episodios patriarchaes que se encontram a cada passo nas paginas das sagradas escripturas?

A virgem aponta para o estrangeiro e diz :

— Elle veio pae.

— Veiu bem. E' Tupan que traz o hospede á cabana de Araken.

Assim dizendo, o pagé passou o caximbo ao estrangeiro, e entraram ambos na cabana.

O mancebo sentou-se na rêde principal, suspensa no centro da habitação.

Iracema, accendeu o fogo da hospitalidade; e trouxe o que havia de provisões para satisfazer a fome e a sede: trouxe o resto da caça, a farinha d'agua, os fructos silvestres, os favos de mel, o vinho de cajú, o ananaz.

Depois a virgem entrou com a igaçaba, que na fonte proxima enchera de agua fresca para lavar o rosto e as mãos do estrangeiro. ¹

Este outro trecho não lembra as palavras unguidas de José no Egypto, quando lhe appareceram os irmãos?

Iracema abriu a franja de pennas; e mostrou o lindo semblante da criança. Cauby depois que o contemplou por muito tempo, entre risos, disse :

— Elle chupou tua alma.

E beijou nos olhos da joven mãe a imagem da criança, que não se animava a tocar, receioso de offendel-a.

A voz tremula da filha resouu.

— Ainda vive Araken sobre a terra?

— Pena ainda; depois que tu o deixaste, sua cabeça vergou para o peito e não se ergueu mais.

Tu lhe dirás que Iracema já morreu, para que elle se console. ²

¹ Obr. cit., pag. 22.

² Obr. cit., pag. 178.

Eis aqui Irapuan que entra na tribu. Seguem-se os festejos; os caçadores depõem ao fogo peças inteiras; derrama-se o vinho, e os tabajaras banqueteam-se como Ajax e Patroclo. Os seus ciúmes contra o branco, que lhe arreba a o amor da virgem dos labios de mel, a recrudescencia dos odios bravios, as suggestões a que o leva o despeito ingenuo, o recolhimento á cabana, as lutas corporaes; tudo ahi é tão homericamente esculpturado, que, a não ser a phraseologia intercalada do tropo guarany, supprimido o titulo, ter-se-ia a leitura da Odysséa.

Comtudo no seio de todas estas reminiscencias fataes tumultúa fortemente uma qualquer cousa, que não se parece com livro nenhum conhecido. Do conjuncto dessa lenda resalta um tom inimitavel, uma sensação estranha, que não póde ser sinão o resultado do sentimento original que agitou J. de Alencar no meio mixto em que a natureza o collocou. Não é um canto aborigene; mas tambem um europeu não seria capaz de escrevel-o. E' um producto inteiramente crioulo. Como traduzir em outra lingua o calor paterno que se irradia desta invocação?

Verdes mares bravios da minha terra natal, onde canta a jandaia nas frentes da carnaúba:

Verdes mares, que brilhaes como liquida esmeralda aos raios do sol nascente, prolongando as alvas praias ensombradas de coqueiros:

Serenae, ve des mares, e alisae docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale á flôr das aguas.¹

¹ Obr. cit., pag. 13.

O facto da intraduzibilidade de uma estrophe não será acaso a prova mais evidente do seu character original, do seu nacionalismo? Incontestavelmente a vista do torrão natal rescaldára essa sua fibra poetica. Ha ahi uma tamanha concentração de saudade que nos transporta aos castos amores do autor pela terra de Iracema. A narração é cadenciada; o periodo numeroso, solemne; todas as scenas se apresentam como dentro de uma penumbra, ou como em um sonho orvalhado de lagrimas e sorrisos.

E' um *tic* que pela primeira vez lhe apparece, um sentimento novo que se entretece como o cheiro da baunilha por entre aromas de outras terras.

Esse amor triste e pezaroso de Martim pela gentil filha dos taboleiros não é outra cousa mais do que a repercussão de uma dôr que começava a esfolhar-se no coração do poeta; a natureza, que nunca o impressionára pelo lado sombrio, como que de subito o enlanguece, e distila-lhe n' alma esse veneno, que a sensibilidade de Rousseau depurou na contemplação das scenas grandiosas do deserto. A paisagem perde-se-lhe a cada instante em nevoas, e o *canto do acavau no funto do valle* se antecipa ás profundas tristezas que a morte da india havia de derramar na alma severamente poetica do fundador do Ceará. Não obstante o gracil forma ainda o fundo, em que se assenta toda essa pequena transmutação de seu espirito, continuando a mulher a ser nessa lenda encantada o eixo sobre que gira todo o interesse. Com ser cabocla a filha de Araken, a amante de Moreno, nada perde do capricho que a evolução do typo da mulher na

mente artistica de J. de Alencar deixára ficar no epilogo do *Guarany*. São as mesmas garridices e suggestões, desfazendo-se no dulçuroso abandono, no *laissez aller* do final de todos os seus livros, aonde o amor representa o principal papel.

Um dia, ao pino do sol, ella repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acacia silvestre espargiam flôres sobre os humidos cabellos. Escondidos na folhagem, os passaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho: o aljofar da agua ainda a rorejava, como a doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das pennas do guará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho proximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto della. As vezes sóbe aos ramos da arvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o urú de palha matisada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios de crautá, as agulhas de jussara com que tece a renda e as tintas de que matisa o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sésta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante della e todo a contemplal-a está um guerreiro estranho, si é guerreiro e não algum espirito máu da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar: nos olhos o azul triste das aguas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rapido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partio. Gottas de sangue borbulham na face do desconhecido.

Do primeiro impeto a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é symbolo de ternura e amor. Soffreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que elle poz nos olhos e no rosto, não sei eu.

Porém a virgem lançou de si o arco e a piraçaba, e correu para o guerreiro, sentida da magua que causára. ¹

Este sentimento gafrulo e flebil ao mesmo tempo, concertando com o accento grave do coração bondoso e forte de Martim, vibra em todo o livro, dando-lhe um tom que não se encontra tão accentuado em nenhuma obra anterior de Alencar. O amor de Iracema não é franco, porque não permitem os ritos que o estrangeiro desfolhe a flôr consagrada a Tupan. E' preciso que o guerreiro se retire da taba onde o pagé na propria cabana o recebera. Chega Cauby, irmão de Iracema, e offerece-se para guiar o branco. A despedida é dolorosa. « A tarde é a tristeza do sol, diz a virgem. Os dias de Iracema vão ser longas tardes sem manhã, até que venha para ella a grande noite.»... « A boca do guerreiro pousou na boca mimosa da virgem. Ficaram assim unidos como dois fructos gemeos de araçá, que saíram da mesma flôr.» Irapuan que não se esquece da vingança, apenas separam-se, põe em sitio os fugitivos. Carpe ainda a sua dôr ao lado de Araken, quando o grito da inhumana vem despertal-os: é Cauby que avisa. Iracema atravessa a matta e interpõe-se entre os rivaes. E' ao tempo que os husios dos pitiguaes atroam os ares. Irapuan corre a defender a taba, onde exproba ao branco as offensas a Tupan e a Araken a violação dos ritos; mas este faz ouvir a voz do trovão pela boca do antro em que está posta sua cabana, e o guerreiro indigena recúa suplantado pelo terror religioso. Martim

¹ Obr. cit., pag. 17.

scisma sobre o poder do pagé e lembra-o á india Alta noite ouve o grito de guerra do seu amigo Poty. Iracema occulta o segredo da presença dos inimigos de sua raça, e curte as torturas pelas quaes vão os seus passar: o amor fal-a correr ao encontro do chefe potyguara.

Eis aonde verdadeiramente está o perfume original da *Iracema*: é nessa sympathica figura do Camarão que vem salvar o branco. O vulto de Poty emerge das sombras como uma visão real dos tempos idos.

Avança a filha de Araken nas trevas; pára e escuta.

O grito da gaivoia terpeira vez resôa a seu ouvido; vae direito ao lugar de onde partiu; chega á borda de um tanque; seu olhar investiga a escuridão e nada vê do que busca.

A voz maviosa, debil, como sussurro de colibrí, murmura.

— Guerreiro Poty, teu irmão branco te chama pela boca de Iracema.

Só o éco respondeu-lhe:

— A filha de teus inimigos vem a ti, porque o estrangeiro te ama, e ella ama o estrangeiro.

Fendeu-se a lisa face do lago e um vulto se mostra que nada para a margem e surge fóra.

— Foi Martim quem te mandou, pois, tu sabes o nome de Poty, seu irmão na guerra.

— Falla, chefe potyguara; o guerreiro branco espera.

— Torna a elle e diz que Poty é chegado para o salvar.

— Elle sabe; e mandou-me a ti.

.....
 — A raiva de Irapuan é como a andira; foge a luz e vóa nas trevas.

A mão de Poty cerrou subito os labios da virgem; a sua fala parecia um sopro:

— Suspende a voz e o respiro, virgem das florestas; o ouvido inimigo escuta na sombra.

As folhas crepitavam de manso, como si por ellas passasse a fragueira nambú, um rumor, partido da orla da mata, vinha percorrendo pelo valle. O valente Poty, resvallando pela relva, como o ligeiro camarão, de que elle tomara o nome e a viveza, desapareceu no lago profundo. A agua não soltou um murmurio, e cerrou sobre elle sua onda limpida. ¹

Nunca a imaginação brasileira, posta ao serviço da história, conseguiu alevantar da sua obscuridade com a eloquencia da intuição um vulto tão exacto como o que ahi fica revelado em poucas linhas. E' o Camarão semi-civilisado que encontramos na fundação do Ceará e nas lendas hollandezas.

Os tobajaras atacam o branco, enquanto o pagé recolhe-se ao bosque : mas Iracema ergue a lage onde se esconde o trovão, e occulta o amante no bojo da montanha. Cauby defende a cabana e faz retroar a caverna. Os revoltosos aterrados arrebatam Irapuan, com receio da colera de Tupan. Então Iracema e Martim descem o abysmo, que dá em baixo na planicie, para juntarem-se a Poty. Combinam a fuga, e quando chega a lua designada, logo que os guerreiros são entregues aos sonhos dourados que lhes dá no bosque o vinho da jurema, Iracema, depois de depor a igaçaba de onde tirára essas illusões sagradas, abandona o alvergue paterno com o branco e seu amigo. Em vão Irapuan tenta colhel-os, porque Jacauna, irmão de Poty vem em seu soccorro. Para logo ganham as praias do Camocim, onde este guerreiro tem a sua cabana. Iracema começa a entristecer, porque a abriga um tecto inimigo ; Martim dirige-a ao Mocaripe e ahi estabe-

¹ Obr. cit. pag. 77.

lece os seus penates. A vida que os dous esposos ali desfructam é o idyllo perfumoso das florestas. Poty, o amigo sempre fiel alterna-lhe os serões, e conta-lhes sua historia.

Antes que o pae de Jacauna e Poty, o valente guerreiro Jatobá, mandasse sobre todos os guerreiros potyguares, o grande tacape da nação estava na dextra de Batuireté, o maior chefe, pae de Jatobá. Foi elle que veio pelas praias do mar até o rio do jaguar e expulsou os tobajaras para dentro das terras, marcando a cada tribu seu logar; depois entrou pelo sertão até a serra que tomou seu nome.

Quando suas estrelas eram muitas, e tantas que no seu camocini já não cabia as castanhas que marcavam o numero, o corpo vergou para a terra; o braço endureceu como o galho do ubiratan que não verga: a luz dos olhos escureceu.

Chamou então o guerreiro Jatobá e disse: Filho, toma o tacape da nação potyguara. Tupan não quer que Batuireté o leve mais a guerra, pois tirou a força de seu corpo, o movimento do seu braço e a luz dos seus olhos. Mas Tupan foi bom para elle, pois lhe deu um filho como o guerreiro Jatobá.

Jatobá empunhou o tacape dos potyguaras. Batuireté tomou o bordão de sua velhice e caminhou.

Foi atravessando os vastos sertões, até os campos viçosos onde correm as aguas que vem das bandas da noite. Quando o velho guerreiro arrastava o passo pelas margens, e a sombra de seus olhos não lhe deixava que visse mais o fructo nas arvores ou os passaros no ar, elle dizia em sua tristeza: Ah! meus tempos passados!

A gente que o ouvia chorava a ruina do grande chefe; e desde então passando por aquellos logares repetia suas palavras, donde veio chamar-se o rio e os campos Quixeramõim.

Batuireté veio pelo caminho das garças até aquella serra que tu vês longe, e onde primeiro habitou. Lá no píncaro o velho guerreiro fez seu ninho alto, como gavião, para encher o resto dos seus dias, conversando com Tupan. Seu filho já dorme em baixo da terra, e elle ainda na outra lua scismava na porta de sua cabana, esperando a noite que traz o grande somno.

Todos os chefes potyguaras, quando acordam á voz da guerra, vão pedir ao velho que lhes ensine a vencer porque nenhum

outro guerreiro jamaíã soube como elle combater. Assim as tribus não o chamam mais pelo nome, senão o grande sabedor da guerra, Maranguab.¹

Canto mais brasileiro do que este, aonde com mais intensidade rescenda o perfume das gardenias, aonde com mais calor brilhem os reflexos das nossas lagôas, só o poderia compôr um selvagem, talvez poeta, que o acaso houvesse reduzido á rhetorica dos brancos.

Como «o colibri borboleteando entre as flôres de acacia. Iracema discorria as amenas campinas.» Nem Cecy nas margens do Paquequer, nem Carolina nos jardins de Santa Thereza, nem Diva nas encostas do Rio Comprido, são mais graciosas, mais interessantes,² mais gentis. «A luz da manhã já a encontrava suspenso ao hombro do esposo e sorrindo, como a enredilha que entrelaça o tronco robusto e todas as manhãs a corôa de nova grinalda.» Para completar o idyllio Martim, segundo o costume indigena, tomou no corpo as côres da nação potyguara, e «a alegria ainda morou na eabana todo o tempo que as espigas de milho levaram a amadurecer.» Um dia o branco sente-se morrer de saudades pela patria com a vista de um navio no horizonte.

Como o imbú na varzea, era o coração do guerreiro branco na terra selvagem. A amizade e o amor o acompanharam e fortaleceram duran'e algum tempo, mas agora, longe de sua casa, e de seus irmãos sentia-se no ermo. O amigo e a esposa não bastavam mais a sua existencia, cheia de grandes desejos e nobres ambições. Passava-os já tão breves, agora longos sóes na praia ouvindo gemer o vento e soluçar as ondas.³

¹ Obr. cit., pag. 431.

² Obr. cit. pag. 161.

A saudade o mata. «O soluço de Iracema que o christão ouviu dentro em sua alma» não impede o movimento ingrato. «Chora o cajueiro quando fica o tronco secco e triste», diz ella, comparando suas lagrimas com as da generosa planta, mas isto não obsta a que a lembrança das virgens brancas escureça a alma do esposo. Entretanto a india sente aproximarem-se as dôres da maternidade, e dá ao mundo Moacyr, que quer dizer filho de sua dôr. Vem Cauby visital-a. Martim partira com o amigo; o irmão espera o guerreiro brauco para perguntar-lhe «o que fizera do sorriso que morava nos labios de Iracema.» Volta o christão das suas peregrinações contra o inimigo que o procura expellir da terra, e encontra nos braços da cabocla o filho a quem os seios turgidos da mãe negam o alimento. O parto devia ser fatal a essa mimosa creatura. «O esposo vê então o seu corpo consumido pela dôr; mas a formosura ainda mora nella como o perfume na flôr caída do manacá.» A morte e o funeral dessa india despertam a mesma unção que a morte de Atala, para cujo complemento só falta a figura do padre Aubry.

Desde então os guerreiros pytiguaras, que passavam perto da cabana abandonada e ouviam resoar a voz plangente da ave-amiga, afastavam-se com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia. E foi assim que um dia ve.u a chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio. ¹

E finda-se esta lenda com um soluço, em que a propria natureza morta se alevanta para enviar

¹ Obr. cit. pag. 190.

o seu brado atravez das ondas e depois embuçar-se nas sombras da tristeza. Considero -a a obra culminante de J. de Alencar; pelo menos o livro em que sua alma de poeta com mais força e franqueza se revelou. Ha nessas paginas um sopro cheio de um *quid* divino que faz esquecer todas as delicadezas que confundem, que irmanam a filha de Araken com qualquer uma das outras heroínas de seus romances.

Seja porém como fôr, a *Iracema*, como poema intuitivo, ha de viver em nossa litteratura, como vivem na ingleza os poemas de Macpherson e na franceza o *Telemaco* de Fenelon.

Entretanto J. de Alencar realisára uma intima aspiração. Casára-se em uma familia anglo-brazileira, á qual se ligavam tradições muito vivas com respeito a nossa independencia.¹ Este casamento teve logar em condições mais que poeticas. Exhausto pelo trabalho, tinham-lhe os medicos aconselhado o repouso, com prohibição expressa de entregar-se a estudos de qualquer natureza que fossem. Obrigado a esse retiro espirital, como já por mais de uma vez lhe acontecera, escolheu as apraziveis encostas da Tijuca. Uma particular predilecção o arrastava para tão amenos sitios. Seguiu pois para o hotej

¹ O Dr. Cochrane, pae da esposa de J. de Alencar, era filho de um irmão do Almirante conde de Dundonald. O consorcio deu-se a 20 de Julho de 1864.

Benet, e ali, recolhido na contemplação da natureza, ouvindo o canto das cigarras, o murmurinhar do orvalho, o borborinho das cachoeiras, enlangueceu sob as moitas de bambús, dando ao espirito todo o desafogo que precisava para alar-se a outras espheras. Nem jornaes o deixavam lêr. Mas, uma alma, acostumada as perigrinações pelo mundo da phantasia, não se conserva por muito tempo em uma bealitude semelhante. Começaram as digressões pelas montanhas. Um dia encontrou-o um inglez de maneiras simples e bondosas que o levou até o sitio pittoresco aonde habitava sua familia. Foi ahi que depararam seus olhos enamorados a senhora que depois desposou, menina loura e gentil, que dominou-o por uma forte impressão, traduzida então em uns versos castissimos nunca publicados. Dir-se-ia a encarnação daquella criaturinha meiga e serena que via-se correr pelas barbacans da casa de D. Antonio de Mariz. O proprio poeta, que começava a navegar de novo no azul, talvez por ser essa familia de origem escosseza, por momentos embeveceu-se diante do chalet aonde a vira pela primeira vez como diante de uma paisagem de W. Scott.

Esta alliança não deixou de influir como um novo factor nas variações do seu character; e na *Iracema*, que já foi composta no dominio da familia, presente-se um sopro, que não podia deixar de ser communicado á obra pelos sentimentos inspirados por esse novo estado. Note-se que elle, que tão eloquentemente soubera exagerar na *Mãe* o amor filial e em outros livros a paixão no homem ou na mulher, nunca tivera uma

tecla que vibrasse consoante a esse movimento limpido, tranquillo, chamado amor de esposo. Foi preciso o lar para revelar-lhe o segredo das tintas, sem as quaes é impossivel pintar com alma um quadro verdadeiro. Além desta alteração, apparece uma outra que não offerece menos interesse. J. de Alencar, já de si grave e inclinado á solidão, affeiçoando-se ao systema do *home*, fechou-se hermeticamente no lar domestico, como quem queria viver numa especie de exilio. Suas relações extremaram-se, e o ruido da vida externa nunca mais entrou-lhe n'alma sinão por aquelles conductos que se chamam o jornal e o livro.

Era ao tempo em que se formava o movimento no partido conservador, do qual devia saír o ministerio *16 de Julho*. Do *home* a transição para a politica ingleza não era um passo difficil. Pequenas cousas ás vezes tem uma influencia que ninguem imagina. A concentração no lar reviveu com toda a energia a tarantula da ambição : e de repente eil-o, possuido das doutrinas de Stuart Mill por exemplo, a fulminar a situação. Zacharias, que lhe gerára n'alma indignações verdadeiramente apocalypticas. Como acontece em todas as naturezas artisticas, se lhe afigurou um Brazil em decadencia e um Brazil regenerado : o typo estampou-se-lhe logo na imaginação ; e com uma porção de sarrafos arrebatados á estructura enorme da politica ingleza, incomprehensivel, desde que se não conhece o espirito de sua philosophia, de Bacon e Hobbes até Bentham e seus discipulos, julgou poder apresentar ao paiz um ideal capaz de supplantar todos os males.

que corroiam o colosso. Dahi procederam as celebres *Cartas de Erasmo*. Mas estas notaveis cartas traziam um vicio de origem, o mesmo que notamos nos artigos do *Diario do Rio*. J. de Alencar, espirito poetico, privado de instrumentos de analyse, aprimorado só na ideologia franceza e apaixonada, sem o sentimento da força individual da raça cujas idéas procurava apropriar, estava muito longe de poder acertar com a verdadeira interpretação dos factos, a verdadeira causa dos males que minavam o progresso do paiz. Deste modo, fluctuando entre a corôa e o povo, pintando desastres em toda a parte, alevantando pela patria um grito angustioso, acaba por dar-nos o mais cabal exemplo do quanto é de ordinario insufficiente o cerebro latino para receber e accommodar as idéas do norte da Europa.¹ Não obstante as *Cartas de Erasmo*, aonde o seu autor soube com rara sagacidade emoldurar essas palavras sonoras e ruidosas que são a salvação de muito livro que por ahi anda, essas cartas tiveram um momento de popularidade. Surprenderam o publico, e, o que mais é, aplainaram no espirito dos *sachens* do partido a que elle se filiára todas as difficuldades que lhe poderiam crear a idade e o sestro poetico. Tudo se lhe pôde negar nesses periodos numerosos, menos a arte de *enristar a palavra*, a arte de commover *apicibus verborum ligata*, e fazer se acom-

¹ A revolução franceza é uma prova desta verdade. Foi a insufficiencia pratica desse *sympathico paiz*, para receber as idéas importadas pelos philosophos da encyclopedia, que produziu os movimentos de angustia que deram ao mundo aquelle terrivel espectáculo.

panhar pela popularidade enluvada. Ha ahí lampejos de estylo verdadeiramente admiraveis, influicões até de quem vive já em um mundo de videntes. Mas a nada disto correspondia infelizmente uma estructura que garantisse os impulsos dessa eloquencia. Era o poeta que mais ahí vivia, e o enthusiasmo nem sempre partia de verdadeiras e profundas convicções. Para ser Tacito. faltava-lhe a crueza do dardo afiado ; não tinha o realismo de Juvenal e Marcial: preferiu as doces suggestões de um cantor que implora, nunca pasçando dos furores do colibri.

A rude franqueza de Timandro posta ao serviço das idéas que o haviam impressionado, teriam feito destas cartas um verdadeiro monumento politico e uma das páginas mais importantes de nossa historia parlamentar.



V

DECLINIO

1865 — 77

Taine é de opinião que a vida de todo o artista se divide em dois periodos : ao primeiro pertencem as obras de verdadeira iuspiração, de originalidade si é possível ; ao segundo a repetição, as imitações, a cópia pallida de si mesmo.¹ E' escusado reproduzir os factos physiologicos em que se funda a critica para reduzir isto a uma lei. A sensibilidade tem, como tudo neste mundo, a sua evolução ; cresce em intensidade, exagera-se, gasta-se e decresce até amortecer-se inteiramente, como qualquer orgão que é obrigado a func-

¹ Veja-se o desenvolvimento destes principios nas suas obras *Philosophie de l'art* e *De l'idéal dans l'art*. Lewes parece discordar deste modo de pensar, até certo ponto preocupado com a extraordinaria potencia creadora de Goethe, prolongada além dos setenta annos. Só a decrepitude pôde motivar o decrescimento do valor dos productos artisticos ; e a proposito cita as autoridades de Flourens e Reveillé Parisse, que asseguram ser o periodo entre os cincoenta e cinco e setenta annos, e algumas vezes além, portanto proximo á decrepitude, aquelle em que de ordinario o espirito adquire extensão, consistencia e solidez verdadeiramente admiraveis.

cionar por muito tempo. Ora, desde que os productos da arte estão intimamente ligados a esta faculdade, nada mais natural do que participarem de sua intensidade ou frouxidão, conforme estiver em florescimento ou decadência. E' uma cousa afinal que está no senso commum; a critica apenas chamou para estes factos uma attenção mais systematica.

J. de Alencar já haveria entrado neste segundo periodo? Acredito que não. Suas faculdades mostravam-se tão vivas, tão fulgidas, tão poderosas ainda! O que antes me parece é que, a contar de 1865, graves perturbações foram determinadas pela politica na vida do artista, o que, juntando-se a uma concentração violenta das funcções em um ponto definido, deu lugar a que penetrasse em sua economia um elemento novo e morbido, que veio a tornar-se depois a nota mais aguda do instrumento. ¹

Diz elle, no já citado trecho de sua projectada autobiographia, que « ou não tinha vocação para essa carreira (a politica), ou considerava o governo do Estado cousa tão importante e grave que não se animára nunca a ingerir-se nesse negocio »; e por isso chama homem *quasi estranho* e novo o politico, que o orgulho formára por ultimo dos destroços do litterato. De tudo se depreheende que os factos publicos não tinham tido a

¹ «O reinado de Luiz XIV se divide em duas partes: antes da fistula e depois da fistula. Antes vemos Colbert e as conquistas; depois Mme. Scarron, as derrotas, a proscricção de 500,000 francezes. Com Francisco I a mesma cousa: antes do abcesso e depois do abcesso. Antes a alliança dos Turcos, depois a elevação dos Gnises e o massacre dos Vaudenses, com o qual acabára seu reinado.» Michelet.

necessaria força até então para influirem em sua biographia. A sua presença na imprensa e no parlamento não fôra ocasionada sinão pela velleidade de escriptor ambicioso, ou pelas circumstancias especiaes em que o collocaram o nascimento e as relações. Nunca systematisára as suas idéas, nem fôra em tempo algum dominado pela *furia* propagandista. Duas paixões apenas se denunciavam em seus actos,—a litteraria e o amor proprio. E' sabido que só aquellas duas forças podem crear os Burkes e Kociuscos, os estadistas e os apóstolos. Com o enfraquecimento das tentações pela gloria litteraria enristou-se o amor proprio, e o artista deixou-se por ultimo supplantar. Foi esse sentimento principalmente que o levou a escrever o *Systema representativo*, livro curioso, mas sem nenhuma applicação ao estado da questão eleitoral entre nós : nem revolucionario, nem evolutivo. Foi ainda esse sentimento, auxiliado pelas circumstancias e certas aproximações, que o embarafustou em Macaulay e Erskine May.

Invadira-o entretanto, como nunca, um desejo immenso, uma necessidade forte de entrar nos negocios do paiz, de exercer a sua vontade sobre algum acontecimento, de tornar-se por fim uma força indispensavel ao mecanismo governamental, e fazer-se respeitar, reconhecer justamente por aquelles que não se lembravam dos seus merecimentos. Como a Lamartine desesperava-o o unico pensamento de que o Brazil tinha illustrações politicas, e que elle não era uma dellas ¹. Movimento de pura vaidade, que, não sendo

¹ Mirécourt, *Biographia de Lamartine*.

apadrinhado por uma idéa solida, arriscava-se a produzir efeitos muito desagradaveis. Ora, os homens que-rem ser illudidos, mas em regra ; não põem duvida em applaudir os que exigem esse genero de manifestação, comtanto que se convençam de que o pretendente a suas graças não o faz só por capricho. E' preciso sempre que quem brilha, brilhe em nome de alguma cousa estranha ou remota, ou no interesse desse publico cioso, que tem sido por isso mesmo a causa de tantas desgraças. J. de Alencar não reflectiu maduramente sobre esta verdade; e, entrando na torrente politica, não soube calcular as resistências que se lhe deviam oppôr, bem como a intensidade do impulso e a direcção do seu proposito. Seu pensamento capital foi dizer cousas novas e discordar sempre dos homens e das cousas. Questão de temperamento e de habitos adquiridos em um meio completamente diverso daquelle em que agora se empenhava, com a ingenuidade de um artista e a confiança de um Hercules; mas que Hercules? um Hercules a quem a perfida da politica envolvera em uma tunica de Nessus mil vezes peor.

As *Cartas de Erasmo* transformoram-se na pasta do ministerio da justiça do *Dezeseis de Julho*. Todos viram não obstante, no enthusiasmo fulgido do moço, auspicios de grande alcance para o gabinete conservador, que se erguia com tanta força e pujança.

São bem conhecidas as palavras do organisador desse gabinete o visconde de Itaborahy, a respeito do do autor do *Guarany*. Essas palavras até certo ponto justificam a sua insistencia em influir, a despeito de tudo, nos negocios publicos de sua terra. O illustre

visconde não imaginava que J. de Alencar fosse uma intelligencia tão vasta e tão cheia de lucidez ; e como elle muitos outros notaveis no mundo politico e official. E sacrifique depois disto um homem toda a sua vida a escrever obras litterarias ! Esta candida admiração e *franca* cortezia não eram, porém, penhores certos de que o caprichoso creador de *Diva* e *Luciola* se identificasse com os collegas em um pensamento uniforme e benefico á causa do paiz. Não tardou manifestar-se por parte delle um movimento excentricó, que foi augmentando dia a dia. As divergencias de indole e de idéas pouco a pouco se foram accentuando, e por fim a mais completa incompatibilidade declarou-se entre o ministro indomavel e os outros mais accessíveis ao pensamento imperial. Para resumir este periodo de sua vida politica, que não tenho a pretensão de descrever, pois só me occupo do litterato, basta dizer que, ao passo que por um lado seguia J. de Alencar, sem plano, confiado apenas na sua fertilidade imaginativa, tal qual tratasse de escrever um romance, sem olhar para o chão em que pisava, por outro os collegas, irritados uns, outros dominados pela má vontade a que incontestavelmente fazia juz o fulgor de seus talentos, embora nunca articulassem palavra capaz de os condemnar, sorriam aos que procuravam chamar sobre elle todo o ridiculo possivel. Dessas vacillações aproveitaram-se, quanto estava em suas forças, os seus maiores inimigos no parlamento e na imprensa ; e então viu-se a repetição das mesmas scenas e *reproches* que a França presenciou no tempo dos ministerios de Lamartine e Villemain.

Porque não tinha esse poeta permanecido no lugar que lhe convinha, nas regiões do ideal e da arte? Por mais que repetisse que a litteratura não passava de um desenfado, ninguém acreditava, e os inimigos propositalmente engastavam nos labios um sorriso desdenhoso. Foi isto talvez o que mais o exasperou, concorrendo para desencadear a sua rebeldia e aguçá-lhe o espirito de contradicção. Não queriam decididamente deixal-o brilhar. Havia por força uma conspiração contra as suas legitimas aspirações á gloria. A luta entretanto era desigual, porque, si era innegavel que lhe cabia a superioridade intellectual, não menos certa era a existencia da argucia e da *positividade* dos companheiros, principalmente do mais moço, que comprehendeu logo todo o partido que podia tirar no animo do Imperador para afastar o unico homem que naquella situação podia com seu brilho annullal-o e fazel-o esquecer. No meio de dissabores indiziveis teve, portanto, de cair como subira. Sua natureza refractaria aos segredos da côrte o excluía de uma organização que nem elle comprehendia, nem podia comprehendel-o. Antes disto, porém, apesar da falta de orientação politica, J. de Alencar, que, por um esforço sem exemplo, conseguira romper os obstaculos que o afastavam da tribuna, teve dias no parlamento de verdadeiras glorias oratorias. Ha discursos seus que revelam uma força de vontade admiravel. E' quasi incrivel que aquelle homem houvesse, com o estudo de gabinete, chegado a adquirir qualidades que só o exercicio e a luta concedem

por ultimo aos esforçados como premio de incessantes sacrificios. Si a eloquencia está no nervo da phrase, e no arrastamento do espirito, elle a teve. E os seus discursos foram nesse tempo talvez os mais solemnemente escutados. O improviso com que respondeu ás invectivas do deputado Silveira Martins, passou, por um desses movimentos sublimes que são o privilegio das almas a quem a natureza concedeu a *indignatio* de que fala o poeta. Zacarias quiz esmagal-o do alto de sua reputação e do seu prestigio parlamentar, mas teve o desprazer de sentir que as suas armas, por mais aceradas que fossem, encontravam uma armadura rija, contra a qual tiveram de embotar-se. Pretendeu depois ridicularisal-o e encontrou a satyra prompta até o sangue; e recuou como um Jupiter de opera comica com o raio de lata amarrotado.

Restava-lhe ainda um grande desgosto, desgosto tanto mais profundo quanto devia ser ardente a aspiração que lhe cortavam, a entrada na camara vitalicia. Certas susceptibilidades imperiaes tinham sido feridas pela sua insistente candidatura a uma das vagas deixadas por dois finados illustres, e habilmente os seus desaffectedos souberam avolumal-as para que se produzisse o desejado effeito. O Imperador antipathisára naturalmente com a altivez do ministro, que desde logo o incommodou com os seus arroubos de moço e litterato *mal acostumado*. Tanto bastou tambem para que o ministro, esquecido das *Cartas de Erasmi*, se preoccupasse com a visão de um poder pessoal, que só o era naquella

ocasião por oppôr-se ao levantamento de sua individualidade. Saindo do poder com o coração ulcerado, sentindo-se vencido, todo o seu despeito cresceu contra o arbitro e director de nossas traças politicas. Nisto elle tinha toda a razão, porque todo o mal que lhe haviam feito os collegas não fôra sem aquiescencia do monarcha, em cujos olhos os homens que tem governado este paiz estão acostumados a lêr o sim e o não irresponsaveis. Esse fatidico olhar perdeu-o; perdeu-o tirando-lhe simplesmente a calma precisa para representar o mais brilhante papel que um homem em suas condições poderia ambicionar. Si elle, apenas ausente do gabinete, tem se apresentado na imprensa com franqueza, revelando os tropeços que no poder encontra, o homem de talento toda a vez que pretende fazer prevalecer sua vontade; si tem tido a coragem de levantar-se no parlamento, arregaçando os reposteiros de S. Christovão para mostrar uma cousa que até hoje nenhum ministro decaído se animou a fazer, isto é, o que se passa alli dentro no *tête á tête* ministerial; si afinal J. de Alencar tem atacado o Imperador, embora rudemente,* mas logo, sem detença, talvez todas as suas faltas como politico fossem redimidas, e o paiz impressionado o ouvisse de outra maneira, e ouvindo-o, desse-lhe forças para ser o que elle não era. Circumstancias especiaes talvez desviaram da imprensa algum artigo em que dava vasaõ aos sentimentos que o agitavam. Infelizmente esse assomo ficou nos limbos; e, só depois da sua não escolha, foi que pelo *Dexeseis de*

Julho, jornal que então redigia, auxiliado por seu irmão Leonel de Alencar, rompeu em uma série de artigos, esplendidos de indignação, mas marcados desde começo pelo publico com o estigma do despeito. A contradicção com as *Cartas de Erasmo* era palpavel; e, si bem que o facto das suas relações com o Imperador pudesse justificar-o, na hypothese de uma experiencia que antes de ser ministro não existia, sobrava a consideração de que não tem licença de dizer verdades um homem que acaba de ser depreciado e excluido de uma cadeira senatorial. J. de Alencar não quiz ponderar nada disto, e só falou o seu resentimento. Teve mais uma vez occasião de ser eloquente e mostrar os recursos de seu estylo, a verve de sua imaginação; mas não passou de um triste consolo. A avidez com que liam os seus artigos, depois de um celebre *Ecce iterum Crispinus*, em que Juvenal forneceu-lhe thema para fustigar cruelmente a corôa, não compensava o travo que a setta hervada lhe deixára n'alma.

Tarde vieram as explicações. Só uma cousa colheu-se de todos esses desacertos, — a desorientação de um espirito eminente. A final de contas quem o feria sabia perfeitamente até onde ia o dardo adrede preparado. E conseguiu seu fim, porque desde esta época J. de Alencar deixou de ser homem que era. Foi um mal, um grande mal para nós, que tinhamos o direito de esperar da rejuvenescencia de seu talento, ainda em todo seu vigor, um novo impulso ao influxo das idéas que começavam a caminhar no paiz. E esse desastre devomol-o justamente áquelle que no

estrangeiro é apontado como o mais estrenuo fomentador das nossas letras! A simples *gaucherie* do ministro não autorisava uma punição semelhante, parecendo que o facto de buscar-se assim a falha da armadura do homem, não indicava sinão a confessavel queda, que, segundo dizem, tem manifestado o monarcha pela demolição das individualidades.

J. de Alencar por fim sentiu que as flôres do seu estylo não bastavam já para sustental-o, e que o publico para o qual appellava não o acolhia com o carinho a que tem direito os homens justos e populares. Desde então encheu-o um sentimento como de quem se acha em um terreno escorregadio : nem o favor dos grandes, nem a *sympathia publica*. Este estado de espirito gerou-lhe uma magua incuravel, acompanhada de um pesadume horrivel ; começou a época dos desenganos e dos grandes desalentos. O céu dourado de sua patria deixou-se aos poucos escurecer, e o entusiasmo dos primeiros annos transformou-se na raiva e no pessimismo. O grupo dos adversarios, que até aquella época o haviam respeitado, desencadeou-se ; e bastou este signal de defecção para que os menos corajosos se atirassem sem commiseração sobre sua bagagem litteraria, encetando uma cruzada demolidora contra o seu nome e a sua fama. O primeiro exemplo já tinha sido dado pelo redactor do *Quinze de Julho*, que não poupára meios nem modos de ferir-o no que havia de mais sensivel e sagrado. Foi o ultimo golpe, que os máus corações saborearam a longos sorvos. Tambem não custou muito que o corpo, gasto pela luta, por um trabalho incessante, por uma deslo-

cação impropria do seu temperamento não talhado para esforços em um terreno desconhecido, em que só o talento o sustentava, exigisse seu quinhão nas influencias que teriam dahi em diante de determinar a marcha de seu espirito. Recrudesceram certos incommodos do figado, e uma côr esverdinhada nunca mais deixou-lhe a face, denunciando o estrago que a bilis operava, minando-lhe os intestinos.

Não ha quem hoje ponha mais em duvida que as funcções do cérebro, a intelligencia, a imaginação, estejam immediatamente subordinadas aos órgãos mais grosseiros.¹ Somos sempre o que o estado sadio ou não de nossos órgãos quer que sejamos. Mais de um exemplo poderia citar de autores cujo estado morbido se tornou celebre, concretizando-se em uma feição particular nas obras, no estylo. O Pascal das *Provincias* não é exactamente o mesmo dos *Pensamentos*.

¹ «O espirito é constituído não só por funcções affectivas como por funcções intellectuaes e motrizes. Em todo o acts mental ha um *consensus* dessas trez especies de funcções, e as funcções affectivas do cerebro, que estão provavelmente sob a influencia directa das funcções visceraes da vida vegetativa, são o fundamento das emoções e das impulsões: são ellas que dão á nossa vida intellectual e á nossa actividade força, coherencia, unidade. Na loucura, a influencia destas *sympathias organicas* é assignaladissima, porque então acontece que o estado morbido de uma viscera torna se o ponto de partida de um sentimento penivel, posto que indefinido, de depressão profunda que termina por tomar a forma de uma allucinação delinida. O mesmo succede nos sonhos: quando dormimos com um desarranjo funcional em uma das visceras, raro é que não tenhamos sonhos determinados pelo sentimento vago de depressão, que se origina na perturbação organica: cremo-nos repellidos, allictos, condemnados á morte, assistindo ao proprio enterro; em uma palavra, o *eu* sente-se opprimido por um modo, ou por outro, e o drama do sonho se caracteriza lugubre por causa do tom affectivo resultante da perturbação functional.» Maudsley, *Physiologie de l'esprit*, pag. 36, trad. Herzen (1879).

Alli um espirito são, robusto, lucido, ironico, o acer-rimo adversario dos Jesuitas ; aqui a alma esmorecida e agonisante, a olhar fixamente para o céu, bem perto do extasi ou do mysticismo. E para este effeito não foi preciso mais do que um susto e uma perturbação chronica nas funcções digestivas. Miseros que somos! devemos a maior parte dos nossos melhores pensamentos ás nossas boas digestões.¹

Em J. de Alencar deu-se igual phenomeno. O autor ridente do *Guarany* não é o mesmo do sombrio *Gaúcho*. O estado morbido, pois, veio alterar-lhe consideravelmente o character ; por consequencia o seu modo de vêr como artista começou a accentuar-se por um lado novo. Uma sombra, um véu lugubre, uma nevoa augustiosa interpoz-se entre o seu espirito magoado e os mesmos objectos que outr'ora se lhe mostravam tão feiticeiros e cheios de vida. Certas excentricidades despontam aos poucos aqui e alli, e o roseo de suas composições converte-se no violaceo das tardes tristes. Por entre os destroços do seu mundo irriante e arabico derrama-se uma misanthropia que muito a custo lhe assenta.

São palavras suas no *Gaúcho* :

Que significa este nome — *Sento* — no frontispicio de livros que vezes benevolas da imprensa já attribuiram a outrem ?

Cada um fará a supposição que entender.

¹ «Os gregos tinham uma palavra muito expressiva para significarem a *amentidade*, palavra que litteralmente quer dizer — uma pessoa que tem bons intestinos, e por consequencia humor facil, complacente, de bom accommodar. *Eucolos*, em bom francez, — *qui a des bons boyaux*.» Deschanel, *Physiologie des écrivains*, pag. 138.

Era preciso um appellido ao escriptor destas paginas, que se tornou um anachronismo litterario. Acudiu esse que vale o outro e tem de mais o sainete da novidade.

Porventura, escolhendo aquella palavra, quiz o espirito indicar que para elle já começou a velhice litteraria, e que estes livros não são mais as flôres da primavera, nem os frutos do outono, porém sim as desfolhas do inverno? Talvez.

Ha duas velhices: a do corpo que trazem os annos e a da alma que deixam as desillusões.

Aqui, onde a opinião é terra sáfara, e o mormaço da corrupção vae crestando todos os estímulos nobres; aqui a alma envelhece depressa. E ainda bem! A solidão moral dessa velhice precoce é um refugio contra a idolatria de Moloch.

Não obstante, não se perca de vista a seguinte observação: todas as alterações se operavam sobre esse fundo immovel que o homem nunca abandona e constitue o que em physiologia chama-se *character*.¹ Quero com isto dizer que o J. Alencar do *Guarany* não se elimina de todo, e que a *sensação original* que preside a sua obra artistica ha de se manifestar em substancia sempre a mesma, com a differença somente do desvio dos raios visuaes, da refração da

¹ «O character está para as circumstancias exteriores na mesma razão que o organismo para o mundo externo. Uma maravilhosa variedade de organismos entre vegetaes e animaes vive e floresce no meio de circumstancias que lhes fornecem os *metos de vida*, mas que não determinam a sua *forma especifica*. Do mesmo modo vemos *varios* caracteres viverem em circumstancias *identicas*, por ellas alimentados, sem que se diga que por isso lhe devem a formação. Cada character assimila do ambiente que o cerca tudo quanto lhe é assimilavel e repelle o resto, exactamente como a planta que absorve os elementos necessarios para a composição da seiva. Não ha biologista que ignore que as circumstancias tem apenas uma influencia modificadora, e que estas modificações desenvolvem-se dentro de certos limites. A abundancia de alimentação é um tratamento especial podem modificar a ferocidade de um animal bravo, porém nunca farão de um leão um cordeiro.» - Lewes, *Life of Goethe*, vol. 1, pag. 23.

luz e da intensidade do sentimento, que distraído deixa de empolgar a sua presa com o mesmo ardor de outr'ora.

O character não muda, modifica-se. Esta garantia de estabilidade é o que constitue o *eu*; só com a dissolução ou com o desconcerto total da machina humana pôde desaparecer. Foi precisamente o reconhecimento desta verdade, já vagamente formulada no seculo passado por Buffon — o estylo é o homem —, que fez com que um autor dissesse que Raphael, ainda mesmo mettido em uma taberna e obrigado a pintar beberrões, havia de collocar-lhes sempre nos olhos uma expressão apostolica. E' o caso: J. de Alencar, ainda que influenciado pela enfermidade que o minava, no fundo não deixa de ser o gracioso autor do epilogo da *Guarany*. Mudam-se as tintas, mudam-lhe a composição da palheta, esfuma-se-lhe o quadro, preoccupam-no agora mais certas figuras do que outras, apraz-lhe a vista de preferencia no nankin, com desprezo do rosicler; mas a mão que maneja o pincel é sempre a mesma; tremula ou esfusiada, sem a segurança ou a nitidez dos primeiros dias, mas sempre a mesma.

O primeiro romance que J. de Alencar publicou depois da crise politica foi o *Gaúcho*,¹ planejado em época muito anterior; comtudo os caracteres que

¹ Esta publicação data de 1870.

ahi se exhibem desenvolverem-se na direcção precisa que seu espirito havia tomado.

Veja-se desde logo como a paisagem se colore e se caracteriza ao influxo dos novos sentimentos que lhe tumultuavam n'alma.

Como são melancolicas e solemnes, ao pino do sol, as vastas campinas que cingem as margens do Uruguay e seus afluentes.

A savana se desfralda a perder de vista, ondulando pelas sangas e cochilhas que figuram as fluctuações das vagas nesse verde oceano. Mais profunda parece aqui a solidão, e mais pavorosa, do que na immensidade dos mares.

E' o mesmo ermo, porém sellado pela immobilidade, e como que estupefacto ante a magestade do firmamento.

Raro corta o espaço, cheio de luz, um passaro erradio demandando a sombra, longe na restinga do mato que borda as orlas de alguns arroios. A trecho passa o poldro bravo, desgarrado do magote; eil-o que se vae retouçando alegremente babujar a gramma do proximo banhado.

No seio das ondas o nauta sente-se isolado; é atomo envolto numa dobra do infinito. A ambula immensa tem só duas faces convexas, o mar e o céu. Mas em ambas a scena é vivaz e palpitante. As ondas se agitam em constante fluctuação; tem uma voz, murmuram. No firmamento as nuvens cambiam a cada instante ao sopro do vento; ha nellas uma physionomia, um gesto:

A téla oceanica, sempre magestosa e esplendida, resumbra possante vitalidade. O mesmo pégo, insondavel abysmo, exubera de força creadora; miriades de animaes o povoam, que surgem á flôr d'agua.

O pampa ao contrario é o pasmo, o torpor da natureza.

O viandante perdido na immensa planicie, fica mais que isolado, fica oppresso. Em torno delle faz-se o vacuo: subita paralyisia invade o espaço, que pesa sobre o homem como livida mortalha.

Lavor de jaspe, embutido na lamina azul do céu, é a nuvem.

O chão semelha a vasta lapida musgosa de extenso pavi-

mento. Por toda a parte a immutabilidade. Nem um haço pa que essa natureza palpite, nem um rumor que sinule o balbuciar do deserto.

Pasmosa inanição da vida no seio de um alluvio de luz !
O pampa é a patria do tufão.

Ahi, nas estepes nuas, impera o rei dos ventos. Para a furia dos elementos inventou o Creador as rigezas cadavericas da natureza. Diante da vaga impetuosa collocou o rochedo; como leito do furacão estendeu pela terra as infindas savanas da America e os ardentes areas da Africa.

Arroja-se o furacão pelas vastas planicieis; espoja-se nellas como o poldro indomito; convolve a terra e o céu em espesso turbilhão.

Final a natureza entra em repouso; serena a tempestade; queda-se o deserto, como dantes placido e inalteravel.

E' a mesma face impassivel; não ha alli sorriso, nem ruga. Passou a borrasca, mas não ficaram vestigios. A savana permanece como foi hontem, como ha de ser amanhã, até o dia em que o verme homem corroer essa crosta secular do deserto.

Ao pôr do sol perde o pampa os toques ardentes da luz meridional.

As grandes sombras, que não interceptam montes, nem selvas, desdobram-se lentamente pelo campo fóra. E' então que assenta perfectamente na immensa planicie o nome castelhano. A *savana* figura realmente um vasto lençol desfaldado por sobre a terra, e velando a virgein natureza americana.

Essa physionomia crepuscular do deserto é suave nos primeiros momentos; mas logo após resumbrá (tão funda tristeza que estringe a alma. Parece que o vasto e immenso orbo cercar-se e vae mingando a ponto de espremer o coração.

Cada região da terra tem uma alma sua, raio creador que lhe imprime o cunho da originalidade.

A natureza infiltra em todos os seres que ella gera e nutre aquella seiva propria, e fórma assim uma familia na grande sociedade universal.

Quantos seres habitam as estepes americanas, sejam homem, animal ou planta, inspiram nellas uma alma pampa. Tem grandes virtudes essa alma. A coragem, a sobriedade, a rapidez são indigenas da savana.

No seio dessa profunda solidão, onde não ha guarida para defesa, nem sombra para abrigo, é preciso affrontar as priva-

ções com paciência, e supprimir as distancias pela velocidade.

Até a arvore solitaria que se ergue ao meio dos pampas é typo dessas virtudes. Seu aspecto tem o quer que seja de arrojado e destemido; naquelle tronco derreado, naquelles galhos convulsos, na folhagem desgrenhada, ha uma attitude atletica. Logo se conhece que a arvore já lutou com o pampeiro e o venceu. Uma terra sêca e poucos orvalhos bastam á sua nutrição.

A arvore é sobria e afeita ás inclemencias do sol abrasador. Veiu de longe a semente; trouxe-a o tufão nas azas e atirou-a alli, onde medrou.

E' uma planta emigrante.¹

O mundo mostra-se sempre da côr dos olhos daquelle que o observa. O pampa por certo não é para todos, principalmente para o coração do irrequiêto gaúcho, que o ama, que nelle sente-se expandir, o pampa não é a paisagem triste, algida, melancolica, inanida de vida, *esse torpor da natureza* que estringe a alma do poeta que o contempla. O verdadeiro pampa não foi observado pelo romancista; este que ahi fica esboçado nas paginas do livro não passa de um sonho, de um pesadelo: pintura mais exacta das desolações, das tristuras, que povoavam a mente do escriptor.² Essas rigezas o asserções paradoxaes,

¹ *O Gaúcho*, vol. 1, pag. 1—5.

² J. de Alencar nunca viajou nas provincias do sul do Imperio. Tudo quanto, portanto, disse sobre a vida do gaúcho e costumes da provincia do Rio Grande do Sul, foi calcado sobre informações obtidas de pessoas que alli haviam estado de passagem.

As notas mais importantes e scenas mais caracteristicas do livro foram escriptas sobre apontamentos que um parente seu, militar, ministrou-lhe de volta da campanha do Rosas. Estes apontamentos dormiram na pasta por longos annos, e só em 1870, quando já haviam perdido o calor que lhes poderia dar o enthusiasmo do narrador de viva voz, lembrou-se o autor de traduzil-os em um romance.

que o tornam *quasi* desconhecido, são o producto da sua nova maneira de vêr as cousas. A phrase angulosa, o pensamento brusco e a ausencia de fluidez extremam-n'o daquella casta e facil idéalisação dos primeiros dias. Si o pampa fosse descripto na mesma época, em que o vimos com o olhar limpido e o gesto simplesmente turvado pela commoção poetica inspirarse nas scenas de sua terra, outros seriam os aspectos da natureza, que nesse quadro apparece tão pesada, tão esmagadora, cheia de um sentimento de desgosto tão pronunciado. Coteje-se com a descripção florida do Paquequer no *Guarany*, com a dos sertões de Jacobina nas *Minas de Prata*, com a do Ipú, Maranhape e Mecejana na *Iracema*, e vêr-se-á a grande differença dos dois estados mentaes em que uma e outras foram produzidas. Entretanto em ambos os casos a solidão e o deserto constituem o principal objecto da contemplação artistica. Mas, como agora o prisma se deixou embaciar e perdeu a sua brilhante e faustosa limpidez, o seu predilecto Brazil aos poucos váe se esquecendo de que é esse paiz encantado que se ostenta nas obras anteriores, para surgir na téla com as proporções das margens do Asphaltite.

Seus livros não são mais aquellás elações sublimes de poeta oriental para a região das illusões eternas; ao contrario disso, transformam-se em repositórios disfarçados das suas queixas, dos seus despeitos, que involuntariamente se vão amplificando, estendendo, multiplicando, através das antigas e suaves concepções, em allusões politicas, pretensões a jeremiadas, no fim das quaes annullam-se os intuitos littera-

rios, a vitalidade mesmo dos personagens, para só apparecer forte, vigorosa, a sua misanthropia encarnada nos heróes dos novos romances. ¹

Pela primeira vez, no *Gaúcho*, a mulher deixa de ser o ponto central de suas composições. Como que desponta-lhe uma obsessão demoniaca, que, afrouxando os laços que o prendiam ás *nimiedades* gentis e á candura natural, concentra todos os esforços de sua imaginação sobre uma sombra de Banquo. Essa sombra é o pessimismo, o desgosto, o amor proprio offendido, que, desconhecendo-se, systematisa-se, coordena-se em figuras, em fórmulas litterarias. Este sentimento, ou antes este estado doentio, engrandecido pela idealisação, que continúa a trabalhar com a mesma intensidade em seu espirito, imminente agora a tudo quanto constitue o amor do artista, não só ensombra os sorrisos de Cecilia e Iracema, nas suas novas creações feminis, como abre brecha á irrupção de caracteres ferozes, mas de uma ferocidade illogica, de scenas truculentas, mas de um horror, vacillante, indeciso, incongruente como o que se experimenta em sonhos mal dormidos.

O que quiz elle exprimir com esse homem singular dos pampas, esse Manoel Canho, triste, excentrico, cruel, em opposição a tudo, revoltado contra a sociedade, alimentando systematicamente o odio contra os

¹ As unicas allusões politicas, feitas antes disso por J. de Alencar em obra litteraria, são as que se encontram nas *Minas de Prata*, vol. I, pag. 122 e 123, e em uma nota da *Iracema*, pag. 234 (3.ª ed.) em que o autor fala na diversão que a litteratura lhe procurava contra a *tristeza que lhe infundia o estado da patria entorpecida pela indifferença.*

homens, isolado como uma fêra no deserto, perlustando, cheio do pensamento homicida, as vastas savanas, sem uma palavra de amor para seu semelhante, nutrido sómente da dedicação que encontrava na convivencia dos irracionaes? Esse moço, que parece não ter coração nem para o sexo opposto, que não desfolha um sorriso de meiguice para os parentes, que prefere a sociedade da tropilha, para si a unica e verdadeira humanidade, a quanto encanto possa existir na vida de familia, nos serões do povoado, nas festas em que o peão sente-se feliz, não será uma victima simplesmente de uma preocupação absurda, que o elimina do seio da humanidade e o torna injusto e desarrazoado? Bem sei, e é facil verificar pela emphase do livro, que não foi este o pensamento do autor. J. de Alencar pretendeu fazer desse personagem um vingador da justiça expatriada e acoutada no deserto. Isto não obsta, porém, que chegue-se á conclusão de que o typo descripto nessas paginas nada tem de externo ao poeta, que, longe de colhel-o na observação dos caracteres existentes no meio em que vivia, copiou-o inconsciente da exaltação de sua sensibilidade. Este phenomeno é muito vulgar em todos os autores em que a imaginação sobrepuja a razão. E' o que teria se notado em Carlyle, depois do seu recolhimento em Chelsea, si elle fosse romancista; é o que se terá de notar em V. Hugo a contar do advento dos *Miseraveis*: um eterno monologar de vidente, de propheta, distribuido por diversos personagens, que se movem como automatós.

Facile credimus quod volumus. As obras de Sha-

kespeare nunca tinham sido leitura attractiva ao espirito do autor do *Guarany*. O lar approximara-o dessas creações gigantescas, que causam vertigem sempre que se as lê com alma; esta aproximação, no meio de suas decepções, acaso o fez acreditar que tinha chegado o momento de penetrar-se dos tons solemnes, que tornaram Hamlet um rochedo inaccessible á critica de todos os tempos. Manoel Canho viveu em sua mente como uma alma profunda e hamleticamente indignada. A lembrança do assassinato de seu pae, commettido pelo Barreda, e o casamento de sua mãe attraem-no ao sangue como ao touro bravo as suggestões do bandarilheiro. Mas constituirá essa paixão sanguinaria a elevação real de um character? Si não passa de uma preocupação, de uma idéa fixa, de um *tic*, não lhe encontro causas pathologicas; e, saltando do infeliz principe dinamarquez para o desgraçado Macbeth, é indubitavel que as difficuldades são ainda mais resistentes. E' que o Canho não pôde ser um estudo feito sobre a natureza humana; é simplesmente um pesadelo concretizado, um phantasma saído das profundezas de uma alma alquebrada, projectando-se, por um esforço da phantasia, com todas as incongruencias agitadas na imaginação onde gerou-se, em um scenario real, mas descripto de outiva. Doze annos viveu Canho no deserto afagando a idéa da vingança; e só porque um dia encontrando o Barreda teve d'elle compaixão e não o matou, antes ajudou-o a curar-se de uma enfermidade que o havia prostrado em leito de morte, duvidou de si e « dessa rispidez e concentração que eram a repercussão interior da pouca

estima em que tinha geralmente a raça humana.» Entretanto, logo adiante, consola-o a idéa de que fôra a predestinação que o impellira a poupar o Barreda. «Aquelle homem era sagrado para elle como a victima já votada ao sacrificio. A idéa de que elle havia de matar-o tornava Manoel compassivo, não para o assassino de seu pae, mas para o enfermo que se revolvia no leito de dôres.» E por fim mata-o de um modo estrondoso, tendo o satanico prazer de atravessar-o com a mesma lança, que doze annos antes fôra deixada no corpo exangue do autor de seus dias. Basta este traço para comprehender-se a inconsistencia emphatica de semelhante character, que afinal de contas, por mais que se eternize em protestações contra a sensibilidade, não deixa de revelar os rudimentos de um coração, que, sem a crostra dos azedumes, sem os caprichos, os impulsos que a preocupação do ex-ministro lhe communica, devolveria para os sympathicos typos já descriptos.

O pendor natural da indolência do romancista leva-o, na ultima parte do romance, a transigir com a rispidez do misanthropo Manoel Canho chega a amar Catita; e, por mais que esse amor se apresente convulso, extraordinario, por mais que se inculque furioso, a devastar a alma do gaúcho como o pampeiro as infirtas savanas, ninguem se persuade que no fundo não transparecem uns residuos do cavalheirismo de Estacio, de Pery, de Alvaro. Verdade é que nessa luta, em que se empenha o autor para manter a logica do Canho, elle o obriga a esquecer-se de Catita, deixando-a casar com Romero; mas não se passam muitos dias sem que

este cáia sob o punhal homicida do cioso gaúcho, que, não encontrando franca solução ás tergiversações de seu genio, cavalga o potro, arrebatava a amante e desaparece em uma dobra do horisonte, envolvido em um tufão medonho, em uma especie de cataclysmo.¹

O Canho por fim nem é Hamlet, nem Macbeth : é puramente o desarrazoamento de uma natureza, que, predisposta para o amor, para a ternura, para o riso e para as flôres, perturba-se, contradiz-se, mal acondiciona a raiva, os maus sentimentos, a perversão calculada, confundindo todas as flôres, que despoñiam em torno de si, com os cardos e urzes, saturando o ar de aromas acres, abafando a repercussão melodica com acordes rudes e violentos, sem a energia e a eloquencia das naturezas constitucionalmente orientadas para o mal.

Seja como fôr, a penumbra, em que se agitam os novos personagens, aniquila quasi todo o encanto das suas creações femininas, que, si bem que guardem o donaire das primeiras, perdem muito da sua frescura. As pobresinhas não encontram mais espaço franco para espanejarem-se na scena, que se enche toda com a hypertrophia das figuras masculinas, sobre que recáe a melhor parte das atenções do escriptor. O culto á mulher desaparece; não é ella mais o centro do universo ; seus olhos esgazeam-se : o céu torna-se tempestuoso, a paisagem cobre-se de uma côr cinzenta e triste. Os rios não rumorejam, as aves

¹ A catastrophe é o final obrigado de quasi todos os romances de J. de Alencar.

emmudecem, o homem não sorri. A' senhora succede a victima: ao amor o medo. Catita ante Manoel Canho representa a rola fascinada pela serpente. Não era por certo assim que captivavam Cecilia, Carolina, Inezita, Iracema, Lucia e Diva. Estas eram soberanas quando não soberanas, caprichosas. Catita, porém, nunca pensa em insurgir-se contra o amor do gaúcho, que se impõe. Sem cavalheirismo, animalizado, o homem abandona os sentimentos doces, que o civilizam, para mostrar-se unicamente pelas arestas de quem vive habituado com feras e cavallos. Perdida então a magia exercida pela mulher, como que uns movimentos epilepticos se apoderam de seu espirito, e dahi os esgares dessa imaginação, outr'ora tão rutilante, nas scenas do amansador, da Morena em flagrante delicto de caridade materna para com o filho de uma outra, da dedicação da tropilha que acompanha o gaúcho como bando de verdadeiros apaniguados... Desvarios que lembram muito de perto as extravagantes creações de V. Hugo no *Homem que ri*, e synthetizam as vinganças e represalias de um poeta desnortado. Pois que a sociedade não o comprehendia e era tão má, tão detestavel, que repelliu de seu seio, como o mar ao ambar perfumoso, os seus productos mais vigorosos; pois que os homens eram tão estupidos, grosseiros, egoistas e perversos, que o afogavam na indiferença e no sorriso ironico, ao menos fossem obrigados por aquelle quadro eloquente a reconhecer que a natureza, elevando-os acima dos brutos, só fizera selecção do que nelles existia de mau, de horrendo, deixando sem oriente nas raças inferiores tudo quanto

de sublime e amavel podia constituir o orgulho da humanidade.

Que maior desafio poderia um autor atirar á face do mundo do que o que fica estereotypado nas linhas que se seguem ?

Afastára-se Manoel para descansar o corpo sobre a gramma. Emquanto festejava a baia seu poldrinho, sem nunca se faltar de o vêr e possuir, dormiu o gaúcho um somno breve, mas profundo e reparador. Era tarde cahida quando despertou.

Voltava a turdilha, guiando as selvagens coudelarias, que vinham felicitar a exilada pela sua boa volta aos serros nativos. Os relinchos de prazer, as alegres cabriolas, não tinham que invejar ao mais terno agasalho da familia que revê a irmã perdida. Si differença houve foi a favor dos agrestes filhos dos pampas. Nenhum se lembrou que era mais uma fome para a communhão. O cavallo é sobrio e generoso.

Erguendo-se o gaúcho, dispararam os magotes, e sumiram-se por detraz de um serro. A baia, porém foi ter com as irmãs e conseguiu que tornassem. Outra vez appareceu o bando, mas parou em distancia ao signal do chefe, soberbo alazão, cuja estampa magnifica desenhava-se em miniatura no lindo poldrinho recém-nascido. O altivo sultão do selvagem harem avançou cheio de confiança.

Tinha a morena contado o que por ella fizera seu bem-feitor ?

O pae do magote e o gaúcho saudaram-se como dois reis do deserto. Não houve entre elles affagos, nem familiaridades; mas uma demonstração grave de mutuo respeito e confiança.

Quanto, porém, ás companheiras da baia, essas, apenas viram o alazão approximar-se do gaúcho, fizeram-lhe uma festa como não se imagina. Manoel recebeu-as a todas com a effusão e prazer que sentia por essa raça predilecta. A umas alisava o collo, a outras penteava as clinas, ou amimava-lhes a garupa. E todas se espreguiçavam de prazer e trocavam signaes de grande afeição, como se fossem amigos de muito tempo.

Nunca Manoel sentira tamanho prazer. Achar-se no meio daquelles filhos livres do deserto; admirar de uma vez tão grande numero de lindos e altivos corceis; deleitar-se na

contemplação das estampas mais elegantes e garbosas; admirar a casta em sua pureza, e nos mais bellos typos, ennobrecidos pela independência e liberdade; ha gozo que se compare a este para um peão?

O avaro, nadando em ouro, não teria as ineffaveis emoções de Manoel naquelle momento, no meio dos magotes que o festejavam, escaramuçando em torno. Tambem elle era filho do deserto, e desejaria fazer parte daquella familia livre, si outros cuidados não o chamassem alem.

Cuidou emfim o gaúcho da partida. Gumpriua o dever de... Ia dizer de humanidade e talvez não errasse, tão intelligente e elevado era o sentir dessa alma pelo brioso animal, que elle prezava como o companheiro e amigo do homem! Para elle, que devassava e entendia os arcanos da organização generosa, o cavallo se elevava ao nível da creatura racional. Tinha mais intelligencia que muitas estatuas ermas de espirito; tinha mais coração que tantos bipedes implumes e acardiacos.

Não direi comtudo dever de humanidade, mas de fraternidade o era de certo; posso affirmar-o.

Manoel considerava-se verdadeiro irmão do bruto generoso, bravo, cheio de brio e abnegação, que lhe dedicava sua existencia, e partilhava com elle trabalhos e perigos.

Teria a si em conta de um egoista e cobarde si não seguisse os impulsos de seu coração, restituindo um ao outro, aquella mãe orphã ao filho desamparado. Agora que estava uma tranquilla e contente e outro salvo e reanimado, e completa pela mutua adhesão aquella dupla existencia, podia-se ir socegado; e o devia quanto antes, que um dever imperioso o reclamava em outro lugar.

Esse dever sim, sim, era humano; era a vingança do filho contra o assassino que lhe roubára o pae.

Segurou Manoel, com o fragmento do laço do caçador, uma egorosilha, que já não tinha poldrinho a amamentar. Nenhuma resistencia fez o animal; todos se baviam rendido á influencia mysteriosa do gaúcho; e todos desejavam tanto mostrar-lhe seu affecto, que houve quasi querellas e arrufos de ciumes pela preferencia dada á rosilha.

Quem mais se agitou com esta escolha foi a Morena. Embedida até então com o poldrinho, toda ella era pouca para a satisfação e alegria daquella restituição. Multiplicava-se; havia tantas mães nella quantos sentidos; uma nos olhos que embe-

biam o filho; uma nos ouvidos, que o escutavam; uma na lingua que o lambia; uma nas avidas narinas, que o farejavam; uma no tacto com que o conchegava.

Mas onde estava ella sobretudo era naquelle sexto sentido, exclusivamente materno, que reside nas tétas lacteas, o sentido da sucção, pelo qual a mãe sente que se derrama no corpo do filho, e se transporta gota a gota para aquelle outro em.

Percebendo o movimento do gaúcho, foi a egua arrancada ao jubilo materno pela lembrança do que devia ao bemfeitor. Correu para elle; e, afastando meio agastada a rosilha, cingiu com o pescoço a espadua do amigo.

Manoel abraçou-a entre sorriso e magoa.

— Pensavas tu, Morena, que me iria sem abraçar-te? Adeus!... Levo de ti muitas saudades. A corrida que demos juntos, nunca, nunca hei de esquecer-a!... Duvido que já alguém sentisse prazer igual a esse. Falam outros das delicias de abraçar uma bonita rapariga; si elles te apertassem como eu a cintura esbelta, voando por estes ares!... Adeus! Lembranças ao alazãosinho.

Arrebatando-se á emoção da despedida, pulou Manoel no costado da rosilha e apartou-se daquelle sitio.

No momento em que virava o rosto, que tinha voltado para ver a baia, esfregou as costas da mão pela face esquerda.

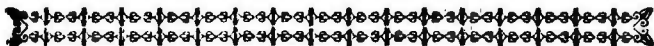
Seria uma lagrima que brotava alli!

Ficou-se immovel a egua, com a grande pupilla negra fita no cavalleiro que afastava-se rapidamente. Seu peito arfava com ornejo profundo, que parecia um soluço humano. ¹

O *Gaúcho* resume-se todo nesta scena singular. Aberto o livro, e lidas ao acaso paginas como esta, ninguem duvidaria ter diante dos olhos uma imitação das *Viagens de Gulliver*, cheia de um humorismo implacavel. Infelizmente, porém, não se trata de fabulas engenhosas a Swift, em que as coleras do moralista ou do misanthropo, senhor de si, se traduzam em phantasias caprichosas, mas expressivas. Ligadas ao resto

¹ *Gaúcho*, vol. I, pag. 98—103.

da obra fazem entristecer. O autor fala convicto; o livro é um romance de costumes, e pretende basear-se na observação. Desde o momento que dobra-se a ultima pagina, a impressão que invade o leitor é a de um verdadeiro somnambulismo litterario, em que, já desviado por natureza do sentimento do real, o poeta perde tambem a percepção antithetica que liga o phantastico á vida positiva e consciente.



VI

O MESMO ASSUMPTO

1865 — 77

O *Tronco do Ipé* continúa a desenvolver progressivamente o typo misanthropo do *Gaúcho*. E' o mesmo subjectivismo, a mesma preocupação de superioridade a soterrar toda a vida objectiva do livro. A scena fica completamente cheia com a figura de Mario; o seu desgosto, a sua revolta, aquillo que o autor chama energias de uma alma digna, ainda consegue supplantar o elemento feminino, si é que não o desvirtua por uma vez. Irmão gêmeo de Manoel Canho, só com a differença das exterioridades e de uma aproximação mais completa das indignações que sitiavam a alma do poeta, o heróe do novo romance impõe-se logo á imaginação como uma affronta a todos os sentimentos francos e bondadosos da raça humana. E' desagradavel o typo d'esse Hamlet-mirim, que, na idade em que todos folgam e desarrazoam ao acaso, já perturba-se com um orgulho descommunal, e succumbe á idéa de vingar-se

na sociedade da morte de seu pae. Character sombrio e cheio de pontos meticulosos, como que J. de Alencar combinou-o depois de haver atravessado alguma dessas muitas criptas que constituem os incidentes da nossa carreira pela terra. A fachada mesmo do edificio é lugubre; o primeiro capitulo do livro um pesadelo, um verdadeiro vestibulo de casa mortuaria. Aquelle pae Benedicto, decrépito e demente, a pronuncia palavras desconnexas «como um instrumento perro a que houvessem dado corda, soltando a cantilena soturna e monotoma, que é o eterno soliloquio do africano,»¹ previne o leitor contra a indisposição em que tortura-se o espirito do romancista.

E' certo que ao volver as primeiras paginas descortina-se a fazenda de *Nossa Senhora do Boqueirão* com seus prados risonhos, seus bosques ensombrados, suas paisagens planturosas, que um grupo de crianças travessas e brincalhonas percorre de troça com uns pagens petulantes e umas mucamas afaiscadas. Não tarda tambem a emergir desse fundo ceruleo a interessante Alice, «viva, agil e subtil como o passarinho; com os grandes olhos velutados de azul, sempre limpidos e serenos e os labios mimosos sempre em flôr,» a contrastar² com

¹ *Tronco do Ipê*, vol. I pag. 9—14.

² José de Alencar era muito amigo dos contrastes.

Em quasi todos seus romances ha sempre uma moça morena de cabellos negros fazendo *pendant* á heroína, em regra loura e angelica. Foi um habito adquerido no estudo da *maneira scottiana*.

No *Guarany* Cecy e Izabel, nas *Minas de prata* Inezita e Elvira, e assim por diante.

a elegante Adelia, dotada «da graça da rosa nascente», meio séria, meio rispida, com os seus gestos de *miss* acclimada.¹ Pelo decorrer da historia ha descripções de um encanto e de uma frescura tamanha; ha scenas tão vivas entre as crianças que formam a parte mais curiosa do livro; entre Mario e os *companheirinhos* desenrolam-se dramasi-nhos tão risonhos; aqui e alli murmureja um arrabil tão chilrante, que se torna impossivel desconhecer a penna que escreveu *Cinco minutos* e *Viuvinha*. Mas tudo isto se vae estendendo na tela como fios de ouro, entretecidos com outros de uma côr triste e de-negrada, que roubam-lhes o brilho e por fim os obscu-recem. Mario alli está, e não se esquece de que cons-titue a grande projecção do livro. As limpidas aguas do lago, onde boiam os nenuphares e pousam as gai-votas e os irerês, elle as vae perturbar e revolver, trazendo á superficie a vasa de um genio perverso, con-tradictorio, só feito para provocar soffrimentos alheios e em regra por cousas de nonada. Não importam as suas cabriolas de criança, nem as suas digressões jo-cosas, nem as pirraças de Lucia com o Martinho, o pagem que o segue. Já em começo a mucama Eu-phrosina chamava-o de exquisito e menino máu. Elle é frio, «de poucas palavras, movimentos gra-duados, como quem quer tomar uns ares de homem serio,» e tem «intermittencias incompreensiveis, du-rante as quaes se operam as expansões energicas e

¹ Obr. cit. vol. I, pag. 20.

vigorosas de seu organismo ». O autor, apesar de torná-lo indefinível, compara-o ao « gamo condemnado por muito tempo á immobildade, que, uma vez solto, arroja-se por despenhadeiros e precipícios. » Mas o que não se encontra verdadeiramente é o motivo dessa *idyosincrasia moral*, como elle a qualifica, sem que isto opponha-se a que a criança caprichosa governe seu character e prometta « para mais tarde o homem de bôa tempera capaz de grandes commettimentos. »¹ O que torna-se duvidoso entretanto é que a desenvolução de uma idyosincrasia possa transformar-se nunca em virtude; e de facto o que de real existe no temperamento de Mario é o progresso rapido de uma mania, que o romancista inconscientemente insinuou na alma do personagem em que mais se esmerou. E Mario vivia em uma casa, em que se suspeitava existir o assassino de seu pae; esta idéa o persegue de continuo e crava-se-lhe na mente como a *idéa-verrúma* de que falla o poeta dos *Trabalhadores do mar*. Embora não passe de 13 annos de idade, não deixa de concentrar força bastante para arrancar o segredo, que o persegue, das brumas que o envolvem, « interrogando a propria natureza inanimada ». E' admiravel que uma tão tenra criatura pudesse emprehender uma luta semelhante. Isto não obsta que o faça.

Debalde os rochedos irriçavam suas fragas e alcantis, como púas terríveis, ou abria suas gargantas profundas e medonhas para sumir o imprudente, cujo pé deslisasse á borda do precipicio. Debalde o lago sombrio, povoado das plantas, mas que a

¹ Obr. cit., vol. I, pag. 39.

tradição fazia vagar por suas margens, envolvia-se, como em sudario, na solidão fria e glacial, exhalando pelas fendas do penhasco o lugubre estertor do redomoinho, a se estorcer em convulsões.... Nenhuma dessas ameaças do ermo, nenhuma dessas coleras da natureza selvagem fez recuar o menino. Elle avançava, hesitando, é verdade; seu coração batia mais apressado; seus olhos inquietos moviam-se com extrema mobilidade de um a outro lado; frequentemente voltava a cabeça imaginando que um perigo qualquer o seguia passo a passo e estava prestes á cabir-lhe sobre. As vezes parava para escutar os rumores indefiníveis da floresta, essa voz estranha que toma quasi ao mesmo tempo todos os tons, desde o gemido até o grito humano, desde o zumbir do insecto até o rugir do tigre, desde a gota que borbulha até a catadupa que ribomba.

Mas pouco e pouco, Mario foi se familiarizando com essas illusões do ermo, verdadeiras miragens da floresta: com a differença que as miragens dos desertos da Arabia são produzidas pela luz, as miragens de nossas matas virgens são o effeito da sombra nas horas mais esplendidas deste clima brilhante...

Mas a luta se travara entre aquelle menino audaz e aquelle abysmo terrivel; um delles devia triumphar e vencer ao outro, ou o abysmo havia de devorar o menino ou o menino submitteria o abysmo e zombaria de sua colera.

Mario triumphou. Como o rochedo, a lage recebeu seu jugo.

Sondou elle as profundidades do boqueirão, e estudou sua carcassa; com a continuação, chegou a conhecer todos os incidentes do abysmo. ¹

Esta transcripção é bastante para fazer resaltar o grau de phantasia até onde foi arrastado o romancista na construcção desse menino extraordinario. Não se pôde conceber um orgulho mais desmarcado, nem uma violencia de character mais precoce. Uma vez, estando Alice quasi a morrer afogada no redemoinho do *Boqueirão*, elle atira-se á agua para salva-la. Mas só uma cousa o impelle: é a ambição de vencer a vo-

¹ Obr. cit. vol. I, pag. 161—165.

ragem e arrebatat a filha do barão, a quem odeia de morte e pretende esmagar com um acto de heroismo. No aneio de apresentar nessa criança impossivel o arcabouço de um caracter de gigante, J. de Alencar tateia, buscando em periodos cheios de evoluções phraseurgicas accentual-o definitivamente.

Não hei de encobrir os defeitos desse caracter, como não pretendo exaltar suas qualidades.

O coração de Mario desenvolvendo com um vigor prematuro as fibras da energia, da perseverança, do heroismo, da amizade e do odio ficara atrophiado a respeito da piedade, da sympathia, da ternura, de todos esses sentimentos brandos e suaves que formam o bemol da clave humana.

Em qualquer outro momento, si viessem dizer a Mario que a filha do barão tinha morrido, elle sentiria apenas a surpresa que produz um acontecimento imprevisto, e essa turbacão do espirito diante do terrivel mysterio, todas as vezes que elle formula o seu inexoravel problema. ¹

Nunca se viu tamanho desdem. Mario não permite que o admirem; e, quando o pae de Alice, o barão a quem antipathisa, a quem odeia, chama a attenção de todos sobre o seu acto de abnegação, a resposta que elle dá é que o cão da Terra Nova mais facilmente vencia o homem em heroismos como aquelle. Não obstante esta ferasinha modifica-se na juventude, e da maneira a mais illogica. Alguns annos, passados na ausencia do barão que o educa e protege, são bastantes para, justamente na idade em que os resentimentos de um *homem de character* mais se aggravam, apresental-o razpavel e accessivel a todos os movi-

¹ Obr. cit. vol. I, pag. 185.

mentos de uma natureza affectiva. O Rio de Janeiro é quem produz esta poderosa revulsão. Mario não custa muito a «adquirir esta admiravel sciencia que ensina a ir com o mundo, a aceital-o como elle é realmente e não como o sonham os moralistas.»¹ E, como em muitos outros romances a transicção opera-se entre sentimentos varios, entretecidos nas scenas do romance, por cima de verdadeiras impossibilidades physiologicãs. J. de Alencar tem este defeito. Facilita muito as soluções nas ultimas paginas de seus livros.

Na *Guerra dos mascates* evoluem os mesmos typos, apenas com a circumstancia do enfraquecimento em intensidade, pela introduccão clara de um elemento novo. Esse elemento é o satyrico. J. de Alencar, sem querer talvez, transformou este romance em um pamphleto politico. Conhecem-se as hesitações. Ora o escriptor olha para os chronistas, para as memorias historicas do Gama Rebelo, ora para os individuos que o cercam, para os que o fazem rir ou que o aborrecem. Em todo caso prevalece a preocupação maligna do presente. Ha alli retratos, cuja semelhança é mais que muito irrecusavel. Não foi portanto sem razão que um jornal desta Côrte indicou, por traz dos nomes de Sebastião de Castro Caldas, do capitão Barbosa Lima e ajudante Negreiros, os vultos do Sr. D. Pedro II, Rio Branco e Sayão Lobato. São do proprio autor estas

¹ Obr. cit. vol. I, pag. 183.

palavras: «Copiando o vulto historico (Sebastião de Castro Caldas), além de vingar a sua memoria contra a injustiça e o aleive dos coevos, erigi em vera effigie, para exemplo dos posteros, a estatua dessa politica *sorna, tibia, sorrateira e esconsa*, que á maneira de carcoma rõe e corrompe a alma do povo.»¹ Em logar do governador colloque-se o imperador, e ter-se-á a época em que se desenvolve essa politica *sorna e sorrateira*. Não importa que o romancista logo adiante proteste antecipadamente contra aquelles que hão de querer divertir-se experimentando carapuças, á custa de seu livro, «o mais innocente de quantos já foram postos em letra de fôrma, desde que se inventou esse genio do bem e do mal chamado imprensa.»

Os intuitos são manifestos, e a tarantula das allusões suffoca inteiramente aquelle sentimento das bellezas coloniaes, que resplende nas paginas das encantadas *Minas de prata*. Não lhe serviram os expedientes de Labruyére.

A *Guerra dos mascates* é pois o menos historico de quantos romances sobre o assumpto escreveu o autor do *Guarany*. A attenção foi muito enfraquecida pelas moscas impertinentes, pelos *blue devils*; os personagens, usando de expressões do mesmo autor, «não são mais do que os manequins da chronica, semelhantes as figuras de páu e cêra em que os alfaiates e cabelleiros põem á mostra na vidraça roupas e penteados.»² Como desviar o espirito desta obsessão, se logo

¹ *Guerra dos Mascates*, vol. II, pag. 144.

² Obr. cit. ibid.

no prologo da obra se entrega em cheio a um tratado chocarreiro sobre as eleições em nossa terra? Rele-vam-se as aggressões systematicas ás instituições consa-gradas, pelo tom humoristico que o escriptor se apropria, mas por ultimo o que resalta é a indisposição do ex-ministro que escrevera o *Dezeseis de Julho*.

Leia-se o seguinte :

Nesse homem de pelo hispido e couro adiposo, ressumbrava certa expressão e geito suino que chegava algumas vezes até a grunhir. O tronco parecia Diogenes puro, mas lardeado de D. Quixote e trufado com Aretino. O todo afogado em grosso unto de Tartufo, mas com rija codea de Catão, que formava os folhos do grande pastellão de carne e osso.

O antagonismo dos elementos aggregados no individuo, o traziam em tamanha anarchia, que se lhe desarticulava o pes-coço a cada instante em torcicollos e tregeitos, como se a cabeça lutasse para despegar-se do corpo estranho, ao qual por engano a tinham ligado. Desse cacoete lhe proviera uma volta do can-gote, que o tornava um tanto corcunda.

Os que mais de perto conheciam o ajudante tinham-no em conta de homem asdireitas, e fiavam tudo de sua inteireza. Tambem disso damos testemunho; mas era de lamentar que a natureza não tivesse virado ao avesso tão excellente pessoa, mostrando-a antes pelo forro.

Diz um critiço que Milton involuntariamente re-tratou Carlos I e Cromwell em Jehovah e Satan, o principe de Galles em Jesus, e o *menage* inglez, com toda a sua *respectability*, no formoso par de Adão e Eva. O que o poeta inglez praticou por influencia fatal do meio e do momento, J. de Alencar fel-o por malicia,—por uma malignidade, quasi estou a dizer, feminina. Da primeira á ultima pagina transpira uma jogralidade que nada tem de commum, sinão pelo estylo, com o espirito sinceramente jovial que se

encontra no *Verso e reverso*. O livro é uma risada á força, e o *humour* a custo esconde o estado desagradavel em que se achava a alma do autor. Tudo se mascara; e cada personagem é uma caricatura, que se deforma a mais e mais, preparando a *pose* para a farça em que só resplandece a sanha do critico.¹ E tanto é verdade que o proprio autor se convenceu de que não escrevia mais romances, que se apressou desde logo a dar a sua obra o nome de «*Prologo de comedia*». Esta pretensão chocarreira parece ter perpassado pelas paginas tambem do *Guratuja*, publicado ao mesmo tempo, que aliás relembra de vez em quando os mais sentidos quadros das *Minas*. Ha por exemplo alli o *typo* de um velho escrivão, que sem duvida alguma é parente muito proximo do respeitavel Vaz Caminha. Este bafejo do sentimento das chronicas e codices antigos não foi talvez sufficiente para eliminar as *boutades* e *clownices* de uma musa tão casta, tão virginal e amovel.

Onde vêm resurgir com toda a intensidade os azedumes do *Gaúcho*, é no *Til*. «A alma, dizia o poeta de quem atraz falamos, constitue sua propria habitação, e pôde dentro de si fazer de um céu um inferno ou de um inferno um paraizo.²»

No periodo da vida litteraria de J. de Alencar

¹ Obr. cit. vol. I, pag. 82.

² «The mind is its own place; and in itself. Can make of a Heaven a Hell, or of a Hell a Heaven.» Milton.

que estudamos realizava-se talvez um triste movimento do céu para o elemento adverso. O *Ti'*, com probabilidade, é o romance em que a sua maneira mais se quiz aproximar dos padrões da nova escola. O pessimismo, a causa de tão curioso effeito. Descobrem-se no livro scenas, descripções, que apparecem de permeio com as pastoraes antigas, como laivos de tinta escura e differentemente manipuladas. O romance foi escripto quasi todo em Minas, durante o tempo que elle buscava allivio aos seus incommodos nas aguas de Caxamhú. Traçou os melhores capitulos, por assim dizer, em cima dos objectos, e essa impressão tão directa fez sem contestação palpitar acremente muitos dos seus periodos. O festejo de congos, o samba, a scena em que Bertha vê-se perseguida e ameaçada de ser estripada por uma vara de porcos bravios, os perfis do Xico Tinguá e do Sussuarana são traçados por uma mão segura e quasi direi de um mestre realista. Conhece-se que no momento algum livro novo o impressionara, levando-o pelo estímulo até a superfectar a sua verdadeira indole de poeta.

No *Gaúcho* já elle commettera, á imitação de V. Hugo nas suas ultimas composições, uma exhibição de monstruosidades e extraordinarias concepções. No *Til* deriva de repente essa preocupação para umas exquisitas nimiedades, mais proprias é verdade do seu character, porém nem por isso menos dignas de serem apontadas e marcadas com a estampilha da extravagancia. Encontra-se uma solicitude em descrever scenas muito baixas e insignificantes, como, por exemplo, as visitas da menina Bertha aos seus xerimbabos,

o que a mais de uma pessoa causou verdadeiro desapontamento. Em toda a obra não existe menos de quarenta paginas occupadas com uma gallinha sura, com um bacorinho, com um burro troncho, com uma cascavel, como melhor não fez Zola no pateo do eremiterio do padre Mouret. Não é nisto que está a feição especial do *Til*. O perigo acho-o todo em Jão Fera, em Til, em Zana.

Miguel um anjo, Bertha «cujo genio é o ser e o não ser» como em todas as suas heroínas, Linda, *pendant* na fórma do costume á primeira, são figuras que logo esbatem-se no fundo do quadro, confundindo-se com a turba-multa dos personagens secundarios. Jão Fera, sim, é que empolga o espirito do leitor. Quem o vê pensa logo em um tigre sanhudo.

O perfil adunco e chanfrado, que revestia a belleza feroz e sinistra do abutre, embotou a rispidez, saturando-se de uma bruteza alvar. Entumeceram-se as faces, pouco antes crispadas pela cerração habitual das maxillas, e tomou a tez um tom fouveiro, indicio da ebulição do sangue a ferver-lhe em bolhas no coração.

As fulvas pupilas que se encovavam pelas temporas, como tigres nas furnas, saltaram das orbitas dilatadas pór um fluido espesso que tinha a phosphorencia felina. De ordinario avinca-va-lhe a fronte uma ruga saliente, que depois de fender-lhe o sobrolho, partia-se em duas plicas profundas como gilvazes, a lhe cortarem o rosto. A temulencia da paixão injectando os musculos e insuflando as narinas, apagou todos aquelles surcos rasgados pela sanha; e até os labios sempre cozidos á feição de uma cicatriz, agora turgidos arregaçavam, mostrando pela estreita commissura os dentes agudos.¹

¹ *Til*, vol. I, pag. 49—50.

Eis Manoel Canho e Mario, completamente desbastados da hypocrisia. Agora é o capanga, o malvado, o facinora, uma especie de Churinada, um homem atacado da mania de sangue, em guerra aberta e franca contra a sociedade. Em todo caso, o typo presume ter em si grande virtude, e como não tem mais entraves na lingua, não se espantem em ouvir de seus labios : — « Eu sou o direito da revolta contra uma sociedade apodrecida. » Como hoje, porém, a sociedade repugna aceitar representações assim, e, desde que o elemento de perturbação se manifesta, todos se apresentam decididos a eliminal-o ou a enclasural-o, acontece que o capanga sentencioso e hydrophobico, não fica sendo no fundo senão um D. Quixote mal aconselhado. Este traço, que afinal é commum a todos os personagens eminentes dos ultimos livros de J. de Alencar, é a degenerescencia do cavalheirismo medieval de Estacio, Pery, Alvaro e Paulo. Genio de destruição e de morte, era necessario que se tornasse sympathico por algum lado de ternura. Dahi a subserviencia desse demonio de fôrma humana á primeira criança que encontra em caminho.

Era medonha a catadura de Jão Fera, quando voltou-se.

A fauce hiante do tigre sedento de sangue, ou a lingua bifida da cascavel a silvar, não respiravam a ferocidade, que desprendia-se daquella physiognomia entumecida pela furia.

Bertha, ao primeiro relance, sentiu-se transida de horror ; e o impulso foi precipitar-se, fugir, escapar a essa visão que a espavoria. Reagiu, porém, a altivez de sua alma e a fé que inspirava.

Travando as mãos ambas um galho que encontraram acaso atraz da cintura, e crispados os braços como duas molas de aço brandidas, conseguiu manter-se com o talhe erecto e a fronte

sobranceira, arrastando em face aquella rabia formidavel, que terrificaria ao mais bravo.

Jão Féra, reconhecendo a menina atravéz da nuvem de sangue, que lhe inflammara o olhar, e vendo affrontar-lhe os impetos, não abateu logo de todo a fêra sanha, mas foi-se applacando a pouco e pouco. A ira que se arrojava ao seu aspecto retrahiu-se e de novo afundou pelas rugas do semblante, como a panthera que recolhe á jaula, rangendo os dentes.

Sua alma se impregnava do fluido luminoso dos olhos de Bertha, e ella sentia-se traspassada pelo desprezo que vertia no sorriso acerbo esse coração nobre e puro, sublevado pela indignação. De repente começaram a tremer-lhe os musculos da face como as ramas do pinheiro, percutidas pela borrasca; e as palpebras cahiram-lhe, rendando-lhe a pupilla ardente e rubida.

—Estavas aqui para matar alguém? perguntou a menina com um timbre de voz, semelhante ao ringir do vidro.

Respondeu o capanga com uma palavra, que em vez de sair-lhe dos labios, aprofundou-se pelo vasto peito a rugir como se penetrasse em um antro.

—Estava.

—Que mal te fez essa pessoa?

—Nenhum.

—E ias assassinal-a?

—Pagaram-me.

—Então matas por dinheiro? perguntou Bertha, com a vehemencia do horror que lhe causava essa torpe exploração do crime.

—E' meu officio! disse Jão Féra com uma voz calma, ainda que grave e triste.

—E não te envergonhas?

Com um assombro de soberba indignação foram proferidas estas palavras pela menina cujo olhar vibrante, flagellava as faces do sicario. ¹

Depois do typo do capanga o declive é rapido para as figuras esqueleticas e alvares de Zana e Til.

¹ Obr. cit., vol. I, pag. 161—164.

O romance converte-se em uma especie de amostra de hospicio de alienados, uma cousa assim como o resultado do sonho de um poeta adormecido sob laranjaes em flôr: Bedlam ou Bicêtre através de um gaze azul. Em todo o caso é pesadelo de poeta; a natureza arqueja, mas não se consubstancia com as desgraças verdadeiras.

Os delirios dessa negra caduca, que de vez em quando se revolve interiormente para vomitar um segredo que outr'ora lhe constituiria obsessão tremenda, estariam melhor em uma monographia scientificamente observada e escripta, do que nesse quadro fluctuante e indeciso que se desenrola nas proximidades do *Boqueirão*. Braz, o idiota, menino de uma forocidade perversa, contrastando a cada passo com a meiguice de Bertha, que emprenhe o titanico trabalho de fazer penetrar a luz e a letra nesse cérebro escurecido; esse engeitado da sorte que se insinua como um pequeno Caliban nessa tragedia semi-infantil, aonde subtilisam-se as Titanias, dir-se-ia antes um cincephalo caprichosamente introduzido no romance para assustar á uns e a outros divertir. Não ha um estudo da alma da creatura imperfeita. A scena, em que elle, levado não se sabe lá por que impulso, agarra pela cabeça uma cascavel, de que ia sendo victima a menina professora, e corre para longe como um possesso, é simplesmente uma scena de effeito, uma *ficelle*.

Todavia, ainda que desvairado da sua orientação litteraria, J. de Alencar conserva o amor ao gracil: o que se demonstra pela preferencia que sempre dá ás

monstruosidades pequeninas. E estas tendencias influíram tanto que o vemos pouco a pouco, talvez como já acima notei, obrigado pelas leituras do lar domestico, aonde as predilecções inglezas predominavam, ir-se afeiçoando a certos romancistas, e imital-os em muita cousa que destoava do seu natural diapason. Esta queda pelos meninos é uma das feições que os criticos apontam no grande psychologo Charles Dicken, principalmente pelos atrazados e idiotas, os comprimidos, essas victimas da malversação humana, que o entristeceram e o feriram profundamente, dando ás suas obras o cunho que lhes é proprio. J. de Alencar impressionou-se com a feição do romancista inglez, e desde a *Guerra dos mascates* que exhibe uma galeria de meninos soffredores ou revoltados.²

Com a publicação do *Til* coincidiu um facto que veio juntar-se e avolumar as causas deprimentes do seu character litterario e concorrer ainda mais para azedar-lhe o espirito, já bem mortificado. Desde muito

¹ Veja-se as scenas de collegios no *Nicolas Nickleby* e *David Copperfield*. Não conheço em litteratura alguma dramas de realidade mais palpitante.

Taine com razão faz resaltar essa singularidade do genio inglez, mostrando a pobreza da litteratura franceza nesse genero de creações. Não obstante a scena do *S. Bartholomeu* das crianças, que V. Hugo descreve no *Noventa e tres*, parece ser uma das mais lindas inspirações do enorme cerebro francez.

² Nas *Minas de prata* já encontra-se o pagenzito Gil e a alfaiateira; mas tudo determinado pelas necessidades do romance. Só no *Tronco do Ipê* é que a pequenada começa a emergir. Depois surgem Nuno, Cosme Borrallo, Lizardo, o Garatuja, etc.

tempo que J. de Alencar, por temperamento, além de outros motivos que não cogito em analysar, votava antipathia entranhada á colonia portugueza. Quanto mais o seu espirito atico se entranhava pelas chronicas e se embevecia com o que ha de esculptural e legendario no portuguez, conquistador das Indias, descobridor do Brazil, no poeta dos *Luziadas*, tanto mais, ferido pelo contraste, sentia-se afastar do typo, que diariamente, segundo se lhe afigurava, aportava a nossas plagas com a ganancia do naufrago, a nevrose da fortuna e o souho do judeu. Esta sublevação interior massacrrou-o por muito tempo, creando-lhe mui naturalmente por instincto entre os reinos uma animadversão que se aggravava dia a dia. Não posso entrar aqui no detalhe de certas minudencias, que afinal não augmentariam o interesse. E' sufficiente dizer que de longo tempo uma ininterrupta série de pequenas evoluções, cá e lá, accumulou em sua alma enormes cargas de uma electricidade perigosa e vingativa. Neste ponto suas expansões eram relativas, e raro ouvia-se-lhe palavras menos dignas: Entretanto, alguma vez disse que a copia servil e o plagio eram o apanagio dos autores portuguezes, e que só concedia os fóros de autor a A. Herculano, com cujo genio teve muitos pontos de contacto. O autor de *Eurico* era provavelmente a unica estatura que se hombraava com a sua.

Nestas condições a sua bilis só esperava o momento para romper os diques. Deixou de parte as contemplações e derramou-se sobre o litterato José de Castilho, que não contente com os proventos adquiridos em outros ramos de negocio, parecia pre-

tender assumir uma tal ou qual dictadura litteraria. Homem mediocre, simplesmente notavel por uma memoria de *carnets*,¹ o irmão do poeta dos *Ciumes do bardo*, que, pelas suas relações economicas e prestabilidade commercial, iniciara-se por toda parte, e conhecia todos os escaninhos da grande cidade, começou a explorar as desaffeições do ex-ministro e de um modo revoltante. Era impossivel que isto ficasse sem uma replica. J. de Alencar perdeu então a calma, e um dia em pleno parlamento, vendo-o metter-se alli como piolho por costura, atirou por cima do hombro uma destas phrases de desprezo, que obrigam o homem mais glacial a commetter assassinos.² O inglorio autor da *Grinalda ovidiana* não pegou no punhal do sicario para feril-o, mas passou á detracção e ao astucioso incitamento de antipathias, que podiam ter ficado adormecidas.

Não é o caso de offerecer-se aqui o libello contra aquelles que mais ou menos ostensivamente tomaram parte nesta luta, direi melhor—nesta aggressão. Muitos

¹ Ha ahi um livro em defesa das *Georgicas* de Castilho, Antonio, contra um certo João Mínimo que publicou algumas reflexões sobre esta celebre traducção, aonde se vê que não exagero.

E' um volume de 300 paginas em resposta a um ou dois artigos apenas incisivos.

José de Castilho era uma especie de vulcão de citações de toda a ordem, que, uma vez incendiado, não cessava mais de vomitar,—um torvelhinho de indicações interminaveis, a que não escapava poeta grego ou latino por mais escondido que estivesse.

Não se diga que tenho a pouca generosidade de fallar de um morto. Em primeiro lugar em litteratura não ha mortos; depois isto é reproducção do que escrevi em 1872, quando saíram á luz as *Cartas de Sempronio*.

² A palavra, *si mens non leva*, foi *gralha*.

mesmo fizeram coincidir as suas indisposições ou desabafos com a gana do critico mal intencionado. Alguns talvez até tivessem o direito de exagerar a phrase. Estavam em sua casa, em lugar aonde, sem reparo, podiam lavar a roupa suja com vantagem. O que, porém, não podia passar despercebido era a pretenciosidade do estrangeiro, cuja *arte* seria provavelmente desconhecida aos que não encaravam o ataque das *Questões do dia* do verdadeiro e unico ponto de vista. Os pamphletos de José de Castilho não attingiam só á individualidade de J. de Alencar; surrateiramente entravam pela nossa autonomia, já tantas vezes conspurcada. E só á indolencia attribuo a ausencia de uma *repulsa selvagem*. Faço em repulsa e sublinho a palavra, porque entendo que é a unica manifestação legitima para quem, sentindo-se forte, tem consciencia deste facto. Em todo caso para nós foi fecunda essa aggressão. Embora só preocupado com a sua individualidade, o autor do *Guarany*, vendo que tudo lhe queriam negar desaforadamente, encheu-se de subito de umas coleras das quaes derivaram as sementes que agora produzem os trabalhos de Baptista Caetano, Macedo Soares e Paranhos da Silva. Indispensavel era que a condensação começasse em alguma victima para que um novo mundo de idéas brazilicas surgisse.

Depois de tamanhas provocações o espirito do romancista recaiu em abatimento. Os medicos recomendaram-lhe novas digressões. Suppondo-se talvez que a causa de seus soffrimentos fosse uma tuberculose, impeliram-no para o patrio Ceará. Esta nova visita aos carnahubaes da Mecejana, ás lagoas verdejantes dos

taboleiros, não foi-lhe tão fecunda em impressões alentadoras como em 1850. E' mesmo provavel que uma certa frieza dos comprovincianos lhe infundisse n'alma motivos de mais pronunciada tristeza, tão verdadeiro é o rifão que diz—ninguem é propheta em sua terra.

Lá o vi varia vezes, sempre com aquelle olhar scintilante de vidente, mas não lhe encontrei mais o entusiasmo das cousas patrias. Como que presentia que algum objecto lhe escapava das mãos, e insistia em se lhe apegar. Em compensação teve o grande prazer de assistir á festa da inauguração da primeira estrada de ferro de sua provincia, e ainda este facto arrancou-lhe palavras arroubadas; mas a preocupação de fazer nutar o nome na nova onda civilisadora que via alevantar-se, e de manter a escola que julgava-se com o direito de crear e que tão tarde *Senio* lembrou-se de affirmar, trazia-o em constante sobresalto.

Em Arronches levou elle muitos dias a percorrer os arredores, conversando com os indigenas a colher assumptos e tradições. Existia ahí um velho, que se dizia descendente do celebre Algodão (Amanai) dos tempos de Martim Soares Moreno; deste velho tomou muitos apontamentos curiosos, que fizeram vibrar o sentimento nas cartas, que depois dirigiu a Joaquim Serra sobre o *nosso cancionero*. Voltando, porém, a esta côrte, sem palpaveis melhoras, esfriou-se a *verve*, e o romance que então publicou, o *Sertanejo*, revelou uma distracção completa da fonte das inspirações que lhe haviam dado a força de outras anteriores composições. O *Sertanejo* é um producto de movimento adquirido, da mesma maneira que a *Pata da gazella*,

os *Sonhos de oiro*¹, *Senhora* e a *Encarnação*; nada exprime. Sombra pallida do *Guarany*, cujos personagens se reproduzem todos, apenas com a alteração dos costumes, do local, da época. Arnaldo, o vaqueiro, é Pèry transfigurado, a adivinhar de sua humilde posição todos os pensamentos de Dona Flor, filha do rico e orgulhoso fazendeiro Vasconcellos, os quaes por sua parte são variantes de Cecy e D. Antonio de Mariz: as mesmas scenas de dedicação, as mesmas imprudencias, os mesmos caprichos, a mesma onça, as mesmas *ficelles*, os mesmos perigos, as mesmas cobiças, etc. Até Ruy Soeiro achou o seu phantasma. Quanto ao mais, o romance perde muito pelo mesmo defeito do *Garúcho*. Foi escripto sobre informações. J. de Alencar não viu os campos que descreveu. Não tendo saído dos arredores da capital, ignorava completamente a vida do vaqueiro, de sorte que viu-se na necessidade de phantasia-la. Ha descripções verdadeiramente impossiveis. As corridas de Arnaldo atrás do touro bravo, por entre carrascos e bamburraes, para deleitar simplesmente a angelica filha do capitão inór, que espreita as suas façanhas de uma eminencia, são scenas espectaculosas e de theatro. No mato a eousa é sériamente medonha e bem diferente nos seus incidentes do espectáculo ameno, que se encontra nas paginas demasiado coloridas do romance. Accresce que o heróe do livro, em quem o autor procura es-

¹ Neste romance apenas ha a notar um manifesto desejo de copiar o interieg caprichoso descripto pelas *misses*—romancistas inglezas.

tereotypar o character cearense, não é fiel como espelho da verdade. O typo do sertanejo é muito pouco amigo do phantastico ; e o Ceará é talvez a provincia aonde existiu e existe mais accentuado o sentimento da realidade, da luta e da força. Si a misera tem sido tantas vezes flagellada ! Arnaldo, pois, romantico de sobra, está muito longe de ser a imagem dos filhos robustos do valle dos Cariris.

A paisagem soffre os mesmos reparos toda a vez que o pintor se afasta dos logares que conhece. Abundam erros topographicos e transplantações da flora de uns para outros logares. São inexactidões estas, porém, que, como na *Iracema*, em nada influiriam, si o *divortium aquarum* da inspiração alencarina não fosse rebatido por influencias, que perturbavam o curso natural das vertentes luminosas.

Ainda occorre censura igual a que fizemos ás *Minas de prata*, sobre o luxo dos fazendeiros. No seculo passado mal se comprehende um *mise en scène* tão sumptuoso como o que apresenta o capitão-mór na sua quasi possessão feudal. Eu que vi proxima-mente os mais ricos d'entre os actuaes, de ceroula e camisa, no terreiro, a dar suas ordens aos escravos, fazendo-se distinguir dos famulos apenas pelo diapasão da voz, não posso crêr nessa variedade de luxo, maxime conhecendo o poder enorme de assimilação que têm os sertões. A presença simplesmente de alguns objectos, levados de vez em quando pela vaidade dos esposos e dos paes, não autorisa isto. ¹

¹ Vide nota anterior sobre as *Minas de prata*.

Cedo a pobreza, as necessidades, as lutas estranguladoras entre as duas mais importantes raças da provincia, nivelaram tudo alli, creando as predisposições para a liberdade e o espirito, que nos tempos que correm vão pondo os cearenses na vanguarda do partido abolicionista.

No *Ubirajara*, lenda tupy, que tem por scenario o Brasil antes da descoberta, o genio de J. de Alencar não conseguiu talvez alevantar-se muito acima do nivel em que se collocára. O *Ubirajara* é a continuação da trajectoria partida da *Iracema*; nada acrescenta ao indianismo. Quando muito denota que os seus estudos progrediam e que o seu espirito entrára alguma coisa pela anthropologia selvagem.¹ Em todo caso porém, perde de sentimento; sendo antes para aceitar a opinião de um critico brasileiro², que reputa esta lenda uma parodia no fundo e na fórma de certas scenas do pentateuco.

Ao frio recebimento d'esta obra seguio-se o máu exito do *Jesuita*,³ que o trouxe a imprensa muito irritado, e deu lugar aos folhetins intitulados *Domingos*, publicados por Joaquim Nabuco no antigo *Globo*. Estes artigos foram respondidos pelo romancista, e, como constituíam uma aggressão proposital, azedaram consideravelmente a discussão.

¹ O livro foi escripto sobre novissimas impressões causadas pelas paginas de Claudio d'Abbeville e Ives d'Evreux.

² Capistrano de Abreu.

³ Levado a scena em 1875.

Em 1876, a pertinacia da molestia levou-o á Europa.

Mal se comprehende como este passeio não houvesse lhe agitado a alma violentamente; e que o artista se deixasse ficar em frente de tamanhas novidades frio, anesthetic. Esteve em Lisboa, esteve em Pariz, esteve em Londres. Mas tudo isto passou atravez de seu espirito como a impressão que experimentam os individuos atacados de nostalgia. Na capital dos Lusos houve mesmo um desagradavel encontro de desafeições litterarias, que deviam ter lhe produzido mortificações horriveis. O seu amor proprio não resistiria a indelicadeza dos que ahi se abstiveram de receber o primeiro litterato brasileiro. E quando se não tem o direito de exigir o predicamento, tanto peor. O grande emporio das lettras e das artes, do luxo e da vaidade, a garridissima Paris, não foi menos indifferente as suas vaidades e provaveis embarços de escriptor: Essa indifferença, pois, elle arrastou-a pelos ruidosos boulevards. Depois contemplou o Sena, subio ao Pantheon, examinou as curiosidades de tarifa, entrou nos logares aonde se exhibem as notabilidades, e tudo isto não teve talvez o poder de inspirar uma d'essas paginas arroubadas, que são o desespero dos artistas. A vitalidade febril, nervosa, scintillante d'aquelle povo frivolo e cheio de *tics* luminosos, fazia com o desalento de nosso melhor poeta e a debilidade de seu corpo, o contraste mais digno de lamentar-se.

Dumas, Feuillet, Sardou e outros irmãos pelo espirito atico, todas essas grandezas litterarias da França, que elle soubera tanto comprehender e interpretar, não se poderam transfigurar na occasião para communicar-lhe ao cerebro o timbre, que é o grande phenomeno das viagens. Só uma coisa o impressionou, e isto mesmo foi um accrescimento de mortificação. Como eram possiveis as revoluções em uma cidade, aonde desde o *decrotteur* até o *ganté* apelintrado não se encontra se não a delicadeza e a *clairvoyance* do habitante de Atica? Este problema só lhe foi resolvido pela vista de Belleville. Os rebarbativos blusas, que occultam-se naquella immunda *Cité*, escorados pelas esquinas com o bonet sobre o rosto e o caximbo ao queixo, olhando para o visitante com esse olhar de bode, o *tuentibus hircis*, de que falla Virgilio, o aspectoponson-terraillico das vielas, das casas, das mulheres, *mangeuses d'hommes*, petroleiras, de todo esse pessoal que ahi se agglomera, a gyria medonha que, ao passar, ferio-lhe os ouvidos: tudo isto convenceu-o de repente da verdade. Eis de onde saham as communas: eis o povo de Marat: eis a gente de Courbet! E retirou-se horrorisado...

Nenhum espectaculo, porém, lhe fustigou os seios d'alma como o tenebroso oceano de casas chamado Londres. Não sei que escriptor disse algures que o Tamisa era a morte dos poetas. Não ha nada mais verdadeiro, com tanto que si refira aos poetas meridionaes. Com effeito só as naturezas shakespeareanas, como Brown e Swinburne, tem peito para respirar o ar d'aquellas forjas de Vulcano, e descobrir a emoção

artística na bolgia horrível da vida industrial moderna. Uma alma fina e melodiosa, um espirito eleito e contemplador, não resiste ali por muito tempo, estala, rebenta, comprime-se, coifrange-se ou reduz-se a uma massa inerte, sem acção. J. de Alencar, cujo emperramento pela Inglaterra, em certa phase de sua carreira politica, foi tão notado, dizia que o pasmo era a nota particular que soava ao ouvido de quem quer que penetrava ali; e sentia-se vibrar em sua palavra um quer que seja, que indicava todo o constrangimento de sua mente. A entrada em Londres por estrada de ferro, a cavalleiro da cidade, causou-lhe o effeito de um sonho máo, de um d'estes sonhos em que se vê, como no *Orlando Furioso*, uns gigantes a correrem conduzindo a propria cabeça e outros a desarraigarem florestas inteiras. Ha ali uma tal vertigem de cruzamentos de linhas ferreas, wagons, locomotivas infernaes, quasi aereas, que se torna impossivel deixar de sentir um sobresalto como se se entrasse na cidade plutonica do Dante que se estende infinita. Uma vez entrando nos caminhos subterraneos da grande metropole, fez-lhe isto tamanha angustia que sahio disposto a não mais usar d'este meio de transporte.

O regresso do poeta para a terra dos Palmares não o rejuvenesceo, apesar de tudo, nem a morte da nostalgia creou-lhe nova inspiração.

Tenho uma supposição. Esta viagem foi immensamente pernicioso ao autor do *Guarany*. As disposições de sua alma embotada pelo soffrimento fecharam-se a todas as fontes estheticas, para só avivar-se-lhe a

sensibilidade pelo lado morbido, infecundo, prejudicial. Não consta que escrevesse as suas memorias de viagem, sequer um fragmento de impressões. Isto em um escriptor de raça, que pela primeira vez perlustra a patria da civilização, é mais que muito extraordinario. E' que o poeta brasileiro encontrára-se com a terrifica visão de um movimento scientifico, de que a politica e muitas cousas pequeninas o tinham afastado desde os primeiros triumphos litterarios. A montanha philosophica era negra de mais para não tontear-lhe a vista; e aquillo que no Brasil, em seus primeiros vagidos, parecera-lhe coisa de rapazes, talvez entusiastas de mais, apresentou-se-lhe sob uma feição medonha, muito, muitissimo aterradora.¹ Na França o litréismo e o laffitismo a erguerem-se desassombrados no meio de um ladrido de nuanças philosophicas; na Allemanha as ideias de Hartman, Schopenhauer, Hœckel, Vogt,

¹ Em um dos ultimos numeros do *Vulgarizador*, pouco antes de sua morte, J. de Alencar publicou um artigo sobre o homem prehistorico. N'esse artigo vê-se o effeito das leituras de Lubbock, St. Hilaire e do Quatrefages que lhe fôra emprestado por Zaluar; mas sempre relucante. E' um improviso sobre um dos mais bellos assumptos da sciencia. Porém o mal do poeta é profundo. Longe de procurar generalisar os dados adquiridos, elle quer sorprendel-os, denunciando desde logo a malicia do inventor.

São palavras suas: « Si não me engano o *Vulgarizador* é destinado a propagar o *espirito novo*, ao qual talvez por falta de comprehensão ainda não me converti. Reconhecendo os altivos commetimentos da sciencia moderna, todavia não sacrifico ao idolo de hontem uma civilização milenaria.

Outras: « Por um como presentimento do passado, semelhante a prophecia de Vieira, penso que o Brasil é o berço da humanidade; e que o Adão da Biblia, o homem vermelho feito de argila, foi o tronco d'essa raça americana, que suppeem degeneração das outras, quando ao contrario é a sua estirpe commum.»

Vide *Vulgarizador* 1.º vol. n.º 5.

Wirchow, Moleschot, e um milhão de pensadores a transformarem a Europa no inferno do pensamento, em uma batalha campal, em que os systemas se crusam com a rapidez e vehemencia dos projectis, dos obuzes, da explosão de dinamite; na Inglaterra o grande caudal de Darwin e Spencer a derramã-se em ondas luminosas, subvertendo na lei da evolução todas a systematisações caprichosas e mysticas: depois de tudo isto a dança macabra das sucursaes litterarias e artisticas, o desespero das originalidades, aqui, ali, acolá, cada excentrico de fazer medo, cada reformador de atordoar; no romance George Eliot, Goncourt, Zola, na pintura um Manet, na musica Wagner, Boito, toda uma geração de *desastrados* psychólogos, dizendo-se uns descendentes de Dickens, outros de Thackeray, outros de Balzac, outros de Flaubert, cada qual procurando suas origens proprias e sem excepção clamando pelos direitos da viviseccão.

Se é verdade que em suas mãos cahio por este tempo o *Ventre de Paris* de Zola, pôde-se imaginar o horror que não lhe deveria ter causado esse Claudio Lantier, pintor impressionista, que não via em torno de si senão architectura bastarda. As igrejas, os maiores templos, são tudo menos isto, sendo certo que do principio do seculo até hoje só se tem erguido um monumento digno deste nome—o *mercado*. Diante do mercado tudo se acachapa! Para Lantier—Zola a pintura é a reproducção, por exemplo, de um montão de comestiveis.¹ A sua philosophia é o commentario do

¹ *Ventre de Paris*, pag. 242. 13ª ed.

quadro que representa a batalha dos *Gordos e Magros*, horrorosa inspiração darwinica, uma ressurreição do selvagem que vive sob todo o homem civilisado, ou antes a reconstrucção do primata do qual sahio a humanidade. Ora, um temperamento como o de J. de Alencar, o poeta das delicadezas e tenuidades, não poderia resistir a esse embate de asperas brutesas, a essas scenas, como dizia o classico Lucena, cheias de um *negrume escuro*. Não ha duvida que o choque foi enorme e a decepção indefinivel. Calcule-se uma symphonia de Beethoven, subitamente interrompida por uma descarga electrica; calcule-se uma paysagem de Wateau, de repente invadida por uma turba de satyros doidos, esguedelhados. Pois não seria outra a dôr exercida no autor de *Iracema* pela irrupção desse bando de idéas novas para dentro do hemispherio azulado, em que traçara o seu *Paquequer* e d'onde fizera emergir a sua loura Cecy. Elle vio que toda a sua obra ia desvanecer-se ao contacto da rispidez do modernismo. As fibras da harpa dos novos poetas estavam horrivelmente retezadas, e somente desferiam sons rudes e ensurdecedores. A inusa casta dos bons tempos convolava-se em seus adejos para o paiz das eternas saudades.

Uma vez de volta á sua terra, o que restava-lhe fazer? Deixar-se succumbir ao peso da enormidade dessa angustiosa emoção? Não o fez. Havia dois recursos: enfrentar a montanha e galgar-lhe o viso, ou afundir-se. A vaidade, a sua mui legitima vaidade, não permittio o ultimo alvitre; a sua idade repellio o primeiro. Um cerebro não se reconstitue em crenças, em

sciencias, aos 47 annos.¹ J. de Alencar, debateu-se entre os desenganos de *Senio* e as energias da nova geração. Sorriu muitas vezes de Hœckel, chamando a sua immortal obra de « romance biologico », e pensou em discutir as vertiginosas questões do seculo.² Passados os primeiros effeitos deste encontro, escreveu a *Protesto*, que segundo estou informado, tinha como fim principal congregar tardiamente em torno de si uma porção de rapazes escolhidos, que o ajudassem na grande luta e propagassem a fama do mestre.³

Nas horas de calma, para um fim humanitario, traçou os ternos capitulos da *Encarnação*,⁴ ultimo brinco da mesma penna travessa e coquette, que escreveu os folhetins *Ao correr da penna*. Depois, com as entranhas carcomidas por surradeira enfermidade, arastou-se gradualmente para a sepultura, com a preoccupação do retardatario e o amor da familia, dos filhos, que com um zelo de artista elle e a esposa cinzelavam a Benevenuto Celini. A vida se lhe retirou do

¹ «As novas ideias de que elles se occupam (os que tarde procuram estudar certas sciencias) põem necessariamente em acção novas fibras do cerebro, para o qual isto consitue um estado «violento que enfraquce o systema nervoso.» Tissot, *Santé des gens de lettres* (1871), pag. 148. Veja-se tambem Huffeland, *Macrobotica*, pag. 300, ed. fr. de 1871.

² Já citei um artigo seu publicado no *Vulgarisador*. Essa provavelmente o começo dessa tentativa.

³ «O *Protesto* como diz o seu nome, não é uma propaganda mas um desabafo; não é uma aggressão; pôde ser quando muito uma resistencia :» O *Protesto* n. 1. Neste periodico, que apenas chegou ao n. 5. J. de Alencar publicou, além de artigos de politica, o começo de um romance *Ex homem*, em que promettia continuar a questão do celibato clerical e uma chronica sob o titulo de *Beotices*.

⁴ *Diario Popular* (1877).

corpo com respeito. Já os membros estavam mortos, congelados, e a cabeça ainda trabalhava. Sua vitalidade incontestavelmente era muito poderosa! Essa imaginação fulgente, que tantos raptos de alegria e também de tristeza lhe dera, foi o ultimo hospede a abandonar o sacro asylo. Apertou ao seio a estremecida companheira, para recommendar silenciosamente os filhos; as lagrimas rolaram-lhe das palpebras, e, com profunda saudade, sem uma convulsão, sem um estertor, apagou-se esse phenomeno que no Brazil chamou-se J. de Alencar.¹ Vi-o depois de morto, e com verdadeiro pezar demorei-me longo tempo a olhar para esse rosto pallido, tranquillo, desfeito simplesmente pela paralysisia. Essa cabeça, que tantas illusões afagou durante a vida, e que tanto influira sobre a minha existencia litteraria, alli jazia congelada como qualquer porção inerte da materia. Custava a acreditar.

O seu sahimento não foi estrepitoso. Alguns representantes da imprensa e os amigos que sinceramente o amavam. Junto da tumba estiveram Joaquim Serra, Ferreira de Araujo, E. Taunay e Octaviano de Almeida Rosa. O ultimo fôra seu amigo e mestre em algumas cousas, de quem por ligeiros contratemplos se afastára. O Dr. Duque Estrada Teixeira, pranteando a sua morte, comparou-o ao jequitibá, que derriba-se na floresta e não encontra leito que o ampare na queda. O vacuo, deixado no paiz por J. de Alencar, foi sen-

¹ Preoccupava-o muito nos ultimos tempos a idéa de morrer e não deixar a familia amparada. Fel-o entretanto com um critério que não parecia de poeta. Por esta razão entregára-se a uma hygiene rigorosa, lamentando que a sua mocidade não tivesse sido desenvolvida sob os preceitos da gymnasticã, etc.

tido modestamente. Na sua morte devia se dar o que se deu em toda a sua vida,—o retrahimento das explosões da opinião publica. Nunca se lhe fizera uma manifestação na altura regular se quer dos seus merecimentos. E, como tudo tem sua explicação, é preciso dizer que nada concorreu tanto para isto como a aristocracia de seu talento.¹ A imprensa no emtanto vibrou intensamente. Sentia-se-lhe na phrase uma decepção real. Se, porém, compararmos tudo isto ao rumor de outros obitos, o autor do *Guarany* ficou insepulto. A memoria nacional deve-lhe ainda um monumento.

A *Gazeta de Noticias*, sob a firma de *Tragaldabus* (Joaquim Serra), reunio em um bouquet de goivos a palavra compungida de toda a mocidade que estava a postos.²

Repito: a aristocracia de seu talento foi uma das mais poderosas razões por que a nova geração sentiu-se apartar, embora admirando-o. Desde o seu estylo até as suas maneiras, tudo transpirava reserva e o

¹ O grande estylista Ramalho Ortigão, que, com motivos ou sem elles, não conhece as cousas do Brazil, por occasião do obito escreveu que J. de Alencar sahira dos esgotos, querendo significar com isto a sua procedencia popular.

² Ha ahi phrases que significam muita sympathia ao talento do finado. J. de Alencar, podia, se quizesse, pelo menos ser muito querido dos rapazes.

E' preciso apanhar duas petalas, que se desfolharam das flôres sepulchraes.

«Vertem lagrimas hoje as flôres de Iracema,» disse-o Pedro Luiz.

«Foi uma contradicção: tinha as valentias do genio e as fraquezas de um animo apprehensivo.» Palavras de José do Patrocínio, com que concordo *in totum*.

não me toques do arminho. Ora, essa mocidade alevantava-se com umas valentias, umas franquezas que excluam toda a reticencia. Intimidade com o mestre, coisa impossivel. D'ahi as consequencias de um principio de hostilidade organica, que, se elle não morresse, acabaria em uma guerra crúa, em que a sua feição tyrannica muito haveria de soffrer. Accrescia a esta razão outra ainda mais valiosa: a falta de orientação philosophica, defeito não só seu como de todos os poetas que applicaram os principios sem unidade de vistas. Isto é verdadeiro. Por algum tempo déra-se elle a leituras de historia geral, religião e philosophia, no intuito de escrever uma obra monumental sobre o Brázil; mas, chegando a questão de origens, ficou tão perplexo que logo convenceu-se da inutilidade d'essas coisas, e abandonou a frandulagem. Incontestavelmente era o que mais o defeituava para ser o director da pleiade que se estende para o futuro anciosa e a perder de vista.

Se a philosophia positiva tambem por outro lado lhe penetrasse no cerebro, acredito que elle seria outro. Aquelle niveo e dulçoroso idealismo não se compadecia absolutamente com a observação e as demonstrações experimentalistas que invadem tudo. Para o fim de agradar a mocidade elle não podia arrastar a tuba sonora de Hugo, nem a fibra doida e o sentimento das miserias do autor de *Pendennis*, nem as crispações-aphrodisiacas de Balzac, nem a analyse porrejante de luz de Flaubert, nem os despeitos napoleonicos, à iras espatifadas, a monotona descriptiva de E. Zola. Esta convivencia por ultimo o assassitaria: se elle insistisse em sustentala perderia o estro. Ser

realista um impossível ; quando muito deformava-se, e J. de Alencar seria de menos um poeta.

A creança é « pae de homem », como disse Lewes. O orgulho nunca deixou-o cercar-se de verdadeiros amigos, e acreditou talvez que se bastava, sem lembrar-se do magnifico exemplo de amizade cordeal de Schiller e Goethe.¹ Este cordão sanitario, traçado entre si, o publico e os proprios admiradores, privou-o d'essa seiva electrica, d'essa mutua communicação de influencias vivificantes, sem as quaes é tão difficil a vida do artista como é impossível a da planta, sem o sol, sem a chuva. O isolamento acaba por consumir as proprias grandes luzes, maxime em um paiz aonde a actividade cerebral tem dado já os tristes exemplos de Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Franco de Sá, Lessa, Castro Alves, Casimiro de Abreu, etc., Com este modo de entender a vida em seu paiz J. de Alencar quasi atrophiou-se.

Já é conhecido o complexo de influencias que determinaram a segunda phase de sua vida litteraria e as aberrações de seus escriptos. Voltando a este assumpto, pôde-se afirmar que era muito cedo ainda para o esgotamento das suas faculdades poeticas ; apenas verificara-se um caso de desvio, um declinio: e se fosse a dar, sob as vistas da sciencia phisiologica, a formula do desenvolvimento mental do autor do *Guarany*, diria

¹ Só o genio pôde viver consigo mesmo. Deste é que podemos dizer:—Seu centro de gravidade cae todo dentro de si mesmo. Schopenhauer, *Sagesse dans la vie*. pag. 43.

que essa phase, isto é *Senio*, com os seus romances da *Pata da Gazella* em diante, não passa de um caso teratologico. Ninguem se lembraria ainda de applicar a sciencia da teratologia á critica litteraria. Pois seria de fecundissimos effeitos. Com ella Taine teria explicado melhor a personalidade estranha de Swift. Não basta o estado morbido para que se julgue explicado um movimento qualquer extravagante em um poeta; é preciso que haja uma deformação na ordem dos factos constantes e ineluctaveis. Qual a razão porque as qualidades de J. de Alencar não continuaram a evoluir na linha natural? Por falta de força impulsiva? não; porque o seu espirito guardava a mesma tenacidade. N'este caso o que se póde dizer apenas é que o estado doentio preparou-lhe a transicção para um outro estado, em que a sua impulsão esthetica converteu-se em irritabilidade chronica.¹ A monstruosidade physica, a aberração de faculdades nascentes, deve derivar das mesmas leis observadas nas deformações do embrião.

Assim pois o autor do *Guarany* condemnou-se a ser uma linha forte isolada. Em torno della não se moveram as vocações litterarias do paiz. Como Gautier e João Paulo Richter foi um enorme kiosque posto ao lado da corrente civilisadora, que a todos sorprehendia, mas que a ninguem detinha. Entravam, admiravam-n'o por dentro e por fora, examinavam as suas excentricas novidades, mas nunca se deixavam ficar dominados pela magia do expositor de tantas bellezas artisticas. Muitissimo mais influiram sobre a mocidade

¹ Daresté, pag. 24.

Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Varella, sem terem produzido a decima parte das obras que elle deixou.

E' precisamente o caso de A. Hercnlano em Portugal.¹

Entretanto, diga-se o que se disser, foi o movimento de differenciação mais energico que temos tido ; e a prova está em que nas provincias era o autor mais lido e quiçá mais comprehendido na tecla nacional. Se por um lado a modificação de seu character litterario privou-nos da continuação de suas obras, do *Guarany*, da *Iracema*, por outro promettia abrir-lhe os diques da raiva, collocando-o na situação mental a mais appropriada para o ataque e a subversão das pretensões de alem' mar.²

¹ Theophilo Braga, *Historia do romantismo*, pag. 377.

² Em Portugal muito se tem procurado redicularisar o espirito brasilico. Isto vem de longe.

Quando no seculo passado o mulato Caldas Barbosa cantava esta modinha :

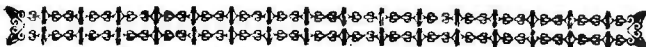
«Nós lá no Brasil
A nossa ternura
A assucar nos sabe
Tem muita doçura, »

o poeta Bocage, aproveitando-se da figura mascavada dessé tocador de viola, não poupava satyras ao Brasil.

O mesmo aconteceu com o brasileiro que pretendeu erguer-se aos ares em um balão, o padre Bartholoméo de Gusmão.

«O ha o padre voador! o padre da carangueijola! o doente vindo do Brasil!» Era o que diziam. E os poetas cahiram-lhe no costado como galinhas á baratas.

Só depois que Antonio Carlos intimou-lhes o respeito, foi que se deixaram d'isto. (O Sr. Camillo Castello Branco quer, porém, renovar a chula, esquecendo de que falla a um dos melhores mercados que tem seus livros.



VII

A CRITICA

J. de Alencar queixava-se amargamente de não ter tido critica para suas obras.¹

O conego Pinheiro não o contemplou no seu *Curso de litteratura*, e o sabio viennense Wolf, apesar de publicar o seu *Brasil litterario* em 1862, quando já existiam o *Guarany*, *Cinco minutos* e quasi todos os dramas, apenas allude ao romancista em uma palavra. Isto porém explica-se pelas *inspirações* de Magalhães, que foi quem lhe forneceu os mais importantes dados, e quiçá as provas da própria proeminencia na litteratura patria. Com effeito, exceptuando as saudações que de occasião escreveram F. Octaviano, Homem de Mello,

¹ « Nos trinta annos vividos desde então (refere-se a eschola) muita vez fui esbulhado do fructo de meu trabalho pela mediocridade agaloada; nunca senti senão o desprezo que merecem taes pirraças da fortuna, despeitada contra aquelles que não a incensam. » São palavras suas no authographo citado—*Como a porque fui romancista*.

Officialmente o unico galardão que teve foi um habito de Christo, que não quiz acceitar.

Zaluar, Salvador de Mendonça, M. de Assis, Joaquim Serra, Felix Ferreira, Ferreira de Menezes, Guimarães Junior, D. Diego y Mendoza (pseudonymo), Norberto Silva, não teve elle o prazer de vêr em vida uma apologia, quero dizer, uma critica de sympathia se quer igual a que tiveram outros brasileiros muito menos notaveis.¹ Apenas um cearence, um moço de muito talento, Raymundo da Rocha Lima, publicára na provincia uma série de artigos sobre *Senhora*,² unico estudo, sob o ponto de vista verdadeiramente critico e sem paixão, que existe sobre a sua personalidade litteraria. Fôra disto só se vê o espirito de aggressão, que não é justificado litterariamente, pelo menos até 1875, por acto nenhum de absorpção ou de idolatria ao mestre, que pudesse ser acoimada de prejudicial ao progresso das lettras patrias.

Em 1858 já o contrariavam no theatro, prohibindo por immoral o drama *Azas de um anjo*. Longo tempo os órgãos da publicidade occultaram a existencia do *Guarany*, que entretanto o publico, apoderando-se do livro, foi alevantando pouco e pouco até dar-lhe direito de cidade e cinco edições. Este facto um dia lembrou á critica alguma coisa. Um moço, —infelizmente não foi um brasileiro,—um fecundo romancista

¹ A biographia publicada em 1866 por Innocencio Silva consiste n'uma ligeira enumeração de suas obras, e nem sempre é exacta.

² Estes artigos andam colleccionados em um volume publicado pelos amigos d'este moço precoce, que, falleceu aos 22 annos de idade, quando o talento borbulhava-lhe com mais exuberancia. Tem o título de *Litteratura e critica*. N'este livro se encontra o mais judicioso trabalho, que já se escreve u sobre Guerra Junqueiro.

portuguez, Pinheiro Chagas, que então (1866) estreitava no folhetim, disse muito bonitas coisas sobre o cooperismo de J. de Alencar e sobre a litteratura que poderia nascer da *Itacema*, aonde «a musa nacional soltava-se emfim dos laços europeus para sentar-se melancolica e pensativa á sombra das bananeiras.¹» No fim porém destas bonitas coisas vinha um resaiço venenoso, — a descoberta de que em nosso mais imaginoso escriptor existia um defeito, uma encarnação de defeito nacional, que era o não saber escrever portuguez, tudo isto no meio de uns adocicados como «livro primoroso» e «estyllo magico.» *Alex jacta est.* Era o que bastava. Desencadeiou-se o tufão, e todo o mundo começou a achar graça em notar incorrecções no autor do *Guarany*. Até o estadista Zacharias aproveitou-se d'esta celeuma para desgostal-o, na tribuna, procurando ridicularisal-o com a pecha de escriptor mal amanhado, e autor de palavras já inventadas.² Depois veio Henrique Leal qualificando sua linguagem e styllo de «descuidados e frouxos», embora resgatados por bellezas inestimaveis.³

Em 1872, então, fizeram explosão as iras de Castilho, que, para melhor apoiar a sua propaganda, poz-lhe o leteiro de «operario da communa litteraria, demolidor feroz, petrolisador intellectual, digno

¹ *Novos ensaios criticos*, pag. 219.

² A isto J. de Alencar respondeu victoriosamente, dizendo que «ao ser romancista devia os seus dias mais felizes.» (Sessão de 9 de Agosto de 1869).

³ Henrique Leal, *Locubrações*, pag. 187 e 235.

membro do directorio da *Escola Coimbrã.*»¹ *Proh pudor!* O chulo foi a arena predilecta deste critico desalmado, que, apesar da sua grande illustração philologica, nas *Questões do dia*, nunca deu um passo além de um «Canho escanhoado», e de uma «Catita acatingada.» Fallando do *Til*, por exemplo, chama-o de «chato», uma «incrível profussão de disparates», e quanto a linguagem, que «compõe-se de uns archaismos inhabilmente estrahidos de elucidarios e de gallecismos de palmatoria, tudo caldeado com uns neologismos que se não comparam com coisa alguma senão com a escola *senial*, na qual não ha senão um mestre e um discipulo... que é elle mesmo.» E em compensação queria o autor da *Grinalda ovidiana* que o brasileiro usasse de termos como estes—tolambana, parvoaño, inxovêdo, tolaz, patau, zote, parvoinho, marau, patola, safardana e outros *ejusdem furfuris*. J. de Alencar, graças ao seu temperamento, muito se incommodou com isto, e por varias vezes sahio a campo para defender a sua obra. «Aquelles que censuram a minha maneira de escrever, dizia elle, saberão que não provem ella da ignorancia dos classicos mas de uma convicção profunda a respeito da decadencia d'aquella escola... que destôa no meio destas florestas seculares, destas catadupas formidaveis, destes prodigios de uma natureza virgem, que não podem sentir nem descrever as musas gentis do Tejo ou do Mondego.»

¹ *Cartas de Semprônio* (2.ª ed.) pag. 49.

O que foram os Castilhos como temperamentos definiu Theophilo Braga na sua notavel obra já citada o *Romantismo em Portugal*.

A preocupação classica o tyrannisava. Dóminado pela decepção que causam pequenos senões maliciosamente apontados, escovados, lustrados e postos em vitrina para que todos possam vêr e exagerar, elle põe-se a revolver autores, revê glossarios, abre Max Muller, Webster, Madwig, Leoni, Fr. Francisco de S. Luiz, e ataca a questão sob todos os pontos de vista suscitados, acabando por prometter um livro em que demonstraria á saciedade quanto todas estas coisas lhe eram familiares. Não vem ao caso agora entrar de novo neste certamen e buscar a razão que teve ou não nas opiniões que sustentou; basta o que ainda hoje sobre a collocação dos pronomes escrevem Baptista Caetano, Arthur Barreiros e outros illustres philologos. O que não resta dúvida é que foi elle o primeiro que tomou, com relação a linguagem brasileira, o verdadeiro ponto de vista. «Si a transformação por que o portuguez está passando no Brazil importa uma decadencia...o futuro decidirá. Sempre direi que seria uma aberração de todas as leis moraes que a pujante civilisação brasileira, com todos os elementos de força e grandeza, não aperfeçoasse o instrumento das idéas.» Não teve porém a precisa decisão para acceitar a desforra completa e ineluctavel. O verdadeiro alvitre seria não escrever um livro sobre a lingua como prometteu, nem entrar em questões de nonada, porque o final de contas não é por collocar-se o pronome mais atraz ou mais adiante que deixaremos de seguir a nossa grande viagem para os Andes. A resposta unica que J. de Alencar tinha a dar era—que de facto não punha muito empenho em saber a lingua

portugueza, — que o seu proposito era concorrer para *corrompel-a* no maximo grão, — recordando que só depois de algumas sortidas, como as que elle ia fazendo, se poderia dizer que no Brasil se fallava alguma coisa parecida com lingua de gente. Poderia ainda accrescentar que o portuguez é uma lingua emperrada, e que d'esse emperramento só nos libertariamos, considerando não existentes todos os typos de linguaagem até hoje apresentados como taes. Fazer pouco mais ou menos o que Gil Vicente fez em seu tempo encostarmo-nos ao povo.¹

O autor dos *Rascunhos* foi mais coerente e mais animoso. Como sabio, linguista de raça que é, não recuou diante da ideia de salvar toda a costa do Brasil da pirataria dos puristas, e grammatistas, a quem mostrou a superioridade de um verso « chué » sobre um trecho vernaculo e genuino.²

¹ Quem quizer convencer-se de quanto é rude e impossivel para nós a lingua portugueza, vá uma noite a *Phenix*. Alli verá as difficuldades com que lutam os artistas para appropriarem a phrase ao canto. A musica é como uma torrente que só rola seixos esphericos; as palavras porém da lingua portugueza são palavras qua iradas, esquinadas, que levam tempo a passar de um lado a outro.

² « A differença dos dous modos de fallar (o portuguez e o brasileiro) é real, fatal, não ha meio algum de evital a, tem de crescer pelo simples decurso do tempo, e de todo não vem ao caso se um dialecto é melhor do que o outro.

O maior merito de um sobre outro só depende do merito intrinseco dos productos litterarios que vem á luz.

« Poderão herrar quanto quizerem os rigoristas, o auctor que souber escrever bem, isto é, que souber apoderar-se do seu leitor não só pelas idéas que emite, mas ainda pela linguaagem expressiva, bem travada e numerosa, irá por diante,

Atraz das accusações de falta de vernaculidade vieram as das innovações. Não vejo n'isto se não uma questão pequenina, impropria de litteratos. Quem escreveu os dialogos do primeiro volume das *Minas de prata*, se quizesse, teria sido, sem difficuldade, um quinhentista. Do mesmo modo e por identicos processos não lhe custaria escrever com o estylo crú da feira da Ladra. E se lhe descobriram a fraqueza de apresentar como de lavra propria a introduçção de alguns vocabulos novos, não ha razão bastante para se lhe attribuir antes a um desejo immoderado de passar por erudicto, do que a improbidade litteraria. Não tem portanto justificação a censura dos criticos quando o invectivam pelas etymologias de Martius, que surgem

e o que na occasião apontarem os puristas como incorrecção, será em tempo futuro indicado como norma de Mnguagem boa, apta para o fim, e quando não na puderem explicar grammaticalmente, dar-lhe-hão o nome de *idiotismo*. » Baptista Caetano, *Rascunhos sobre a grammatica da lingua portugueza*, pag. 6.

« E querem que no Brasil se falle exactamente como em Portugal! Bem aviados estariamos nós si fallando de cousas de cá, de nossa terra, fossemos obrigados a dizer *aldeões* em vez de *roceiros* ou *caipiras*, *choças* em vez de *ranchos*, *púu* em vez de *chifre*, *casão* em vez de *calice de vinho*, *eira* em vez de *terreiro*, *ilha* em vez de *cortiço*, *ripada* em vez de *paulada* ou *sóva de péu*, *chispe de porco* em vez de *pé* ou *mocotó* de porco, *sapatos de polimennto* em vez de *sapatos de verniz*, *arrefecer* em vez de *resfriar*, *aziumar-se* em vez de *xangar-se*, *estar-recido* em vez de *interdicto*, *mólnante* em vez de *vadio*, ou *peralta*, *verguetro* em vez de *vergalho*, etc. Não poderíamos dizer *cuita de leite* ou *cuita de mate* porque lá o termo *cuita* designa a *rede de retroz*, que aqui as senhoras e as modistas designam por *invisível*, e os nossos folhetinistas, descrevendo toucados, é que se veriam em apuros dizendo que ellas traziam *cuíás* na cabeça! E fallando do moço que tomou um *tilbury*, seria preciso dizer tomou *uma tipota*, embora *tipota* (termo do nosso vocabulario) originariamente signifique camisa de mulher, depois *capa e facha suspensa ao hombro* ou *aos hombros*, e afinal hoje *facha* ou *suspensorio* em que se metta o braço doente. » Obr. cit., pag. 210.

sem indicações nas notas da *Iracema*, porquanto não só elle cita algumas vezes o nome do autor do vocabulario, como reproduz o que Martius em parte tirou de trabalhos anteriores já no dominio do publico. Estas arguições capciosas não passavam de poeira levantada no caminho pelo carro da fama de quem traçou tão lindas paginas.

A primeira aggressão grave que appareceu contra o merecimento de J. de Alencar foi a das *Cartas de Sempronio* (Franklin Tavora), de que foi precursor um certo *Farwest*, que no *Jornal do Recife* chamou-o até de « bohemio e traficante litterario. » Lamento que essa critica viesse envolvida nas *Questões do dia*, provavelmente pela lei dos arrastamentos encrustada de uma espuma biliosa bastante grossa para tirar-lhe grande parte de seu merecimento. Nessas cartas se encontram duas visiveis camadas que se repellem como o azeite e o vinho. A primeira é a que se assenta nas notas e observações que o critico acuradamente tomou sobre os livros: é criteriosa e acceitavel em muitissimos pontos. A segunda é a do *parti pris*, que poderia ter o mesmo effeito que as *Cartas sobre a confederação dos Tamoyos*, se F. Tavora estivesse para Alencar nas mesmas condições que Alencar para Magalhães. Neste intuito *Sempronio* foi infeliz, porque apesar do uso dos mesmos processos de aproximações e confrontações de textos, apesar de transcrever Cooper, Audubon, Aymard e outros pintores da natureza americana, não chega a convencer ninguem da superioridade dos trechos transcriptos. Por exemplo: na sua carta IV começa por descobrir impropriedades na

descripção do pampa no *Gaúcho*, e combate a classificação de «campinas melancolicas.» Em primeiro lugar é preciso ter em vista o subjectivismo da pessoa. O mar não é o mesmo para todos. Quando porém se queira regular pela média humana, ainda assim o pampa, posso garantir porque lá estive, é melancolico e solemne. Nem para essa verificação precisaria ir até o Rio Grande do Sul, nem appellar para o romancista francez. Bastaria consultar qualquer tratado de esthetica ou de physiologia. Ahi encontraria afirmada a invariavel impressão que causam na retina as linhas horisontaes ilimitadas,—a monotonia emfim. A descripção, transcripta do romance de G. Aymard, nem é superior como descripção, nem tem applicação ao caso. O romancista francez não se refere a solidão do pampa, mas as cercanias de uma pousada, aonde o movimento e a vida quebram toda a tristeza da paisagem. Neste modo de criticar dilata-se *Sempronio* longas paginas, trahindo o intento de mortificar o autor da *Iracema*, ridicularisando-o e descobrindo bellezas em trechos comparativamente inferiores. E' assim que nega a J. de Alencar nacionalismo e a qualidade de romancista de costumes, e o considera inferior a Crevecoeur, Washington Irving, Chateaubriand e Balzac, sob o fundamento de opiniões de F. Chasles, V. Hugo, Joubert. A habilidade do critico é incontestavelmenté subtil. Neste ponto ultimo discordo apenas na intensidade, e sinto que, em lugar de invectivar, não se occupasse mais extensamente sobre este assumpto.

J. de Alencar não cultivava a faculdade da observação, como já alludi em outra parte; a grosseria

e a fealdade das coisas reaes estava constantemente a repelil-o do mundo da experiencia. «Os poetas estão sempre constrangidos quando tem de manusear essas coisas tão pesadas que opprimem a imaginação : no fundo só ha uma coisa doce e verdadeiramente bella nesta vida, é o sonho.»¹ Essencialmente plastico, nunc^a poude meditar nas causas determinantes dos actos e das paixões humanas, nem nos destinos do mundo. Sem duvida alguma a classificação scientifica, ou o habito de armazenar factos foi-lhe sempre coisa desprezível. D'ahi o successo do *Guarany* e da *Iracema*, e os desastres das monographias já indicadas com o titulo de *Luciola* e *Diva*.

Nas censuras a *Iracema* «cujo estylo em geral pecca por inchado, por alambicado,» ainda torna-se mais palpavel a falta de isenção do espirito do critico.

E' sufficiente apontar as divergencias, para concluir que os verdadeiros mestres de *Sempronio* neste trabalho não foram nem Tayne, nem Ste. Beuve, nem mesmo Planche. O conselho partito da paixão. Não ha razão para sentir, em uma lenda do genero da *Iracema*, a falta dos clangores dos combates de Homero, as vibrações dos golpes de Achilles, os funeraes de Patroclo ; tanto mais quantõ o poeta, desprezando o *agora* indigena, aproximou-se da vida interior da cabana de Araken. Nem ha motivos para exigir-se-lhe a maneira de Durão e B. da Gama. A *Iracema* não é um poema, aonde o amor appareça em episodio, é uma pastoral

¹ Taine, Obr. cit. vol. V, pag. 437

tupy como Daphnis e Chloé, como Paulo e Virginia, como Atala, juntando aos ingenuos processos da imaginação meridional todas as acritudes, que o talento poude colher na flora e na fauna brasileira. Censura mais pungente encontra-se na carta VIII. Ridicularisa-se Martim por ter, depois de «cheia sua alma com o nome e veneração de seu Deus-Christo,» não haver conseguido que este Deus o «preservassê de commetter a vilania» de tornar a amante indigna de *guardar os sonhos da jurema*.¹ *Sempronio* chama vilania a paixão, o desvairamento de uma noite tropical, talvez a mais sentida de quantas o poeta descreveu. Eil-a :

Elle repelliu do seio a virgem indiana. Elle não deixará o rasto da desgraça na cabana hospitaleira. Cerra os olhos para não ver; e enche a alma com o nome e a veneração de seu deus :

— Christo!... Christo!...

Volta a serenidade ao seio do guerreiro branco, mas todas as vezes que seu olhar pouza sobre a virgem tabajara, elle sente correr-lhe pelas veias uma onda de ardente chamma. Assim quando a creança imprudente revolve o brasido de intenso fogo saltam as faúlhas inflammadas que lhe queimam as faces.

Fecha os olhos o christão, mas na sombra de seu pensamento surge a imagem da virgem talvez mais bella. Em balde chama o somno ás palpebras fatigadas; abrem-se máu grado seu....

A virgem ficou immovel.

— Vae e torna com o vinho de Tupan.

Quando Iracemá foi de volta, já o pagé não estava na cabana, tirou a virgem do seio o vaso que alli trazia occulto sob a carioba de algodão entretecida de pennas. Martim lh'o arre-
atou das mãos, e libou as gotas do verde e amargo licor.

¹ *Cartas de Sempronio* pag. 171.

Agora podia viver com Iracema, e colher em seus lábios o beijo, que allí viçava, entre sorrisos, como o fructo na corolla da flôr. Podia amal-a, e sugar d'esse amor o mel e o perfume, sem deixar veneno no seio da virgem.

O goso era vida, pois o sentia mais forte e intenso; o maior era sonho e illusão, que da virgem não possuia sinão a imagem.

Iracema afastara-se oppressa e suspirosa.

Abriam-se os braços do guerreiro adormecido e seus lábios; o nome da virgem resou docemente.

A jurity, que divaga pela floresta, ouve o terno arruillo do companheiro; bate azas, e vôa a conchegar-se ao tepido ninho. Assim a virgem do sertão aninhou-se nos braços do guerreiro.

Quando veio a manhã, ainda achou Iracema allí debruçada qual borboleta que dormiu no seio de formoso cacto. Em seu lindo semblante accendia o pejo vivos rubores; e como entre os arreboes da manhã scintila o primeiro raio do sol, em suas faces incendidas rutilava o primeiro sorriso da esposa, aurora de fruïdo amor.

A jandaia fugira ao romper d'alva e para não tornar mais á cabana. Vendo Martim a virgem unida a seu coração cuidou que o sonho continuava; cerrou os olhos para tornal-os a abrir.»¹

Depois vem uma questão de precedencia indianista, que nunca se pretendeu dar ao autor do *Guarany*.² Quando fôra que J. de Alencar se antepuzera a Bazilio da Gama, Durão e Gonçalves Dias, se não na fórma e na sua nova maneira de tratar novos assumptos?

«O apparecimento da lenda sertaneja,» diz o critico, «longe de corresponder a expectativa suscitada pelo *Guarany*, fel-a despenhar-se na mais amarga e

¹ *Iracema*, pag. 91—94. 3.^a ed.

² *Cartas de Sempronio*, pag. 177 e seg.

rude decepção.»² Ignoro qual o fundamento d'essa decepção; porque se, como já observei, a *Iracema* não é um poema barbaro, no rigor da palavra, se trescala o aroma genesisico das pastoraes em que o mestre se foi inspirar, é indubitavel, e n'isto Pinheiro Chagas faz-nos maior justiça, que nenhuma obra brasileira pode como ella recolher tão eloquentemente os aromas e a cores do Brasil. Que importa a contestura do livro; que importa a impossibilidade de amores selvagens como aquelles; que importam as simelhanças da lenda notadas pelo critico com o episodio gaulez de Eugenio Sue? Ha uma coisa que sobreleva a tudo isto: é o amor patrio, é o sentimento da terra que transuda energicamente de todas aquellas paginas. E' sómente isto o que torna a *Iracema* o mais brasileiro dos nossos livros. As brisas entre os carnahu-baes, aquellas vargens sonoras pelo arruido dos passaros, aquelles taboleiros de verdura, aquellas lagôas aromaticas não encontram rival em litteratura conhecida. *Sempronio* apesar de tudo nega essa qualidade a J. de Alencar.

Como bem disse *Farwest*, era preciso demolir *Senio*; e a obra começou.

Sylvio Romero, em 1873, cheio de todo o ardor bellicoso, que se pôde apoderar de um moço aos 20 annos, ao sentir-se forte pela ingestão de uma

¹ Obr. cit., pag. 187.

sciencia nova, entendeu que devia cahir sobre o autor de *Guaraný* como o gavião sobre a serpente que colleia languida por entre as altas hervas. Neste tempo o critico era mui creança ainda, e não podia conhecer os escriptos que analysava por um estudo largo e profundamente meditado. Dahi muitas injustiças e todos os defeitos que se póde arguir a um juízo de afogadilho. O jornal por elle fundado então em Pernambuco, de parceria com Souza Pinto e outros, o *Trabalho*, foj incontestavelmente um passo afouto na senda da neo-critica, maxime quando tudo conspirava para repellir idéas em uma terra, onde certos precedentes de carolismo punham todos de sobreaviso ao minimo chocalhar da cascavel do progresso. O terror ao veneno crotalico não lhe servio de embaraço. Começou a estudar a nova philosophia, e esta foi entrando a golfadas estrepitosas.

Já disse algures que a primeira phase da philosophia positiva é um pessimismo agudo, phase que infelizmente vemos propagar-se em fórma systematica no que se chama positivismo religioso. O contraste realmente entre essa maravilhosa construcção de Comte e o que nos cercava não era para produzir outro effeito, que não fosse a repugnancia ao que se dizia brasileiro. Sylvio Romero, pois, sob o influxo dessa doutrina, leu o que se havia escripto com mais ou menos exaltação sobre o romantismo, procurou os pontos de contacto no Brazil, e sem examinar detidamente os documentos, condemnou *in limine* não só o indianismo, como tudo quanto não tinha o cunho de opposição violenta ao arrefecido movimento littera-

Uma das coisas que mais feriram o amor proprio de J. de Alencar foi o dizerem por ultimo que as obras de *Senio* não tinham outro intuito sinão o lucro sordido. Fancaria! e pelos magros cobres da casa Garnier, seria uma deplorabilissima miseria! No prologo dos *Sonhos d'ouro* elle rebate essa aleivosia. Mas, como sempre, não parou: e começou a estorcer-se nas malhas de uma rêde angustiosa. Do mesmo modo que Balzac, pretendeu em má hora filiar todas as suas obras a um systema harmonico de ideias prestabelecidas. Era a necessidade de uma orientação que tarde lhe apparecia; mas em balde elle tentou concatenar os livros. «A litteratura nacional o que é sinão a alma da patria que transmigrou para este solo virgem com uma raça illustre, aqui impregnou-se da seiva americana desta terra que lhe servio de regaço; e cada dia se enriquece ao contacto de outros povos e ao influxo da civilisação?»¹ Vê-se que J. de Alencar convolava-se para alguma emoção nova, que indecisa pairava sobre seu espirito e diffundia-se sem concretar-se. Preoccupado com isto divide a litteratura brasileira em tres phases de que são representantes suas obras:—a aborigene (*Iracema*),—a colonial (*Guarany e Minas*) e a actual, subdividida em interior (*Gaúcho, Til*, etc.) e exterior (*Pata da gazella*

¹ *Sonhos d'ouro* (Benção paterna) vol. I, pag. XIII. Esta questão da existencia de uma litteratura no Brazil é para mim uma questão sem questão. Não se demonstra, mostra-se. Temos ou não temos. Os curiosos poderão recorrer ao que sobre este assumpto escreveram Ferreira de Menezes, (*Memorias da associação Culto a sciencia*, Novembro de 1864), Quirino dos Santos, (*Archivo Pictoresco*, vol. VI pag. 348), Joaquim Serra (*Reforma* de 7 de Novembro de 1869.)

Luciola, Diva, Senhora, etc.) Por mais engenhosa que seja essa systematisação *post-factum*, nota-se uma consideravel inconsistencia no intuito ; apenas denotando que no seu remigio o poeta em balde buscava alcançar os paramos d'esse mundo ignoto, que vive no futuro. Conheceram isto os criticos mal avisados e procuraram intrigar-o com o resto do Brazil litterario. A Joaquim Nabuco coube a ultima aggressão, tanto mais irritante quanto se apresentava com a luva de pelica e o sorriso nos labios. Não é para censurar que elle atacasse o autor do *Guarany*. Moço entusiasta, de estylo fluente, embevecido em todas as louçanias de uma vida parisieuse, avido de especção, estava no seu direito em procurar meios de fazer com que as vistas do publico convergissem para si. Se a sua critica tivesse ficado nas censuras que resaltam a todos os que lêm as obras de J. de Alencar, na analyse do character litterario do auctor de tantos livros, que elle mesmo ha de confessar que buscou imitar, nada haveria a accrescentar. Mas J. Nabuco nos seus *Domingos*¹, como bem ponderou J. de Alencar, quiz deitar espirito a custa de coisas muito sérias, e como Voltaire não trepidou em sacrificar ao *bon mot* não só a verdade dos factos, como a consciencia de um laborioso autor. Doe isto e doeu muito.

E só a espirito reduz-se toda a longa critica do escriptor a quem nós os abolicionistas entregamos o sympathico pendão da idéa regeneradora.

¹ Vide *Globo*, anno de 1875.

Seja como fór, ha uma coisa que os criticos nunca puderam negar a J. de Alencar: o estylo. E o estylo, como disse desde principio, foi a alma de suas obras. Muitos o deram como amaneirado. Acredito que algumas vezes o fosse, do mesmo modo que depois, no segundo periodo de sua vida, tornou-se emphatico e picaresco. Nos seus primeiros livros porém, na explosão, encontra-se um quid, que muito difficilmente se conseguiria definir. «Não se analysa, diz Ste. Beuve, a centelha, o raio que brinca sobre a escuma e o esfrolamento das vagas.» E' o que acontecê com os productos do primeiro buril de J. de Alencar. Rico de vocabulos, e de sensações propriamente suas, elle não pensava então na phrase, e esta sahia com toda a força e virgindade da alma de um artista apaixonado.

Se é verdade o que assegura Véron, isto é, que a arte não passa do poder de personalisar a realidade, e que o estylo é a resultante fatal do modo de ser e a expressão espontanea de concepções derivadas da combinação de influencias moraes ou physicas¹, não resta duvida J. de Alencar não foi um mediocre, que J. de Alencar teve uma feição.

O seu modo de ser litterariamente, os seus livros não tem um timbre que se confunda com o vulgar. Como escriptor destaca-se; a sua phrase apresenta um som proprio. A obra constitue incontestavelmente uma individualidade. Esse *quid*, a aristocracia desses

¹ E. Veron, *Esthetique*, pag. XIII, 153.

períodos cheios de arminhos, de côres niveas e elações repentinas para o desconhecido, de surpresas, de reviravoltas luminosas em torno do pensamento anestesiado, trahiriam-o em qualquer parte aonde se exhibissem paginas suas, embora sem assignatura. Ninguém confundiria com o de outro brasileiro esse estylo que, usando do juizo de Joubert relativo a Rousseau, «produz sobre a alma a mesma impressão, que causariam, tocando-nos, as carnes assetinadas de uma mulher formosa.» Tanto ha de mulher em sua phrase ! O tom de intima familiaridade e o *laissez aller* com que diz tudo quanto quer, sem ferir o gosto dos delicados, levam quasi sempre os seus leitores a retouçar no azul, deslisando-se por todos os encantos e tenues sybarítismos da vida. E' nestes momentos de hypnotismo que lhe apraz, as mais das vezes por meio de uma phrase de effeito, chamar a attenção para coisas minimas, vulgares, que as tintas de sua palheta, ou os vocabulos magicos tirados dos limbos do pensamento conseguem mostrar por uma face desconhecida, que deslumbra a todos e mergulha o espirito em um goso indefinido.¹

— Igual juizo encontro em Ste. Beuve a respeito de Mme de Swetchine :

«Ninguém a exceda na provisão de palavras adequadas a tempo e ao discurso, dando-lhe o necessario ardor. Estas palavras são como taxas brilhantes que ferem a vista. O pensamento brilha-lhe eugenioso e completamente ornado. Assim por exemplo ella diz: «Só no céo tem os anjos tanto espirito como os demónios...»

«Fica-se atônito... eutretanto, reflectindo-se, chega-se logo a verificar que toda essa phrase não passa de uma maneira menos prevista de dizer o que todos sabem, isto é, que os demónios na terra tem de ordinario mais espirito do que os anjos, que as mais das vezes mostram-se destituídos de bom senso.» Ste. Beuve, *Nouveaux Lundis*.

Tomo ao acaso dois exemplos no seu livro, mais cuidadosamente escripto.

O estrangeiro seguiu a virgem através da floresta.

Quando o sol descambava sobre a crista dos montes, e a oia desatava do fundo da mata os primeiros arrulhos, elle descobriu no valle a grande taba; e mais longe pendurada no rochedo, á sombra dos altos joazeiros, a cabana do pagé.

O anão fumava á porta, sentado na esteira de carnahuba, meditando os sagrados ritos de Tupan. O tenue sopro da brisa carmeava, como flocos de algodão, os compridos e raros cabellos brancos. De immovel que estava, sumia a vida nos olhos caivos e nas rugas profundas.

O pagé lobrigou os dous vultos que avançaram; cuidou ver a sombra de uma arvore solitaria que vinha alongando-se pelo valle fora.¹

Outro exemplo :

Martim vai a passo e passo por entre os altos joazeiros que cercam a cabana do pagé.

Era o tempo em que o doce aracaty chega do mar, e derrama a deliciosa frescura pelo arido sertão. A planta respira; um suave arripio erriça a verde coma da floresta.

O christão contempla o occaso do sol. A sombra, que desce dos montes e cobre o valle, penetra sua alma. Lembra-se do logar onde nasceu, dos entes queridos que alli deixou. Sabe elle se tornará a vê-los alguma dia?

Em torno carpe a natureza o dia que expira. Soluça a onda trepida e lacrimosa; geme a brisa na folhagem; e o mesmo silencio anhela de oppressão...

O sol remontou a umbria das serras; seus raios douravam apenas o viso das eminencias.

A surdina merencoria da tarde, precedendo o silencio da noite, começava de velar os crebros rumores do campo. Uma ave nocturna, talvez illudida com a sombra mais espessa do bosque, desatou o estridulo.²

¹ *Iracema*, pag. 21 (3.^a ed.).

² *Obr. cit.*, pag. 33 e 38.

A paginas como estas, cheias de scismas e de indolencias tropicaes, não raro seguem-se outras de uma vivacidade cuja impressão iguala a que nos causa uma manha de sol, depois de uma ligeira chuva. Tudo se torna agradável: o ar é tepido. De vez em quando a paisagem refresca-se com o orvalho, que desprendendo-se das folhas, levanta o balsamo das flôres. Cantam as garrietas, e as cigarras ao longe casam o surdo alarido com o gotejar das plantas humedecidas, com o rumorejo da brisa e a respiração do espectador. N'essas paginas o estylo joga com a jucundidade de todos os sentidos. Nunca porém essa phrase, ora chispante, ora avelludada, se subtilisa tanto, enchendo-se de suggestões velhacas, ou de seducções pudicas, como quando sua penna mergulha-se na meiguice para descrever a mulher. Escapam-lhe epithetos engenhosos, imagens, comparações, que de relance lembram um poeta, cuja alma nunca se aproximou da sua, um poeta que sabia forjar ao mesmo tempo o bronze e entretecer a filigrana de ouro subtil, um poeta que erigia estatuas como Macheth e vultos graciosos como Ophelia.

O sweetest, fairest lily! dizia Shakespeare quando pensava em suas hercianas, lyrios que mal comprehendem a sua existencia no meio d'aquellas crueis tempestades de apaixonados, de furiosos, de loucos. Não falava a J. de Alencar phrases semelhantes para pintar os seus lyrios, que, se não vivem mergulhados em uma paisagem crâne, por outro lado possuem o poder magico de embriagar todos quantos delles se aproximam.

Se refere-se á Iracema :

Os grandes olhos negros, fitos nos recortes da floresta e ramos de pranto, estão n'aquelles olhares longos e tremitos emba do e desfiando os aljofares das lagrimas que rorejam as faces.

A ará, pousada no girão fronteiro, alonga para sua formosa senhora os verdes tristes olhos... Os roseos labios da virgem não se abriam mais para que ella colhesse entre elles a polpa da fructa ou a papa de milho verde; nem a doce mão affagava uma só vez, alisando a doirada penugem da cabeça.¹

Luciola tira de sua palheta os toques delicados e sensuaes :

O que ainda vejo neste momento, se fecho os olhos, são as nuvens brancas e nitidas, que frocavam graciosamente, afilando com o lento movimento do leque, que de longe parecia uma grande borboleta rubra pairando no calice da magnolia. O resto suave e harmonioso, o colle e espaduas nuas, nadavam como cysnes naquelle mar de leite, que ondeava sob fórmas divinas.

A expressão angelica de sua physionomia n'aquelle instante a attitude modesta e quasi timida, e a singeleza das vestes niveas e transparentes, davam-lhe frescor e viço de infancia que devia influir pensamentos calmos senão puros. Entretanto o meu olhar avido e acerado rasgava os véos ligeiros e deannudava as fórmas deliciosas que ainda sentia latejar sob os meus labios.²

Os caprichos de Diva não diminuem o vigor d'esse pincel :

Não era alva, tambem não era morena. Tinha sua tez a côr das petalas da magnolia quando vão desfallecendo ao beijo do sol. Mimosa côr de mulher, se a avelluda a pubescencia juvenil, se a luz coa pelo fino tecido, e um sangue puro a escumilha de rozeo matiz. A d'ella era assim. Uma altivez de rainha cingia-lhe a fronte, como diadema scintillante na cabeça de uca

¹ Obr. cit. pag. 57.

² Luciola, pag. 46.

anjo. Havia em toda a sua pessoa um quer que fosse de sublime e excelso que a abstrahia da terra... As vezes, porém a impressão da leitura turbava a serena elação de sua figura, e despertava nella a mulher. Então desferia alma por todos os póros... Nesses momentos toda ella era somente coração, porque toda ella palpitava e sentia.

Foi essa mesma propriedade para descrever a mulher, essa concentração de seu temperamento no gracil, que lhe roubou da palheta as côres necessarias nos aspectos rudes da natureza. Não era um artista de mil almas (*myriad minded*) como o autor do *Hamlet*. Não obstante o seu estylo vivido e sentido demonstra que, na esphera em que seu talento e as tendencias de seu espirito o collocaram, elle actuou com uma força propria e original. A expressão é completa e a evôcação dos seus personagens e das scenas, que ellè admirou como idealista, traduzem se naquella allucinação forte, persistente que é o caracteristico dos verdadeiros artistas.

Post scriptum

Além das obras indicadas no texto, publicou J. de Alencar uma biographia do *Marquez de Paraná*, *A viagem imperial*, *Os partidos*, *pagina da actualidade*, *O Juizo de Deus*, *visão de Job*, *A côrte do leão*, obra escripta por um asno, *O vate bragantino*. Pelos jornaes existe disseminada uma infinidade de artigos seus sobre assumptos politicos e litterarios.

Alguns de seus livros foram transcriptos no estrangeiro. Do *Guarany* ha traducções para o francez, inglez, italiano e allemão. O capitão Burton trasladou para a lingua de Shakespeare a intraduzivel *Iracema*.

Os originaes que deixou dão materia talvez para oito volumes; infelizmente, porém, acham-se quasi todos incompletos. J. de Alencar contrahira o habito de escrever dez, doze obras ao mesmo tempo. Costumava ser atacado de uma especie de autorrhagia, que o impelia a esse tumultuar infindo de composições.

Dou aqui a lista dos ineditos, dos quaes só tres ou quatro estão concluidos:

OS FILHOS DE TUFAN, poema epico. Existem cinco cantos, mas só o primeiro está correcto.

NICTHERCY, poemeto.

VERSOS SOLTOS.

TEMORA, poema epico.

RIO DE JANEIRO, poemeto.

FLOR AGRESTE, comedia.

O CREDITO, comedia.

O ABBADE, drama.

SABRUELLA, drama.

A ROZEIRA, romance que começou a publicar com o título—O FAZENDEIRO.

A NETA DE ANHANGUERA, romance.

BORBOLETA, idem.

A FILHA DO BELCHIER, chronica.

- A DIVINA SATYRA, projecto de romance.
MEMORIAS DE UM BOTÃO, idem.
UM APRENDIZ DE MINISTRO, idem.
ESCABIOSA (sensitiva), perfil de mulher.
O PAGEM NEGRO, chronica colonial.
UM DESEJO DE SENIO, projecto de romance.
FLOR DE AMOR, idem.
O QUIMÃO DO PADRE FEIJÓ, fragmentos.
O ILOTA NO BRAZIL, idem.
TROVAS DE UM PALERMA, idem.
DISCURSOS.
A LINGUA PORTUGUEZA NO BRAZIL.
RASCUNHOS DE GRAMMATICA PORTUGUEZA.
METRIFICAÇÃO DO VERSO PORTUGUEZ, notas.
A PROPRIEDADE, tratado.
INTRODUÇÃO AO CODIGO CIVIL.
ESBOÇO DE UM CODIGO CIVIL.
PROCESSO PERANTE O JURY, etc.
QUESTÕES FORENSES, rascunhos.
PAGINAS DE HISTORIA INCONSTITUCIONAL, idem.

INDICE

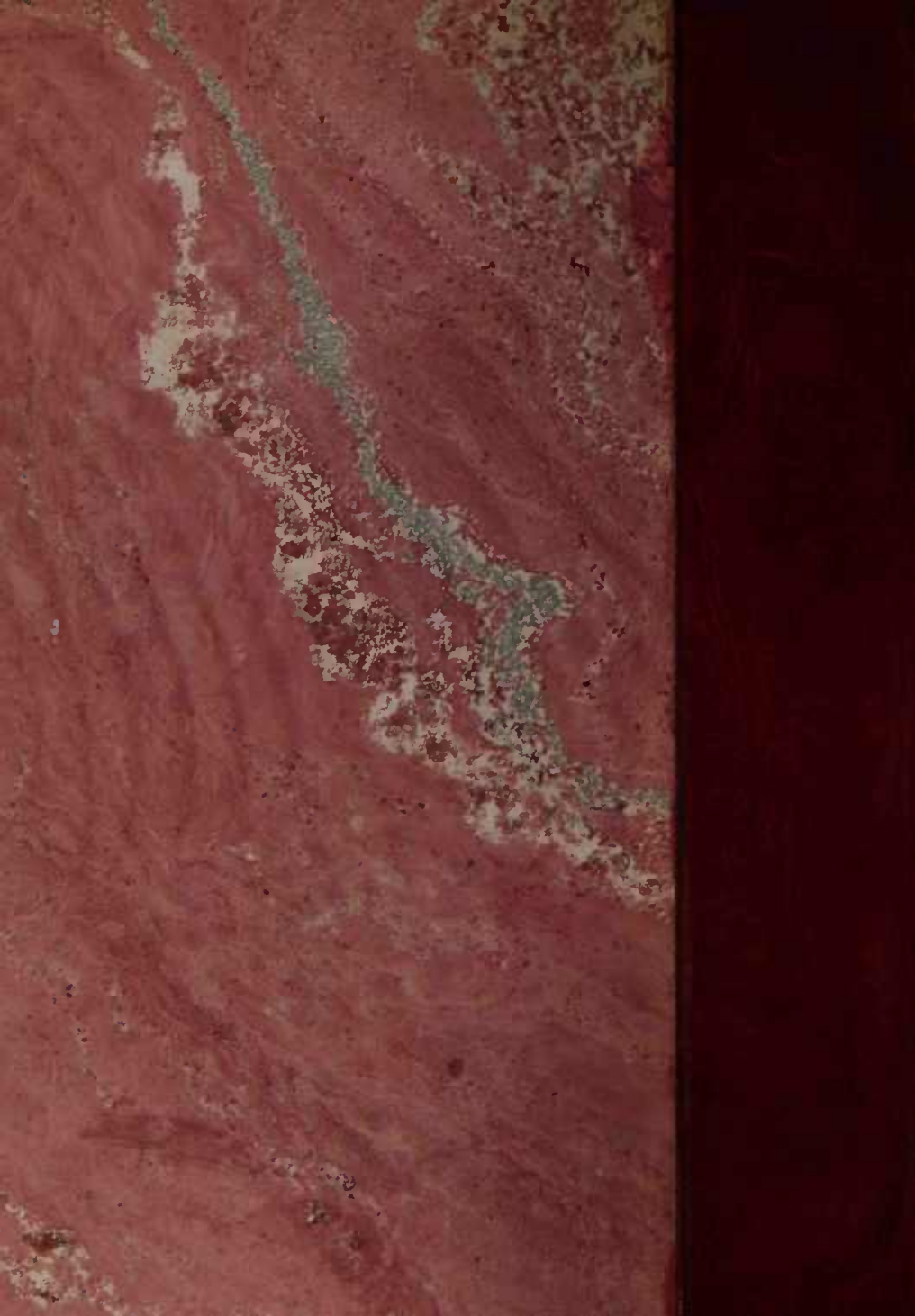
	PAGS.
ADVERTENCIA.....	VII
Introdução.....	1
I Genese artistica — 1829—55.....	7
II Explosão — 1852—56.....	27
III Acção e reacção—1856—63.....	63
IV O mesmo assumpto — 1856—63.....	95
V Declínio — 1865—77.....	129
VI O mesmo assumpto — 1865—77.....	157
VII A critica.....	193
Post-scriptum.....	217

INDICE

	PAGS.
ADVERTÊNCIA.....	vi
Introdução.....	1
I Gênese artistica — 1819—52.....	7
II Explosão — 1852—56.....	27
III Acção e reacção—1856—63.....	63
IV O mesmo assumpto — 1856—63.....	95
V Declínio — 1865—77.....	122
VI O mesmo assumpto — 1865—77.....	157
VII A critica.....	193
Post-scriptum.....	217







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).